

MARIA LYGIA DE CARVALHO ALLI MOLINEIRO

**VOCAÇÃO: UMA PERSPECTIVA JUNGUIANA  
A ORIENTAÇÃO VOCACIONAL NA CLÍNICA JUNGUIANA**

Mestrado em Psicologia Clínica

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

São Paulo - 2007

# **Livros Grátis**

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

MARIA LYGIA DE CARVALHO ALLI MOLINEIRO

**VOCAÇÃO: UMA PERSPECTIVA JUNGUIANA  
A ORIENTAÇÃO VOCACIONAL NA CLÍNICA JUNGUIANA**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de mestre em Psicologia Clínica, sob orientação do Professor Doutor Durval Luiz de Faria.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

São Paulo - 2007

**BANCA EXAMINADORA**

---

---

---

## AGRADECIMENTOS

Este estudo é resultado da participação no programa de mestrado no Núcleo de Estudos Junguianos da PUC São Paulo, onde foi desenvolvido. Agradeço aos queridos professores, que ao longo desse tempo inspiraram e apoiaram com seu conhecimento, entusiasmo e amor à psicologia junguiana. A Ceres Araújo, Denise Ramos, Marion Gallbach, Liliana Wahba, meu reconhecimento e gratidão.

Aos meus pais, exemplo de determinação, por todo incentivo e apoio, despertando em mim o gosto pelo estudo, pelo trabalho e pela vida.

A Jean Clark Juliano, pela sua importância no meu processo de descoberta pessoal e profissional, modelo de vocação e de vida.

A Alberto Lima, iniciador e mentor nos caminhos de Jung, desde o primeiro grupo de estudos, que me inspirou a aprofundar os estudos junguianos.

A Victor-Pierre Stirnimann, pela preciosa contribuição para a integração da teoria com a prática junguiana.

A Sukie Miller, pela iniciação na arte e no encantamento do trabalho com sonhos.

A Viktor Salis, seu conhecimento e entusiasmo pela cultura grega e pelos mitos, incentivaram meu interesse pelo *daimon* e pelo tema da vocação.

Aos queridos colegas e amigos do Núcleo Junguiano, Ana Carolina Garcia, Dado Salem, João Bezinelli, Ligia Bonini, Lury Yoshikawa, Márcia Baptista, Marilena Armando, Marisa Penna, Maria Lucia Ferreira, Reinalda da Matta por enriquecerem essa experiência acadêmica com seu conhecimento e amizade.

A Luísa de Oliveira pela preciosa amizade e colaboração.

A Dulce Amabis e Maria Cristina Marrey, pela amizade, incentivo e toda convivência criativa.

Aos meus clientes, pela confiança em partilhar suas histórias de vida.

Ao meu marido José Oswaldo, por toda a amorosa parceria e apoio durante a realização deste trabalho.

A Clarissa e Cristiana, por todo carinho e compreensão, expressões vivas da minha vocação.

A Durval Luiz de Faria, meu orientador, pelo incentivo, confiança e apoio durante este percurso.

## RESUMO

Molineiro, Maria Lygia de Carvalho Alli. *Vocação: uma perspectiva junguiana. A orientação vocacional na clínica junguiana*. São Paulo, 2007. Orientador: Dr. Durval Luiz de Faria.

Palavras-chave: Vocação, psicologia analítica, orientação vocacional, individuação.

O presente estudo tem como objetivo compreender a temática vocacional na perspectiva da psicologia analítica e investigar a especificidade da abordagem junguiana na sua dimensão teórica e na prática clínica, em orientação vocacional. Apresenta estudo teórico com os princípios que fundamentam a compreensão da psicologia analítica sobre o conceito de vocação, incluindo-a no painel das diferentes perspectivas teóricas sobre o assunto. A psicologia junguiana entende que o desenvolvimento da personalidade implica a escolha livre e consciente de um caminho pessoal, que inclui a dimensão profissional, em harmonia com o Self, o arquétipo da totalidade e eixo ordenador da psique consciente e inconsciente. Esta dissertação enfatiza a compreensão da psicologia junguiana sobre a adolescência como etapa do desenvolvimento, fase de mudanças e transformações e período da vida em que se iniciam as escolhas pessoais e profissionais e a considera como uma etapa do processo de individuação. Aborda o assunto da vocação na antiguidade grega, como referencial da cultura ocidental e discute a questão da adolescência e da escolha vocacional na contemporaneidade. Apresenta uma ilustração clínica a título de exemplificação de orientação vocacional na perspectiva junguiana.

## **ABSTRACT**

Molineiro, Maria Lygia de Carvalho Alli. *Vocation: A Junguian Perspective. The vocational orientation in Junguian Clinic*. São Paulo, 2007. Orientator: Dr. Durval Luiz de Faria.

Key words: Vocation; Adolescence; Analytic Psychology; Vocational Guidance; Individuation

This present study aims at understanding the vocational thematic under the perspective of the Analytic Psychology and investigating the specification of the Junguian approach on its theoretical dimension and clinical practice concerning Vocational Guidance. It presents a theoretical study along with the principles which give the bases to the understanding of the Analytic Psychology about the vocational concept, including it in the list of the different theoretical perspectives on the subject. The Junguian Psychology understands that the development of the personality implies the free and conscient choice of a personal path, which includes the professional dimension, in harmony with the Self, the wholeness archetype, and the ordenating axle of the conscient and unconscient psyche. This dissertation emphasizes the comprehension of the Junguian Psychology about adolescence as a stage of development, a phase of changes and transformations and a life period when the personal and professional choices begin to be taken and considers it as a step in the individuation process. It studies the issue of vocation in the Ancient Greece, as a reference of the western culture, and debates the issue of adolescence and of vocational choice in contemporary times. It presents a clinic illustration sample of Vocational Guidance in a Junguian perspective.



Para José Oswaldo, Clarissa e Cristiana

Repara bem que a obra que te propões a fazer é no mais alto de tudo. Sonhar é encontrarmo-nos. Vais ser o Colombo da tua alma. Vais buscar as tuas paisagens. Cuida bem, pois em que o teu rumo seja certo e não possam errar os teus instrumentos.

(PESSOA, 2006, p.440)

# SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>11</b>
<b>1. VOCAÇÃO: CONCEITOS E ABORDAGEM NA CLÍNICA PSICOLÓGICA.....</b>	<b>21</b>
1.1 A PSICOLOGIA ANALÍTICA E VOCAÇÃO.....	22
1.2 ORIENTAÇÃO VOCACIONAL.....	31
1.2.1 A ORIENTAÇÃO VOCACIONAL NO BRASIL: BREVE HISTÓRICO.....	33
1.3 AS DIFERENTES ABORDAGENS PSICOLÓGICAS DA VOCAÇÃO .....	35
1.3.1 A MODALIDADE ESTATÍSTICA .....	35
1.3.2 A MODALIDADE CLÍNICA .....	36
1.4 TEORIAS PSICOLÓGICAS NA ORIENTAÇÃO VOCACIONAL: O CENÁRIO ATUAL .....	37
1.4.1 ABORDAGENS PSICODINÂMICAS .....	38
1.4.2 ABORDAGENS SÓCIO - HISTÓRICA E SÓCIO - COGNITIVA .....	40
1.4.3 A ABORDAGEM ANALÍTICA .....	41
<b>2. JUNG E A VOCAÇÃO: NA SUA VIDA E NA SUA OBRA .....</b>	<b>44</b>
2.1 FUNDAMENTOS DA PSICOLOGIA JUNGUIANA.....	58
<b>3. OS JUNGUIANOS: VOCAÇÃO E DAIMON .....</b>	<b>66</b>
3.1 MARIE-LOUISE VON FRANZ E A ESCOLA CLÁSSICA.....	69
3.2 JAMES HILLMAN E A ESCOLA ARQUETÍPICA.....	73
3.2.1 O FRUTO DO CARVALHO .....	75
3.3 A ESCOLA DESENVOLVIMENTISTA.....	79
3.4 JOSEPH CAMPBELL (1904-1987) E A DIMENSÃO MÍTICA DA EXPERIÊNCIA HUMANA .....	80
<b>4. RESGATANDO AS ORIGENS: OS MITOS, O PENSAMENTO GREGO E A COMPREENSÃO DO CAMINHO HUMANO .....</b>	<b>87</b>
4.1 OS MITOS E A CONCEPÇÃO GREGA.....	89
4.1.1 A ESTÉTICA .....	89
4.1.2 OS TALENTOS E CARISMAS .....	90
4.1.3 A PAIDÉIA: A CONCEPÇÃO GREGA NA FORMAÇÃO DO JOVEM .....	91
4.1.4 ARETÉ, KALOKAGATHIA E ALETHÉIA .....	94
4.2 AS ETAPAS DA PAIDÉIA E O CAMINHO DO HERÓI .....	97
4.3 OS RITOS DE INICIAÇÃO .....	101
4.4 DA GRÉCIA CLÁSSICA AO MUNDO CONTEMPORÂNEO .....	107
<b>5. ADOLESCÊNCIA, JUVENTUDE E CONTEMPORANEIDADE .....</b>	<b>113</b>
5.1 CONTEMPORANEIDADE: MOLDURA DO NOSSO TEMPO .....	113
5.2 ADOLESCÊNCIA: QUEM É O SUJEITO DE QUEM FALAMOS .....	123
5.3 ADOLESCÊNCIA E DESENVOLVIMENTO DA PSIQUE .....	125
5.4 ADOLESCÊNCIA E ORIENTAÇÃO VOCACIONAL .....	137
<b>6. MÉTODO.....</b>	<b>140</b>

<b>7. ILUSTRAÇÃO CLÍNICA .....</b>	<b>148</b>
7.1 RELATO DO CASO: PEDRO, 26 ANOS .....	148
7.2 PESQUISA DE DADOS .....	153
7.2.1 MATERIAL EXPRESSIVO: DESENHOS .....	154
7.2.2 AS FIGURAS .....	160
7.3 TIPOLOGIA PSICOLÓGICA.....	164
7.4 OS SONHOS .....	167
7.5 ETAPA DA INVESTIGAÇÃO DE INTERESSES E APTIDÕES .....	172
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>190</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>207</b>

## INTRODUÇÃO

A escolha vocacional e profissional configura-se como tema cada vez mais relevante e presente no discurso e no enredo dos adolescentes, dos jovens e dos adultos na sociedade contemporânea.

A temática que norteia esta pesquisa está presente nas mais diversas áreas da expressão humana. Relatos que revelam a descoberta e o diálogo, os encontros e os desencontros entre o homem e sua vocação despertam a curiosidade e interesse desta pesquisadora.

O histórico da escolha vocacional, relatado por pessoas que se destacaram em diferentes áreas de atuação, de forma singular e notável, tornou-se uma fonte para as indagações deste estudo. Independente do sucesso ou importância social da ocupação, alguns indivíduos mostram uma intrínseca ligação, um brilho, uma afeição, uma vibração com aquilo que fazem. A qualidade dessa ligação, entre o indivíduo e a atividade que escolheu exercer, parece ser um diferencial na vida das pessoas.

O interesse pelo estudo do tema vocação procede também da escuta de depoimentos no contexto da prática clínica, no atendimento de adolescentes e adultos, que buscam orientação para questões pessoais e vocacionais.

A palavra vocação faz parte da linguagem do senso comum, ainda que com diferentes níveis de compreensão, e está presente na vida e nas escolhas cotidianas.

O trecho abaixo é exemplo de narrativa que reflete a intensidade e significado do conceito.

Feliz é aquele que ama seu trabalho. Ernest sentia-se um felizardo, claro. Mais que felizardo. Abençoado. Era um homem que tinha encontrado sua vocação, um homem que poderia dizer: estou exatamente no lugar ao qual pertença no turbilhão dos meus talentos, meus interesses, minhas paixões. (YALOM, 2006, p.9).

Vocação, do latim *vocatione*, em seu sentido etimológico significa “o ato de chamar, convocação, citação, convite, vocação divina, chamado”. (MACHADO, 1990, p.404).

A psicologia analítica, desenvolvida sob a inspiração e fundamentos do trabalho de Carl Gustav Jung e de seus seguidores, possui um referencial próprio e específico para o entendimento e abordagem da temática vocacional na esfera clínica?

Compreender a vocação sob a perspectiva junguiana, na busca de responder a referida questão, na abordagem clínica e teórica, é o objetivo deste trabalho.

Este estudo responde também a um interesse profissional, surgido no atendimento de adolescentes e adultos em consultório, em orientação e mais recentemente, em reorientação vocacional.

A obra de Hillman (1997), *O Código do Ser, Uma busca do caráter e da vocação pessoal* representou um convite à reflexão, instigando a presente pesquisa, por abordar a temática da vocação sob a ótica da psicologia junguiana. A psicologia arquetípica, desenvolvida por Hillman, ao associar a idéia da vocação ao conceito de *daimon* e a *anima mundi* amplia a discussão sobre o tema e a aproxima do contexto cultural do homem e da sociedade contemporâneos. Estendê-la à prática clínica é um dos propósitos deste estudo.

A própria definição do que seja um indivíduo na contemporaneidade passa por essa questão. Quando alguém se apresenta ou é apresentado no contexto social, pronuncia seu nome, que lhe confere identidade e singularidade, para ouvir em seguida a pergunta que aparece naturalmente:

"E o que você faz?"

A família, a origem e as inserções sociais, históricas e econômicas, são dados significativos, mas não definem *a priori* esse indivíduo na rede social, o lugar que ocupará no mundo e sua importância. Encontrar seu papel na coletividade e definir um senso de identidade, integração e pertencimento são tarefas que o adolescente e o jovem têm que enfrentar.

Existe uma indagação sobre o papel específico que se escolheu nessa teia social e uma pressão para que essa resposta seja encontrada o mais cedo possível, na modernidade alta ou tardia ou pós-modernidade, como é chamado pelos estudiosos da sociologia esse tempo em que vivemos.

Os adolescentes e jovens buscam encontrar essa resposta o quanto antes, geralmente com o término do ensino médio, que ocorre aproximadamente entre os 17 e os 20 anos. Efetuar essa escolha atende não somente indagações próprias,

mas também às expectativas que vêm do mundo à sua volta: família, amigos, escola.

A definição vocacional tem sido muitas vezes acompanhada de uma grande dose de angústia e indecisão, justamente por tratar-se de uma escolha significativa, mas precoce, que acontece simultânea à iniciação do adolescente na direção da autonomia e de fazer escolhas, junto aos demais ritos de passagem característicos dessa etapa única na experiência humana.

A cultura coloca outro paradoxo diante desse sujeito, autor e ator desse momento. Afirma que a escolha vocacional é de grande importância e merece ser respondida com envolvimento pessoal e reflexão e autonomia de escolha, pois traz importantes consequências vinculares e ao mesmo tempo defende a existência de profunda crise econômica e social, geradora de indefinições e restrições.

Tem acontecido, com frequência, que após definida sua escolha, o adolescente percebe que esta não se encontra ancorada nos seus talentos e interesses mais genuínos e acaba desistindo da sua opção, voltando a se questionar sobre seu rumo. Uma pesquisa da Universidade de São Paulo, desenvolvida por Lehman (2005), exemplifica nossa afirmação, ao apontar alto índice de alunos que, depois de concorrido vestibular, acaba por abandonar seus cursos, sendo o principal motivo alegado “não tinha certeza quanto à escolha do curso”. (SOUZA, 2004, p. A).

Alguns autores têm estudado a questão do fenômeno da evasão escolar no ensino superior, e apontam um conjunto de causas para a evasão, entre as quais o despreparo dos adolescentes e jovens para a escolha, e o desconhecimento sobre os cursos e as profissões.

Entende-se que tais estudos apontam à necessidade do trabalho vocacional, não somente em relação à primeira escolha efetuada, mas também na constatação da incompatibilidade e insatisfação com a escolha inicial, quando então uma reorientação pode ser indicada.

Atravessamos uma época de mudanças extremamente rápidas, nas quais os parâmetros que norteiam a economia, as noções de trabalho e de inclusão social passam por intensas revisões e transformações, gerando inquietações com o presente e dúvidas diante do futuro. Os teóricos da economia afirmam que as relações do homem com o trabalho passam por redefinições e que a própria questão das profissões está em mutação e enquanto algumas perdem sua função, importância e deixam de existir, outras novas são criadas. (Zarias, 2007, p.6).

A cultura ocidental está dominada por uma visão pragmática, voltada mais para o resultado do que para o processo, atribuindo pouco valor à dimensão humanista, guardiã da alma e da essência do indivíduo. Apresenta respostas sofisticadas do ponto de vista técnico e tecnológico, mas não prioriza, na mesma medida, a ciência voltada para o homem na sua dimensão psíquica, social e espiritual.

A escolha vocacional irá acontecer neste cenário e engloba tanto a perspectiva individual e o processo de identidade do adolescente, como também lança as sementes de sua inserção na coletividade e no âmbito social, portanto, à sua própria definição enquanto cidadão.

Ao focar neste trabalho o assunto vocacional na contemporaneidade, considerada sob os determinantes sociopolíticos e econômicos, encontra-se outro aspecto relevante da questão: o distanciamento do homem contemporâneo de seus valores éticos e morais e a relação deste fenômeno com o dilema social e humano que se vive na atualidade permeia toda a discussão deste trabalho.

Entende-se, nesta perspectiva, a escolha vocacional como a adoção de um caminho para onde a vida será orientada, com o olhar, a intenção, a vontade e a ação. Essa escolha principia com a escuta pelo indivíduo da sua voz interior, reveladora de seus talentos, habilidade, aptidões, suas características mais peculiares, que lhe conferem singularidade.

A busca do autoconhecimento no trabalho vocacional precede a escolha da profissão e do roteiro a ser seguido para realizá-la. Não se trata apenas de *uma* escolha, mas do ajuste de instrumentos e da direção a seguir, pois muitas outras opções vocacionais e profissionais serão vividas na trajetória de uma vida, que inclui evolução e transformações. As mudanças serão inevitáveis, neste tempo em que acontecem tão velozmente, afetando todas as áreas da experiência humana. Mas o indivíduo pode manter o senso de estar no caminho, estar em conformidade com sua essência, com seu Self e com o seu chamado.

A cultura relega ao segundo plano esses aspectos da questão, privilegiando uma decisão baseada em argumentos racionais, probabilidades e resultados. Esta constatação direcionou este estudo para a busca das bases culturais, históricas e psicológicas para a compreensão da vocação.

A Paidéia, como era conhecida a educação grega no século V a.C. apresenta o antropos, o "homem obra de arte, ético e criador", como modelo para o homem



atual. Os gregos atribuíam grande importância aos mitos e aos valores éticos e estéticos para o desenvolvimento humano. A concepção grega do ser humano em constante evolução incluía tanto o aperfeiçoamento das virtudes como o governo dos vícios. (SALIS, 2002, p.10).

O mito, como linguagem pedagógica e universal abriu para o homem as portas do entendimento, da magia e do encantamento sobre si mesmo, também encontra paralelo na concepção junguiana. Os mitos, na antiguidade, revelavam a totalidade da experiência humana, seus opostos e contradições e a possibilidade da superação e aperfeiçoamento.

Os heróis da mitologia mudam, encontram a linguagem própria de cada época, mas conservam sua essência e estão vivos e presentes na atualidade, expressando as relações do homem consigo, com o outro e com o mundo à sua volta. Os mitos são atemporais, contam a história da evolução humana e apontam para o futuro, para objetivos, indicando os modelos para alcançá-los. Para Eliade (2004, p.8), por seu caráter sagrado e exemplar, conferem significado e valor à existência.

A proposta grega de que o homem deve desenvolver-se continuamente, buscando atingir a aristéia, a semelhança com os deuses, aproxima-se à concepção junguiana do processo de individuação, “movimento em direção à totalidade, de integração de diversos elementos e potencialidades, de integração do consciente com o inconsciente”. (SALLES, 1990, p.45).

O processo de individuação é um dos conceitos centrais e mais importantes da psicologia de Jung. Este estudo propõe pesquisar sua ligação com os aspectos relacionados à temática da adolescência e da escolha vocacional.

Há um cenário bem definido quanto ao trabalho vocacional na psicologia atual, com o predomínio de algumas abordagens, sendo duas as vertentes principais: a abordagem psicanalítica e a abordagem sócio-histórica.

O psicólogo argentino Bohoslavsky (1995), em seu trabalho pioneiro, propôs um enfoque clínico, fundamentado no referencial psicanalítico heterodoxo, baseado em Freud, Klein e outros autores, nomeado como *Orientação Vocacional - Estratégia Clínica*. Seu livro foi lançado no Brasil em 1977 e com proposição inovadora e transformadora estabeleceu uma referência para a psicologia vocacional clínica e consolidou as estratégias psicodinâmicas na área da orientação vocacional

A abordagem sócio – histórica, embasada nos conceitos da psicologia cognitiva e social ocupa importante espaço no trabalho vocacional, com ênfase nos aspectos clínicos e sociais. Tem como fundamento a compreensão dos determinantes históricos do sujeito e a sua inserção social. Fincada em uma nova psicologia social de base materialista histórica, e influenciada pelo pensamento de Vigotsky, enfatiza os processos cognitivos envolvidos na questão da vocação. (BOCK, 1995, p. 14).

Levenfus (2004, p.44) aponta duas importantes constatações em estudo sobre diferentes escolas em orientação vocacional e ocupacional: que há uma flagrante hegemonia das abordagens que enfatizam os processos cognitivos responsáveis pelo encaminhamento das questões vocacionais dos indivíduos e que existe uma carência de atenção sobre os componentes afetivos que permeiam tais processos. Tal constatação ampara as justificativas deste estudo.

A bibliografia junguiana sobre o tema da adolescência, vocação e da orientação vocacional, é bastante escassa, o que pode vir a possibilitar, por parte de autores pouco familiarizados com o referencial teórico-prático da psicologia analítica, referências apenas superficiais, com alguns recortes teóricos e sem a abrangência requeridas.

Existem poucas pesquisas de orientação analítica sobre o tema; uma delas é a dissertação apresentada por Gimenez (1998), na Universidade de São Paulo, intitulada *Orientação Profissional numa abordagem clínica junguiana: da técnica ao ritual*.

Pioneiro e importante em nosso meio, este trabalho solo convida a outras discussões, justificando a realização desta pesquisa.

Há diferenças ao se falar em orientação vocacional e em orientação profissional, ou são usadas com o mesmo significado? Qual a terminologia mais adequada? Essas são perguntas secundárias que se pretende abordar, dada a sua pertinência com a temática aqui proposta.

O trabalho inicia-se com a conceituação de vocação, orientação vocacional e sua abordagem clínica sob diversas perspectivas teóricas, apresentando um breve resumo teórico e histórico sobre o tema, no Capítulo 1. Os princípios que fundamentam a compreensão da psicologia analítica sobre o conceito de vocação são anunciados, incluindo-a no painel das diferentes perspectivas sobre o assunto.

A história da psicologia analítica e a história pessoal de Jung encontram-se profundamente ligadas. Esta pesquisa faz uma leitura detalhada de *Memórias, sonhos, reflexões*, a autobiografia de Jung, buscando o relato de como foi sua própria descoberta vocacional. Outras obras de Jung foram pesquisadas objetivando destacar os fundamentos da sua teoria vinculados com as questões do *daimon*, vocação, individuação e desenvolvimento da psique. Estes tópicos serão abordados no capítulo 2.

As contribuições, comentários e observações de autores junguianos, que ratificam ou complementam o pensamento analítico, no tocante a esta proposta de estudo, serão relatados a seguir, no capítulo 3. São eles: Marie-Louise Von Franz, James Hillman, Michael Fordham, autores destacados no universo junguiano, representantes de diferentes escolas do pensamento junguiano.

Joseph Campbell, que em sua obra enfoca a dimensão mítica e transcendente da experiência humana, assim como a jornada do herói, está incluído entre os autores que consolidam a perspectiva analítica. Diferente dos demais, não era psicólogo e sim antropólogo, pesquisador de mitologia e história comparada; sua obra explora o conceito da bem-aventurança, a descoberta do caminho pessoal e a jornada do herói, relacionada com a descoberta da vocação pessoal, e reflete significativa aproximação com a escola junguiana.

Jung, e outros autores alinhados com a psicologia analítica, como Von Franz e Hillman fazem referências ao *daimon* ao abordar o tema da vocação. A concepção da cultura clássica grega revela a essência dos conceitos de vocação e talento, assim como apresenta sua compreensão do *daimon*, a voz interior, que indica ao indivíduo o caminho de aperfeiçoamento e realização criativa.

Os séculos VI e V a.C. representaram um ponto de transição, uma “brisa de despertar” na história da humanidade. O pensamento e o impulso criativo dos gregos representaram e ainda representam uma fonte de luz e conhecimento para a cultura ocidental. (Gleiser, 2006, p.38).

O modelo grego propunha soluções modernas, como a valorização do homem como *anthropos*, o homem obra de arte, ético e criador e dos valores estéticos e éticos para a vida humana, o que justifica sua inclusão neste estudo no capítulo 4.

Uma das marcas do tempo atual é a gravidade e a urgência das questões sociais, éticas e ecológicas, que convidam respostas que dêem sentido à nossa existência e tragam possibilidades de um mundo melhor. O adolescente está no

centro deste estudo: tem que enfrentar a crise natural e normal da adolescência, repensar seu lugar na teia social, encontrar uma identidade e um projeto de vida e ao mesmo tempo adaptar-se à realidade e fazê-la funcionar. A escolha vocacional deve considerar essa perspectiva social e ética, além da esfera individual, pois a individuação, o processo de desenvolvimento ao longo de toda a vida, objetiva a personalidade do indivíduo, mas o entende inserido coletivamente.

O processo de individuação e o desenvolvimento da psique adolescente na perspectiva junguiana são enfocados em suas implicações com o conceito de vocação.

A adolescência é, por definição, dilemática e permeada por conflitos e vivências de polaridades. Adolescentes e jovens vivem essa fase de transição e mudanças e têm a oportunidade de enfrentar um dos maiores desafios desse momento: a escolha entre permanecer em um nível mais regredido e “confortável” de desenvolvimento e assumir o risco de se colocar conscientemente no esforço heróico de acessar sua autonomia. Qual o papel do psicólogo nessa travessia, difícil e necessária?

Aberastury (1974, p.10) define a adolescência:

O adolescente atravessa por desequilíbrios e instabilidades extremas, [...] é perturbado e perturbador para o mundo adulto, porém necessário, absolutamente necessário para o adolescente, que neste processo vai estabelecer sua identidade, que é um objetivo fundamental deste momento vital.

Contextualizar no tempo presente o tema da vocação e promover a reflexão sobre o adolescente da atualidade, suas descobertas e as relações e inserções sociais é a proposta que estabelecemos para o capítulo denominado *Adolescência, Juventude e Contemporaneidade*.

O capítulo denominado *Método* apresenta os objetivos e o caminho percorrido para a construção deste trabalho.

Considerou-se oportuna a inclusão de um caso de atendimento em orientação vocacional clínica, em capítulo intitulado *Ilustração Clínica*, para exemplificar a concepção teórica e a estratégia da abordagem analítica.

Propõe-se a seguir a discussão, espaço de reflexão sobre a temática e seus desdobramentos, assim como a síntese da argumentação desenvolvida para responder aos objetivos desta dissertação.

As principais conclusões e assertivas deste trabalho são apresentadas, no capítulo *Considerações Finais*, assim como as propostas e sugestões que possam contribuir, de algum modo, na construção do conhecimento e aperfeiçoamento de nossa prática psicológica.

O ser poeta  
e escritor  
não constitui profissão,  
mas vocação.  
(PESSOA, 2005).

## 1. VOCAÇÃO: CONCEITOS E ABORDAGEM NA CLÍNICA PSICOLÓGICA

A palavra latina para designar voz é *vox*. Vocação, palavra derivada de, *vocatio*, *vocatione*, refere-se ao ato de chamar, à escolha, inclinação natural, propensão, queda, convocação, citação, convite. (Machado, 1990, p.404).

O termo comumente indica a existência de uma tendência, um talento especial que se destaca no conjunto de atributos e características de uma pessoa, ao manifestar-se como resposta a algo que chama o indivíduo de uma maneira especial.

A palavra *vocação* foi associada ao atendimento a um chamado divino, e à escolha da vida religiosa. O sentido original do termo é teológico, como destaca Millan (2005, p.79), pois se referia ao chamamento de Deus para que o homem seguisse seu caminho particular.

O campo da espiritualidade e da vivência religiosa do homem foi estabelecido, por muito tempo, como o terreno mais apropriado para a reflexão do tema vocação. Outras concepções e abordagens humanísticas começaram, pouco a pouco, a ganhar relevância, o que levou a temática para o campo da filosofia, da antropologia e da psicologia.

Em capítulo intitulado *A intrincada questão da vocação*, Millan (2005, p.80) cita extensa revisão da literatura sobre o tema da vocação, relacionando as mais antigas referências encontradas sobre o mesmo, entre as quais:

Em 1474 Campbell realizou uma pesquisa em Londres sobre as profissões existentes na época e concluiu que cada indivíduo é dotado de talentos naturais que favorecem o exercício de determinado ofício. Com sabedoria, destaca a importância do prazer do exercício profissional e sugere aos pais que permitam que seus filhos escolham a profissão que mais os agrada. Ainda no século XV, em 1488, Arévalo publica o *Speculum Vitae Humanae* onde afirma que as inclinações naturais e as circunstâncias da vida são as responsáveis pela escolha profissional.

Situa o período compreendido entre o final do séc. XIX e o início do séc. XX, como a época em que a questão da vocação passou a ser enfocada como disciplina científica, dando origem aos primeiros ensaios sobre orientação vocacional, a partir dos trabalhos de Catell (1890), Binet (1916) e Galton (1928). Esse período tem início em 1879 com a criação por Wundt, na Alemanha, do primeiro laboratório de psicologia. Até essa época, que marca o início da psicologia moderna como área da ciência, a psicologia estava associada ao estudo da alma e da mente. (MILLAN, 2005, p. 80).

Para contrapor-se a essa abordagem predominantemente filosófica e subjetiva, estabeleceu-se uma nova forma de investigação, de cunho mais objetivo e estatístico, visando à compreensão científica dos fenômenos psicológicos, dando origem a psicometria. Esse entendimento influenciou a compreensão e tratamento da questão vocacional no campo da psicologia. Vocação passou então a estar relacionada a critérios de avaliação e medida de determinados aspectos ou fatores. Surgiram assim os testes de aptidão, inteligência, interesse e personalidade, aplicados à questão vocacional.

O conceito de vocação, na atualidade, é objeto de diferentes compreensões, e a metodologia da sua abordagem está diretamente associada aos paradigmas das diferentes escolas em psicologia. Não se pode falar em *uma* maneira de se entender vocação, mas de modos diversos que levam as diferentes metodologias para seu manejo no campo conceitual e clínico.

## 1.1 A PSICOLOGIA ANALÍTICA E VOCAÇÃO

A psicologia analítica entende vocação como o chamado à manifestação da individualidade, singularidade e diferenciação de cada pessoa. A diferenciação individual acontece dentro do processo de desenvolvimento e integração ao longo da vida, o processo de individuação:

"Individuação significa tornar-se um ser único, na medida em que por 'individualidade' entendemos nossa singularidade mais íntima, última e incomparável, significando também que *nos tornamos nosso próprio si - mesmo*". (JUNG, 1988, §266, p.49).



O conceito de vocação é entendido na relação do Ego, a instância e centro regulador da consciência, com o Self, a totalidade da psique e o arquétipo central, o profundo eixo ordenador da psique consciente e inconsciente.

Vocação tem uma dupla direção: é o chamado e a resposta a ele, e atua no plano da alma, dos aspectos inconscientes da psique e no plano da consciência, pois envolve escolha, responsabilidade e comprometimento.

A profissão representou por muito tempo na história da humanidade a oportunidade do homem "professar", ou seja, declarar e assumir algo a seu próprio respeito, vinculado às suas características mais singulares e ao que melhor realizava, ou seja, o seu trabalho. Assumir uma profissão significava assumir um conjunto de crenças e valores.

Esse conceito era próximo do conceito de vocação, e o complementava. A pessoa era chamada e a realização desse chamado acontecia através da profissão.

Vocação era uma atividade para a qual a pessoa se sentia chamada, geralmente por Algo ou Alguém muito maior que seus interesses e gostos pessoais. Ter uma vocação era realizar um trabalho que a pessoa fora escolhida para fazer por motivos que vão além de ganhar o sustento. (HOPCKE, 1999, p.111).

Com a modernização da sociedade e hierarquização do trabalho, a escuta e escolhas vocacionais foram substituídas por uma preocupação crescente com a profissão e a carreira profissional, distanciando cada vez mais os conceitos de vocação e profissão.

Ouvir o chamado passou a ser considerado algo quase romântico, fora de propósito para o homem contemporâneo, e para muitos indivíduos as escolhas são guiadas por valores mais afinados com a cultura, como sucesso e promessa de realização mais imediata.

O trabalho representa uma importante fonte de realização pessoal e ocupa um lugar central para a maioria dos indivíduos na sociedade em que vivemos. A cisão entre vocação e escolha profissional, possível de acontecer dentro de uma visão mais pragmática, pode estar na gênese da insatisfação com a vida e com o sentimento de que a alma não está sendo nutrida, a despeito do sucesso profissional.

Para a psicologia junguiana, o elemento presente em todas as manifestações psíquicas e que vivifica a experiência é a energia psíquica ou libido. Para a

concepção junguiana, que diverge do entendimento freudiano de que a libido teria um significado predominantemente sexual, a energia psíquica está ligada aos fenômenos dinâmicos da psique.

[A libido] indica um desejo ou um impulso que não é refreado por qualquer instância moral ou outra. A libido é um appetitus em seu estado natural. Filogeneticamente são as necessidades físicas como fome, sede, sono, sexualidade, e os estados emocionais, os afetos, que constituem a natureza da libido. (JUNG, 1986d, §194, p.123).

A energia psíquica manifesta-se como força psíquica em direção a algo. Essa energia, quando em movimento, é traduzida como vontade, apetite, afeto, atuação, produção de trabalho, etc. e quando virtual, a energia aparece como tendência, aptidão, atitude, possibilidade, que são condições potenciais. (JUNG, 2002a, §26, p.24).

Compreendida na perspectiva da psique como um sistema auto-regulador, a energia psíquica foi associada com a intencionalidade. Para Sharp (1993, p.104) "ela 'sabe' para onde deve ir, a fim de proporcionar a saúde geral da psique".

A energia psíquica atende a duas direções: a progressão e a regressão, definidas pelos estados psíquicos mais avançados ou mais recuados para os quais se orienta, sem conotação positiva e negativa, pois são ambas necessárias à dinâmica da psique, constituindo um par de opostos inserido no processo de individuação.

A progressão é um movimento de adaptação psicológica, atende a um processo contínuo de adaptação ao meio ambiente, e é ativada quando o indivíduo está lidando com questões objetivas; a regressão é entendida como adaptação ao mundo interior, a energia regride quando vai ativar questões da ordem da subjetividade.

“A energia é como a água, necessita de um declive para poder correr”. (JUNG, 1986d, §337, p.217).

Vocação é compreendida como uma manifestação da energia psíquica, do apetite do Ego em direção a algo.

“Entendemos por Ego aquele fator complexo com o qual todos os conteúdos conscientes se relacionam. É este fator que constitui o centro do campo da consciência. [...] O Ego é o sujeito de todos os atos conscientes da pessoa.” (JUNG, 1986a, §1, p.1).

Jung, ao abordar o desenvolvimento psicológico do ser humano e sua trajetória ao longo de sua vida, compara-o com a trajetória do sol ao longo do dia: na aurora, o nascer do sol representa o surgimento da consciência e do Ego infantil, que vai se diferenciando do inconsciente. A infância, a adolescência e a vida adulta, na qual o sol atinge seu ponto máximo, são compreendidas por Jung como a primeira metade da vida. O entardecer representa a entrada do homem na segunda metade da vida, e seu encontro com a noite representa sua volta ao inconsciente, por ocasião de sua morte. (STEIN, 2001, p.155).

Da totalidade da psique, da completude, vai emergindo a instância psíquica que chamamos de consciência. O Ego, o centro da consciência, tem a função de adaptação e orientação do indivíduo, tanto no mundo externo como no mundo interno.

O Ego é o provedor do sentido de identidade, do que o indivíduo reconhece como "o eu". Carrega uma forte carga energética, pois são muitas as tarefas que tem de desempenhar na adaptação e orientação do indivíduo no mundo. A energia disponível do Ego manifesta-se através da vontade, do livre arbítrio, da discriminação, da capacidade de escolha e responsabilidade moral. A vontade é mais elaborada que o desejo, que é primitivo, ligado ao instinto. A vontade está ligada à capacidade de escolha como função da consciência, guardiã dos conteúdos do Ego.

Jung (2002, §109, p.47) aponta a importância desse conceito para a adaptação do indivíduo: "Para o jovem que ainda não se ajustou e nem obteve sucesso na vida, é extremamente importante formar o seu eu consciente da maneira mais eficaz possível, isto é, educar a sua vontade. [...] Ele tem que se sentir um ser volitivo".

O Ego não sabe a completude de suas motivações, seu conhecimento parcial o informa apenas que quer alcançar algo, realizar algo e o impulsiona a agir. Mas o que realmente está no pólo inconsciente é o apetite do Ego para encontrar o Self. Quando há o predomínio dessa direção e a vivência dialética transformadora tese/antítese/síntese – símbolo, e não uma mera realização egóica, pode-se falar que o indivíduo está entrando em contato com sua vocação.

peculiares, a fim de se estabelecer um adequado senso de identidade e a persona, que começa a desenhar-se para o mundo.

Jung (1986c, § 288, p.176) entende que a semente da personalidade já existe na criança, mas se desenvolverá ao longo da vida, e a conceitua como "o melhor desenvolvimento possível da totalidade de um indivíduo determinado".

"A obra a que se chega pela máxima coragem de viver, pela afirmação absoluta do ser individual, e pela adaptação, a mais perfeita possível, a tudo que existe de universal, e tudo isto aliado à máxima liberdade de decisão própria." (JUNG, 1986c, §289, p.177).

O conceito de personalidade na psicologia junguiana enfatiza o desenvolvimento máximo das características de um indivíduo, o que pressupõe a energia psíquica em movimento, considerada como expressão da vontade, aptidões, tendências, talentos e interesses, de cada indivíduo em particular.

A descoberta do caminho pessoal é uma tarefa que só pode ser cumprida pelo próprio indivíduo.

"A personalidade jamais poderá desenvolver-se se a pessoa não escolher *seu próprio caminho*, de maneira consciente e por uma decisão consciente e moral". (JUNG, 1986c, §296, p.179, grifo do autor).

A escolha do caminho acontece através da diferenciação em relação às convenções e à coletividade e foi denominada como *designação*:

*Designação* é um fator irracional, traçado pelo destino, que impele a emancipar-se da massa gregária e seus caminhos desgastados pelo uso. Personalidade verdadeira sempre supõe designação e nela acredita, nela deposita 'pístis' (confiança) como em Deus, mesmo que na opinião do homem comum seja apenas um sentimento pessoal de designação. Esta designação age como se fosse uma lei de Deus, da qual não é possível esquivar-se. O fato de muitíssimos perecerem, ao seguir seu caminho próprio, não significa nada para aquele que tem designação. Ele deve obedecer à sua própria lei, como se um *demônio* lhe insuflasse caminhos novos e estranhos. (JUNG, 1986c, §300, p.181, grifo do autor).

Entende-se que Jung atribui ao termo designação o mesmo significado que se atribui na psicologia analítica ao conceito de vocação, e o considera sob a ótica da escolha livre e consciente.

"Quem tem *designação*, *escuta a voz do seu íntimo*, *está designado*". (JUNG, 1986c, §300, p.181, grifo do autor).

Jung escolheu para conceituar designação palavras com a raiz comum "voz", indicando um sentido similar a chamado e vocação. Poderia ter usado (conforme esclarecimentos lingüísticos do tradutor do texto) outras palavras com conotação mais religiosa, o que permite supor que deliberadamente escolheu não dar esse entendimento ao termo, preferindo, em vez disso, uma definição mais vaga. Designação significa, portanto, ouvir o chamado interno, ouvir a voz interior. (JUNG, 1986c, §300, p.181).

A voz interior é chamada muitas vezes, nos textos junguianos, como o *daimon*

ser efetuado por esforço ou vontade conscientes, e sim por fenômeno involuntário e natural, ele é frequentemente simbolizado nos sonhos por uma árvore, cujo desenvolvimento lento, pujante e involuntário cumpre um esquema bem definido. O centro organizador de onde emana esta ação reguladora parece ser uma espécie de 'núcleo atômico' do nosso sistema psíquico. Poder-se-ia denominá-lo também inventor, organizador ou fonte das imagens oníricas. Jung chamou a esse centro o *self*, e o descreveu como a totalidade absoluta da psique, para diferenciá-lo do *ego*, que constitui apenas uma pequena parte da psique.

Individuação, entendida como diferenciação, particularização e desenvolvimento do indivíduo psicológico, não o opõe à coletividade, mas leva o indivíduo "a um relacionamento coletivo mais intenso e mais abrangente". (JUNG, 1991, §853, p.426).

O processo de individuação, portanto, é resultante da interação do indivíduo com o coletivo. No plano individual, à medida que a criança se desenvolve, certas aptidões e gostos ficam cada vez mais evidentes. De certo modo, o processo de individuar-se depende dessa fina sintonia com o que podemos chamar de nossa essência e que, embora dependa da genética, da educação e do ambiente familiar e cultural, certamente a todos transcende. (RAMOS; MACHADO, 2006, p.42).

A adaptação às normas coletivas é necessária, pois "a planta que deve atingir o máximo desenvolvimento de sua natureza específica deve, em primeiro lugar, poder crescer no chão em que foi plantada". (JUNG, 1991, §855, p.427).

O conceito de Individuação foi algumas vezes interpretado erroneamente como individualismo. Jung nunca enfatizou nenhum aspecto individualista, pois sua psicologia, ao contrário, parte da concepção da totalidade, na qual o homem está inserido no mundo e no cosmos. Enfatiza a consciência individual, como um farol, uma luz a guiá-lo pelo mundo, valorizando o caráter único e singular de cada indivíduo.

"Só aquele que tem consciência plena de sua existência está de todo presente". (JUNG, 2000c, §149, p.75).

O conceito de Individuação, apresentado por Machado e Ramos, enfatiza a compreensão de vocação, tema deste estudo:

A bússola para sentirmos quando estamos no caminho da individuação é a alegria, uma convicção forte e espontânea que emerge quando nossas atividades atuais estão alinhadas com nossa essência nata. Por isso se diz que o objetivo do processo de individuação é fazer o indivíduo tornar-se a pessoa que realmente é. (2006, p.42).

“Ao nascer, o ser humano traz em si o roteiro de sua jornada. Vivê-la é um revelar-se a cada momento, seja através do corpo em sua natureza biológica ou através da alma que o faz um ser psíquico”. (CAVALCANTI, 1997, p.8).

Uma das idéias centrais da psicologia analítica é o *processo de individuação*, que percorre toda a evolução humana (tanto no nível pessoal como coletivo) e refere-se ao processo de tornar-se uma pessoa inteira, indivisível e completa, com sensação de auto-realização. É claro que se trata aqui de uma visão idealizada, mas que sem dúvida motiva o ser humano do nascimento à velhice e o guia nas escolhas afetivas e profissionais. (MACHADO; RAMOS 2006, p.41, grifo do autor).

Jung diferencia a individualidade e individuação: individualidade refere-se aos aspectos psíquicos que coexistem inconscientemente no indivíduo único, singular, com os aspectos físicos que também o caracterizam. Para que haja uma verdadeira diferenciação é necessário que aconteça a consciência da sua singularidade, isto é, que o indivíduo perceba a si mesmo como um ser único e diferenciado dos outros indivíduos e do corpo social. Para que possa se ver um indivíduo distinto é preciso a participação da sua consciência. (JUNG, 1991, §858, p.428).

Na compreensão analítica, cada escolha significativa traz embutida em si a renúncia às outras possibilidades, a vivência do sacrifício. Gradativamente, o indivíduo percebe que há o aspecto sacrificial embutido em todas as questões importantes que lhe são apresentadas.

O sacrifício pode assumir dois aspectos distintos, dependendo da maneira como é vivido na experiência única de cada indivíduo. Pode assumir a conotação de uma entrega do Ego, que deve submeter-se à imposição do Self. A outra maneira é a submissão espontânea do Ego ao Self, uma atitude deliberada do Ego, em favor do Self, entendida como uma negociação em que o Ego se coloca dialeticamente em relação ao Self. Essa forma de sacrifício mostra uma renúncia consciente e

premeditada, com a qual o Ego mostra-se capaz de dispor de si mesmo e decidir movido por uma instância acima de sua individualidade. (PIERI, 2002, p.444).

Na experiência pessoal, pode ser reconhecido através de fatos marcantes como impedimentos, dificuldades, acidentes, que muitas vezes obrigam a desistência dos objetivos assumidos pelo Ego como propósitos. Muitas vezes a pessoa é levada a, mesmo sem compreender claramente as razões, assumir uma atitude que sacrifica uma vontade ou decisão.

Essa atitude do Ego revela um profundo senso de Self presente, mesmo sem a consciência plena, na vida de uma pessoa.

[A libido] denota um desejo ou um impulso que não é refreado por qualquer instância moral ou outra. A libido é um *appetitus* em seu estado natural. Do ponto de vista genético são as necessidades físicas como fome, sede, sono, sexualidade, e os estados emocionais, os afetos, que constituem a natureza e essência da libido. (JUNG, 1986d, §194, p.123).

"O Ego é aquela parte em nós que afirma ser o todo, mas que, na verdade, é somente uma parte da personalidade total (que Jung chamou de Self)". Dessa maneira, relativiza o Ego e suas realizações ao elucidar quanto da psique existe para além do alcance da consciência. (DOWNING, 1994, p.24).

Vocação é, portanto, compreendida dentro dos referenciais da psicologia analítica como a escuta do chamado e da voz interior, que convida o indivíduo a descobrir e realizar seu caminho por uma decisão livre e consciente. Resulta do entendimento e da síntese entre a consciência e o Self, pois existem muitos aspectos dessa escolha que pertencem à esfera além daquela apreendida pela consciência. Realizar a vocação é uma tarefa para a vida toda, pois ela é um instrumento da psique a serviço do processo de individuação, o desenvolvimento integral do homem que acontece ao longo de toda a vida.

Nessa perspectiva é compreendida como processo e não como um objetivo a ser alcançado e a orientação vocacional na adolescência, um dos primeiros diálogos conscientes entre o indivíduo e sua vocação busca favorecer compreensão e a consciência do início dessa jornada pessoal.

A aquele que ouviu seu chamado e descobriu seu caminho, pode-se dizer que encontrou sua vocação.



## 1.2 ORIENTAÇÃO VOCACIONAL

Orientação é uma palavra derivada de oriente, leste e indica a direção do sol nascente. (Ferreira, 1988, p.469). Orientação, o ato ou arte de orientar-se, é a descoberta de um rumo, de uma direção. O adolescente envolvido na escuta de seu chamado e na busca de seu rumo vocacional está envolvido com orientação.

O verbete *orientar* encontra várias definições, entre as quais:

[...] 3. Indicar o rumo a; dirigir, encaminhar, guiar. 4. Guiar, dirigir, nortear. 5. Reconhecer a situação do lugar onde se acha para guiar-se no caminho. 6. Reconhecer ou examinar cuidadosamente os diferentes aspectos de uma questão. 7. Dirigir-se, encaminhar-se. (FERREIRA, 1988, p.469).

Hesse, em *Viagem ao Oriente*, obra na qual relata sua jornada pela Índia, também utiliza a expressão título como uma metáfora para viagem, uma busca que vai além de fronteiras e limites geográficos, representando uma viagem para dentro de si mesmo. (HESSE, 1977, apud ENNE, 2005, p.103).

“Nosso objetivo não era unicamente o Oriente, ou melhor, o Oriente não era apenas um país ou fato geográfico, era também o lar e a juventude da alma, estava em toda parte e em parte nenhuma, era o conjunto de todas as eras”. (HESSE, 1977, p.23).

Para Salem (2006, p.68) a busca pelo oriente acrescenta um significado

Orientação vocacional é a terminologia usada neste estudo, para se referir ao processo que busca descobrir e apontar a escolha vocacional do indivíduo.

A orientação vocacional refere-se a uma ampla gama de tarefas, que envolvem o âmbito psicológico assim como o pedagógico e implica a possibilidade de atuação em vários níveis: o diagnóstico, a investigação, a prevenção e a intervenção na problemática vocacional, quando está já está instalada. (BOHOSLAVSKY, 1995, p.28).

Considera-se na orientação vocacional o conjunto de características de um indivíduo, seus aspectos psicológicos, físicos, sociais e culturais. O paradigma junguiano, segundo Penna (2003, p.118), entende que os aspectos psíquicos incluem as “funções intelectivas, emocionais, intuitivas, perceptivas e imaginativas” do indivíduo.

Orientação profissional ou ocupacional é expressão muitas vezes usada como sinônimo de orientação vocacional.

Orientação vocacional, conforme compreendida pela abordagem junguiana, não é a orientação voltada prioritariamente a um trabalho ou ocupação, mas a inclui. A escolha da profissão acontecerá como decorrência da escuta vocacional.

A orientação é primeiramente voltada para a escuta do chamado pessoal, a descoberta de um caminho. A trajetória para sua realização começa com o processo de autoconhecimento e do estabelecimento do senso de identidade. Através dessa perspectiva, o orientador é o facilitador, aquele que acompanha o processo da descoberta e do estabelecimento do percurso para a auto-realização. O orientador assinala tudo aquilo que se destaca na biografia pessoal, como evidência da singularidade dessa pessoa e como indicador vocacional.

Entendem-se como indicadores: os dados peculiares, acontecimentos e experiências prévias, as realizações positivas, as dificuldades, limites e frustrações, que despontam em seu relato.

Os acontecimentos sincronísticos, definidos pela psicologia junguiana como coincidências significativas e relatados no curso da orientação, são também indicadores de um caminho vocacional.

Concorda este estudo, com a conceituação de orientação vocacional, como “um espaço de reflexão, confrontação e criação”. (KNOBEL, In LEVENFUS, 2004, p.23).

Abre a possibilidade para ampliar o campo de visão e favorecer a escuta interior, o debate das idéias, os questionamentos, a reflexão crítica da realidade e a elaboração de uma síntese criativa.

O adolescente ou jovem é visto como participante ativo do processo, que terá mais chances de ser eficaz na medida em que contar com a sua adesão e ativa colaboração. Como acontece em qualquer jornada, o desejo de partir e descobrir novos caminhos e paragens é o que torna a viagem interessante e atraente. O processo de orientação objetiva levar à reflexão e à abertura de possibilidades de escolha e inicia-se a partir desse ponto: estar em busca da aventura de descobrir-se em uma nova perspectiva, a de sua escolha vocacional.

### **1.2.1 A ORIENTAÇÃO VOCACIONAL NO BRASIL: BREVE HISTÓRICO**

Os primeiros trabalhos de orientação profissional no Brasil tiveram lugar no Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo, em 1924, tendo sido desenvolvidos pelo engenheiro suíço Roberto Mange, contratado pelo governo brasileiro como professor da Escola Politécnica de São Paulo. O Liceu, fundado em 1882 como um centro de formação e ensino, de notável qualidade, tinha como objetivo formar artesãos e trabalhadores para as oficinas, comércio e lavoura, e os jovens que pretendiam matricular-se, em um de seus cursos, passavam por uma etapa de seleção e orientação.

Outras iniciativas aconteceram posteriormente em São Paulo e em outras regiões do Brasil, com o objetivo de ampliar esse campo de atuação, denominado como orientação profissional ou educacional, entre as quais se destacavam: o Serviço Nacional da Indústria (SENAI), que desenvolveu um serviço de orientação profissional e educacional, através de cursos vocacionais; o Serviço de Pesquisas e Orientação Educacional ligado ao ensino secundário nas Escolas Industriais do Estado de São Paulo e a Fundação Getúlio Vargas que criou, no Rio de Janeiro, o Instituto de Seleção e Orientação Profissional (ISOP) e que se notabilizou pela contribuição que trouxe para essa área.

Na pesquisa dos antecedentes históricos da questão vocacional e da orientação, encontramos um fato bastante interessante: em 1942, a lei Orgânica do Ensino Secundário dispunha sobre a matéria da seguinte forma:

“É função da orientação educacional, mediante as necessárias observações, cooperar no sentido de que cada aluno se encaminhe convenientemente nos estudos e na escolha da profissão, ministrando-lhes esclarecimentos e conselhos, sempre em entendimento com sua família”. (SANTOS, 1976, p.8).

Essa ênfase na orientação como área de atribuição do orientador educacional foi sendo mudada paulatinamente. Na atual Lei das Diretrizes e Bases da Educação Nacional, em vigência desde 1996, a indicação acima mencionada foi suprimida, declarando-se apenas, na seção IV, que o ensino médio tem como um de seus objetivos a preparação básica do jovem para o trabalho e a cidadania. (MEC, 1996).

Com o reconhecimento da Psicologia como área profissional, e com o desenvolvimento de metodologia e estratégias específicas, a orientação vocacional passou também a ser exercida pelos psicólogos, tornando-se gradativamente área de atuação da clínica psicológica.

As primeiras experiências de orientação vocacional realizadas pelos psicólogos tiveram forte influência dos métodos psicométricos, com alguns ensaios de uma abordagem mista com o trabalho clínico, e eram oferecidos por algumas instituições superiores de ensino, notadamente a USP e a Pontifícia Universidade de São Paulo (PUC) de São Paulo, assim como por algumas instituições privadas, como *A Colméia* e o *Instituto Pestalozzi*.

O trabalho pioneiro realizado pelo serviço de Orientação Profissional da USP abriu o caminho para a orientação vocacional como área da psicologia, ligada inicialmente à área de psicologia do trabalho. Segundo Ferreti (2001, p. 125), Maria Margarida de Carvalho, a Magui, uma das pioneiras nesse trabalho, estabeleceu correspondência com o psicólogo argentino Rodolfo Bohoslavsky, professor na Universidade de Buenos Aires, que se destacava em trabalho semelhante na Argentina, tendo lançado um livro sobre o tema, “*Orientação Vocacional, A Estratégia Clínica*”.

Considerado um marco na área da orientação vocacional e profissional, Bohoslavsky foi então convidado pela USP para ministrar cursos de orientação vocacional aos psicólogos. Veio como professor convidado, em 1975, juntar-se à equipe de profissionais do Instituto de Psicologia que estruturava o curso de orientação profissional e que deu origem ao Serviço de Orientação Profissional nessa universidade. Sua abordagem embasada no referencial psicanalítico

introduzia uma nova visão clínica na orientação vocacional. Em 1977, é publicada a 1ª edição brasileira do seu livro.

Por razões de saúde, Bohoslavsky não foi contratado pela USP, o que o levou de mudança ao Rio de Janeiro, onde ministrou cursos e continuou a influenciar e promover o desenvolvimento dessa área de estudos. Bohoslavsky morreu muito jovem, aos 35 anos, mas deixou seu nome para sempre ligado à área dos estudos vocacionais, por ser um pensador original, profundo e talentoso, e ter contribuído definitivamente para a abordagem clínica da questão.

### **1.3 AS DIFERENTES ABORDAGENS PSICOLÓGICAS DA VOCAÇÃO**

#### **1.3.1 A MODALIDADE ESTATÍSTICA**

Os trabalhos iniciais na área da orientação vocacional, que então se denominava como orientação profissional, enfatizavam as avaliações e medições das aptidões, interesses e características dos indivíduos e lançavam mão de baterias de testes para definir o perfil profissional e adequá-lo ao elenco de profissões, elegendo a mais adequada. Durante algum tempo, o trabalho vocacional esteve de tal forma associado a essa modalidade que a orientação era também denominada "testes vocacionais".

Essa modalidade de trabalho, chamada de modalidade estatística fundamenta-se na psicometria e psicotécnica e foi desenvolvida principalmente nos Estados Unidos. Uma faceta moderna dessa modalidade encontra-se hoje nos testes *on-line* realizados com a ajuda do computador, que avalia, mede, cruza os dados e fornece um resultado ao sujeito. Questiona-se a validade deste resultado isolado como indicador vocacional.

Os testes continuam a ser utilizados como ferramentas desse trabalho, mas o que vai determinar sua escolha, a abrangência e a modalidade de seu uso é o embasamento teórico adotado pelo orientador e a concepção de vocação e da estratégia adotada para sua abordagem.

Existe a possibilidade de associação do uso de testes como instrumentos de pesquisa de dados inseridos na abordagem clínica.

No entendimento deste estudo, seu uso deve estar vinculado ao favorecimento do trabalho clínico e analisado dentro do mesmo referencial teórico que orienta o trabalho vocacional como um todo.

### 1.3.2 A MODALIDADE CLÍNICA

Bohoslavsky (1995, p.28) entendia que o processo de orientação frente à situação de escolha era um trabalho para uma equipe, envolvendo o psicólogo, o pedagogo, o orientador educacional, o professor secundário, o sociólogo, que tinham cada qual importante papel a desempenhar.

Valorizava a participação dos educadores e orientadores educacionais no processo de orientação, tendo inclusive ministrado aulas a um grupo de orientadores da rede pública de ensino, que não pôde participar de suas aulas na universidade, pois se destinava exclusivamente aos psicólogos e alunos do curso de psicologia. Com o intuito de informar sobre as profissões e ocupações, suas características e peculiaridades, reservava aos pedagogos importante papel.

Ressaltava, contudo, que:

“Existe um campo privativo do psicólogo: o do diagnóstico e solução dos problemas que os indivíduos têm em relação ao seu futuro, como estudantes e profissionais, no sistema econômico da sociedade a que pertencem”. (BOHOSLAVSKY, 1995, p.28).

Contra-pondo-se à visão psicométrica dominante na Argentina, Bohoslavsky desenvolveu a abordagem que denominou de estratégia clínica.

Fundamentada inicialmente na abordagem não-diretiva de Carl Rogers e também nos pressupostos da psicanálise, a estratégia clínica propõe que a ênfase esteja no *indivíduo* que escolhe e *como* se dá essa escolha, mais do que nas *referências* que se tem e *no que* se escolhe.

Introduz a abordagem clínica como uma nova ótica de se focar e trabalhar a questão vocacional:

Em sua abordagem da orientação vocacional procurava redescobrir os valores e sentimentos humanos numa área que privilegiava os objetivos econômicos em detrimento dos verdadeiros objetivos humanos. Em sua perspectiva, procurava ver os indivíduos como pessoas e não somente como profissionais.

O termo vocacional passou a indicar não só o que o indivíduo faz quando trabalha, mas principalmente o que sente enquanto trabalha. Considerava o indivíduo como pessoa e não como objeto passível de ser quantificado. (PENTEADO In BOHOSLAVSKY, 1995, p. 10).

A orientação vocacional na perspectiva da estratégia clínica defende principalmente a ênfase no indivíduo como sujeito e ator desse processo e na sua capacidade e possibilidade de escolha.

Define o autor:

Entendemos por orientação vocacional os procedimentos dos psicólogos especializados, cujos clientes são as pessoas que enfrentam, em determinado momento de sua vida – em geral, a passagem de um ciclo educativo a outro – a possibilidade e a necessidade de tomar decisões. Isto faz da **escolha** um momento crítico de mudança na vida dos indivíduos. De como as pessoas enfrentam e elaboram essa mudança dependerá o desenvolvimento posterior, a situar-se em algum ponto do *continuum*, que vai da saúde à doença (como quer que elas sejam concebidas). (BOHOSLAVSKY, 1995, p. 28, grifo do autor).

Enfatiza o caráter da orientação vocacional no campo da psicoprofilaxia, ao promover a saúde no sentido de prevenção e diagnóstico precoce de conflitos e problemáticas ligadas à escolha vocacional.

A modalidade clínica como aqui exposta reafirma a psicologia clínica como campo da orientação vocacional, reforçando sua adequação como instrumento a serviço da consciência e desenvolvimento do indivíduo que busca essa ajuda psicológica.

#### **1.4 TEORIAS PSICOLÓGICAS NA ORIENTAÇÃO VOCACIONAL: O CENÁRIO ATUAL**

Concordam diferentes autores, como Bock et al. (1995, p. 8), que o entendimento da questão vocacional e sua abordagem clínica comportam uma multiplicidade de enfoques, reconhecendo que diferentes perspectivas e concepções embasam a teoria e a prática dessa questão no âmbito da psicologia. Na sua coletânea denominada *A escolha profissional em questão* apresenta um painel com diferentes enfoques e abordagens na orientação vocacional e profissional, contribuindo para a discussão e ampliação dessa área de estudo e prática.

Esses autores afirmam que há um reduzido número de títulos editados, juntamente com uma visão por vezes imediata e simplista da orientação vocacional, tanto por parte dos estudantes como dos profissionais.

Afirmam a necessidade da abertura de novos horizontes científicos e didáticos e convidam os profissionais à “**remapear** o campo da orientação vocacional, não apenas de forma objetiva, mas se possível imbricando-se na reflexão de suas próprias referências e identidade profissional”. (BOCK, 1995, p.8, grifo do autor).

Este estudo não tem como objetivo aprofundar as diversas teorias psicológicas envolvidas com a temática vocacional, mas apresenta duas outras abordagens que se destacam no cenário clínico, com a finalidade de situá-las e estabelecer com as mesmas uma visão comparativa e dialógica.

Diversas teorias psicológicas influenciaram as estratégias adotadas no campo da orientação vocacional. Levenfus (2004, p. 44) apresenta estudo sobre as principais teorias da psicologia vocacional e sua influência no desenvolvimento dessa área.

Relaciona a autora as principais idéias das teorias psicodinâmicas que têm influenciado o campo da teoria e prática da psicologia vocacional, apresentando uma síntese da contribuição de vários autores que seguiram a corrente psicanalítica e acrescentaram suas próprias contribuições ao tema.

Uma única menção é feita à psicologia junguiana, ao citar “o inconsciente coletivo que determina a existência de arquétipos, estereótipos emocionais”, como um aspecto que deve ser levado em conta na psicologia vocacional. (LEVENFUS, 2004, p.44).

Entendemos ser um recorte por demais reduzido de todo o enunciado de Jung e de seus seguidores, limitando a um aspecto a abrangência de uma teoria. Será empreendido um esforço neste estudo para ampliar essa relação, destacando e relacionando o referencial teórico da psicologia junguiana à questão vocacional.

#### **1.4.1 ABORDAGENS PSICODINÂMICAS**

O referencial teórico da psicanálise que embasa o trabalho de muitos autores e profissionais na área da orientação vocacional apresenta-se como uma das principais correntes que fundamentam o trabalho nesse campo. Bohoslavsky (1995)



teve uma grande influência nessa área, como já exposto, e sua referência psicanalítica repercutiu em toda uma geração de profissionais dessa área.

Baseia-se na concepção freudiana da estrutura do aparelho psíquico, nos processos inconscientes, na relação de transferência e contratransferência e nos mecanismos de defesa do Ego.

A teoria psicanalítica parte do pressuposto de que a pulsão sexual ou libido tem como fim a sua descarga, com o intuito de se obter uma satisfação, e pressupõe a existência de um objeto e uma finalidade. A sublimação é o mecanismo através do qual o objeto e o fim serão substituídos, sendo que a pulsão original irá encontrar a satisfação numa função ou atividade não sexual e mais elevada do ponto de vista social e ético. (MILLAN, 2005, p.88).

O enfoque psicanalítico enfatiza a noção de motivações inconscientes que se encontram subjacentes à escolha e influenciadas por conteúdos e conflitos emocionais não resolvidos e que atuam sem ainda estarem conscientes. A escolha vocacional pode ser entendida também como sintoma da psicodinâmica familiar. (BOCK, 1995, p.71).

Bordin (In LEVENFUS, 2004, p.34) afirma que as dificuldades para realizar uma escolha podem ser entendidas como sintomas de um problema emocional ou neurótico e sugere sua abordagem, dentro da psicoterapia, focada nos problemas emocionais sob o enfoque psicodinâmico.

Os conceitos de sublimação, reparação, criatividade e realização profissional são abordados por Levenfus (2004, p.76). A autora correlaciona o conceito freudiano da sublimação, o conceito de reparação conforme Klein, e os conceitos de sublimação e de criatividade, segundo a visão de Winnicott.

Dentro da proposta reparatória, a realização profissional ocorre na medida em que o desempenho de determinado trabalho proporcione ao indivíduo a possibilidade de promover reparações autênticas (levando em consideração a realidade do ambiente e suas próprias limitações). Em outras palavras, que o sujeito se realiza à medida que atende às suas vocações, ou seja, que seu Ego expresse respostas diante dos 'chamados' interiores de objetos atacados que suplicam por reparação. (LEVENFUS, 2004, p.76).

Pela diversidade de referenciais adotados, pode-se falar em pluralidade das abordagens psicodinâmicas.

## 1.4.2 ABORDAGENS SÓCIO - HISTÓRICA E SÓCIO - COGNITIVA

As teorias de cunho sociológico, conhecidas como teoria sócio – histórica e sócio – cognitiva, são divulgadas e adotadas tanto na psicologia clínica como por profissionais da área escolar envolvidos com orientação vocacional. Tem favorecida sua adoção pelo fato de seus pressupostos serem claros e objetivos e os determinantes econômicos e sociais terem grande peso na escolha vocacional e profissional nos dias atuais.

As concepções formuladas pela psicologia sócio-histórica, ocorreram a partir de pesquisas que resultaram na construção de uma nova psicologia social de base materialista histórica. Influenciada pelo pensamento de Vigotsky, “estuda a natureza social do psiquismo humano, ou seja, a subjetividade na sua relação com o mundo objetivo”. (BOCK, 1995, p. 14).

Tem como pressuposto a visão do homem como um ser sócio-histórico e destaca a importância dos determinantes sócio-econômicos, enfatizando os aspectos familiares, os dados relativos à raça, classe social, assim como os determinantes culturais. Os psicólogos que trabalham com essa abordagem afirmam seu trabalho no campo da promoção de saúde, e apresentam como objetivo dessa abordagem, no campo vocacional, a contribuição para que os indivíduos envolvidos tenham uma maior consciência de si como indivíduos históricos e inseridos sócio-culturalmente, possibilitando a resignificação das relações e experiências vividas. (BOCK, 1995, p.12).

Acredita tal teoria que o indivíduo desenvolve uma consciência de si, do processo de construção de si - mesmo e do mundo, adquirindo condições de construir projetos de vida, organizando suas ações e intenções, baseado nas possibilidades e necessidades. A escolha vocacional seria orientada a partir desses parâmetros. (BOCK, 1995, p.12).

Ainda dentro das teorias sociológicas, assinalamos a Teoria da Decisão, também chamada de abordagem sócio-cognitiva ou conductual-cognitivo, cujo principal expoente é Rivas. (LEVENFUS, 2004, p.42).

Enfatiza o aspecto cognitivo da questão, mas considera também os aspectos psicológicos envolvidos. Propõe o autoconhecimento, a análise da situação problemática e a busca de informações para a tomada de decisão. O indivíduo, de posse do conjunto de informações sobre si - mesmo e sobre os condicionantes sócio

- econômicos, no processo estruturado da orientação, avalia as opções vocacionais e as alternativas disponíveis. A decisão leva em conta o ajuste dessas possibilidades com os aspectos pessoais do sujeito que escolhe, destacando o papel da pessoa que escolhe, privilegiando o enfoque cognitivo responsável da questão. (LEVENFUS, 2004, p.42).

Coloca a ênfase principal nos determinantes sociais e no critério racional de escolha, de forma a valorizar os critérios cognitivos.

### **1.4.3 A ABORDAGEM ANALÍTICA**

A psicologia analítica ou junguiana, baseada na obra de C. G. Jung e seguidores é a abordagem teórica que orienta nossa atuação profissional, assim como o presente estudo.

Levantamento da bibliografia relativa ao campo da orientação vocacional reforça que existem poucas publicações elaboradas sob o enfoque da psicologia junguiana nessa área.

A primeira delas é o trabalho de Silva (1992), *Personalidade e escolha profissional*, que aborda a questão da escolha a partir da tipologia da personalidade de *Keirse e Bates*, baseada nos tipos psicológicos de Jung (1991) e relata pesquisa realizada com alunos do ensino médio. Pesquisa a teoria tipológica de Jung e sua aplicação na escolha vocacional de adolescentes e estuda a relação entre o perfil psicológico e a opção profissional.

Outra publicação é de Gimenez: *O uso da técnica de sandplay (caixa de areia) em Orientação Profissional – uma abordagem junguiana*. (In BOCK, 1995, p.93). A autora apresenta o trabalho que desenvolve, com *sandplay*, na orientação profissional. Fundamenta sua compreensão da orientação profissional na teoria junguiana, aborda o conceito de sacrifício e estabelece o paralelo do seu trabalho com o *opus alquímico*, "o processo simbólico que nos serve como mapa daquilo que Jung descreveu como processo de individuação." (GIMENEZ, 1995, p.97).

A dissertação de mestrado de Gimenez (1998), denominada *Orientação Profissional, da técnica ao ritual*, é um dos primeiros trabalhos a focar a questão da escolha vocacional e profissional sob a ótica da psicologia de Jung e trouxe grande contribuição por incluir a abordagem junguiana no repertório das principais vertentes psicológicas voltadas ao estudo vocacional.

O trabalho de Salem (2006) investiga a questão da vocação, inserida na leitura simbólica do espírito empreendedor, através da interpretação de *Os Lusíadas*, obra de Camões. Associa na obra em questão, o empreendedorismo com o processo de individuação e a jornada do herói.

Minha vida é a história de  
um inconsciente que se realizou.  
C.G.JUNG. (1993, p.19).

## 2. JUNG E A VOCAÇÃO: NA SUA VIDA E NA SUA OBRA

Em seu livro *Memórias, Sonhos, Reflexões* (1993) Jung relata experiências e acontecimentos que o marcaram profundamente. Logo no prólogo de seu trabalho, deixa claro que a escolha dos acontecimentos ocorreu pelo impacto e importância que tiveram em sua vivência interior, mais do que pelas circunstâncias exteriores.

“Só posso compreender-me através das ocorrências interiores, são aquelas que constituem a particularidade da minha vida, e é delas que trata minha autobiografia”. (JUNG, 1993, p.20).

Realizou-se uma leitura desta obra autobiográfica de Jung, destacando-se as passagens nas quais ele revela a descoberta de seus interesses e de como estes se manifestaram, desde sua infância até sua vida adulta, no seu caminho pessoal, intelectual e profissional. Abordar a questão da vocação, a partir da experiência pessoal e dos relatos do próprio Jung, pareceu a forma mais apropriada de iniciar este mapeamento de como a psicologia analítica compreende a vocação e o *daimon* na perspectiva do desenvolvimento do homem e das escolhas que realiza.

Penna (2003, p.15) aborda a questão das revelações pessoais e das memórias de Jung e da importância que a comunidade junguiana lhes atribuiu, assim como à figura do criador da psicologia analítica e cita a advertência de alguns autores que entendem que este fato pode criar um caráter subjetivista e pouco científico à sua obra.

Ao iniciar este estudo, a partir da biografia de Jung, esta pesquisa não tem a intenção de cultuar sua personalidade, mas considera as memórias como possibilidade ímpar de conhecer a história sob o prisma privilegiado de seu próprio olhar, acerca dos acontecimentos significativos de sua vida e que resultaram na construção de sua psicologia. De forma específica ao tema da vocação, seu relato foi especialmente enriquecedor por ressaltar suas percepções acerca da sua adolescência e do desenvolvimento da sua consciência, das suas motivações e da descoberta de seu chamado vocacional.

A contribuição de Feldman referenda e justifica a inclusão do relato de Jung:

A maior fonte da teoria de Jung sobre a identidade

obscuridade. Foi como uma iniciação no reino das trevas. Nessa época principiou inconscientemente minha vida espiritual. (JUNG, 1993, p.28).

Apesar de tão pouca idade, recorda-se das suas primeiras lembranças e impressões sobre o mundo das artes plásticas, dos quadros que se encontravam na casa da família, e a relação de atenta observação e admiração que tinha com os mesmos. Recorda-se também da visita que fez ao museu da Basileia, levado por uma tia, e como queria ver tudo minuciosamente, entretendo-se incansavelmente, por muito tempo, numa clara demonstração de sua curiosidade e atitude observadora diante do mundo. A advertência da tia, "*menino insuportável, feche os olhos!*", parece ter provocado efeito contrário, pois o menino tinha os olhos imensamente abertos para desvendar tudo à sua volta.

"Minha curiosidade mesclada de angústia impeliu-me a fugir para espiar de perto seu interior, através da porta aberta". (JUNG, 1993, p.29).

Descreve dessa maneira a primeira vez em que esteve numa igreja católica e a forte impressão e o fascínio que essa visita causou em sua consciência infantil, como uma semente daquilo que seria sua profunda inquietação religiosa e espiritual.

Jung relata seus primeiros estudos orientados por seu pai. Aos seis anos, começou a estudar latim. Recorda-se de que não o desagradava ir à escola, e que tinha facilidade para o estudo, de tal forma que estava sempre adiantado em relação aos outros. Aprendeu a ler antes de freqüentar a escola, mas antes mesmo de saber ler, lembra-se de "*atormentar*" a mãe para que essa lesse para ele o livro *Imagens do Universo*, antigo livro para crianças, no qual havia a descrição de religiões exóticas, particularmente as da Índia:

As imagens de Brama, de Vixnu, de Sivame inspiravam um interesse inesgotável. Minha mãe contou-me mais tarde que eu sempre voltava a elas. Olhando-as, eu experimentava o sentimento obscuro de parentesco com a minha revelação originária sobre a qual nada dissera a ninguém. (JUNG, 1993, p.30).

Outra lembrança expressiva de sua infância aconteceu por volta de seus dez anos. Ao sentimento de divisão interior e de insegurança diante do mundo, respondeu com a criação do que chama de seu "homenzinho", esculpido numa pequena régua e junto a uma pedra polida e cuidadosamente pintada, guardados como um segredo no sótão.



“Sabia que ninguém poderia encontrá-lo lá, que ninguém poderia descobrir e destruir o meu segredo. Sentia-me seguro e a sensação penosa de divisão interna desapareceu”. (JUNG, 1993, p.33).

Revela sua forma de comunicação com seu homenzinho: escrevia-lhe cartas numa linguagem secreta, bilhetes em rolinhos de papel e que eram entregues em suas visitas ao sótão, num ato de solene incorporação.

Somente muitos anos mais tarde essa lembrança retornou à sua consciência, quando Jung se deu conta da semelhança entre o seu homenzinho esculpido com a imagem de um pequeno deus, que em muitas representações antigas aparece ao lado de *Esculápio*, para quem lê uma mensagem de um rolo de papel que traz nas mãos.

Asclépio, o deus da medicina, é, com freqüência, representado nas esculturas antigas pelo *kabir* fálico telésforo, "aquele que tem como objetivo a completude"; porque, com efeito, não há cura psíquica, nem somática, sem uma profunda mudança de atitude. Embora o primeiro sonho de Jung tenha sido, por assim dizer, um chamado para que viesse a curar almas, somente depois de muita hesitação ele descobriu sua vocação. ( VON FRANZ, 1992, p.51).

Marcado fortemente pela existência desse segredo e incitado a aprofundá-lo, acreditou que a natureza poderia fornecer-lhe a explicação satisfatória sobre a sua essência.

“Foi nessa época que aumentou meu interesse pelas plantas, pelos animais e pelas pedras. Buscava continuamente algo de misterioso”. (JUNG, 1993, p.33).

Fascinado por suas descobertas e após ter vivido uma acidental queda que se seguiu de uma sensação de atordoamento e de um afastamento por mais de seis meses da escola, percebeu o quanto preferia ficar entregue à sua imaginação e exploração do mundo e da natureza, do que se ocupar com suas tarefas escolares. Viveu esse período absorto em seus interesses, ausente do colégio, enquanto seus pais procuravam ajuda de vários médicos, suspeitando que o jovem Jung sofresse de algo mais sério.

Em liberdade sonhava durante horas inteiras, à beira d'água, na floresta ou então desenhava. [...] Melhor do que tudo era mergulhar completamente no mundo do mistério: a ele pertenciam as árvores, a água, os pântanos, as pedras, os animais e a biblioteca do meu pai. Era maravilhoso. (JUNG, 1993, p.40).

Descreve uma cena, na qual ouviu uma conversa entre seu pai e um amigo, na qual ele expressa a grande preocupação com o futuro do filho. Foi assim que se deu conta que estava vivendo fora da realidade e que seu pai preocupava-se com sua saúde, com seu futuro e com a maneira como ganharia a vida.

“Foi como se um raio me ferisse. Sofrera o duro embate da realidade. Ah, então é preciso trabalhar! pensei. E a partir desse momento tornei-me uma criança sensata”. (JUNG, 1993, p.41).

Esse episódio ilustra o que escreveu muitos anos mais tarde sobre a necessidade de uma adaptação mínima às regras da coletividade: “a planta que deve atingir o máximo desenvolvimento de sua natureza específica deve, em primeiro lugar, poder crescer no chão em que foi plantada.” (JUNG, 1991, §855, p.427).

Discorre Jung sobre a interdição do seu pai naquele momento, e de como o fato dele ter dado a conhecer sua preocupação o impactou. O pai exerceu, através da sua palavra, uma função estruturante e necessária, despertando no adolescente a potência, o senso de vontade, o anseio pelo futuro. Provavelmente sem uma clara intenção, sua expectativa teve um efeito norteador no filho. E o libertou daquele estado idílico e perigoso, fora da escola e do mundo do *pai* e cada vez mais entregue ao calor e ao abrigo da *mãe*.

“Comecei a ser consciencioso diante de mim mesmo e não somente a fim de aparentar valor. Levantava-me pontualmente às às cinco horas e às vezes estudava das três às sete da manhã [...]” (JUNG, 1993, p.42).

Dedicou-se a partir desse episódio a estudar gramática latina com afinco, enfrentando suas crises e desmaios, determinado a superá-los e a retornar à escola, o que realmente aconteceu. Segundo suas palavras, as crises não mais se repetiram e foi assim que descobriu o que era uma neurose. (JUNG, 1993, p.41).

Uma nova consciência de si estava surgindo, e trouxe consigo a disciplina, o esforço e a dedicação aos estudos.

Na mesma época ocorreu outro acontecimento importante, enquanto eu percorria o longo trajeto entre o lugar onde morávamos e a escola em Basileia. Tive a sensação arrebatadora de emergir de uma névoa espessa, tomando consciência de que agora eu era eu. Era como se atrás de mim houvesse um muro de névoa além do qual eu ainda não existia. Neste instante preciso eu me tornei eu por mim mesmo. Antes eu estivera lá, mas tudo se produzia passivamente: dali em diante, eu o sabia: agora eu sou eu. Agora eu existo. Tal acontecimento pareceu-me extraordinariamente significativo e inusitado. Havia “autoridade” em mim. (JUNG, 1993, p.42).

Denotam suas palavras a especial valorização dos fenômenos internos e a existência de uma inteligência voltada para vida psíquica e que tão precocemente já apontava a extraordinária vocação de Jung para os estudos da alma humana.

Estava com onze anos, no início de sua adolescência, e através de seu relato acompanha-se o despertar da sua identidade e da sua constatação do Ego como centro da sua consciência.

Na entrevista denominada *Face a Face*, que concedeu a Freeman, da BBC de Londres, em 1959, dois anos antes de sua morte, gravada em sua casa na Suíça, Jung relata esse episódio descrito acima, com as seguintes palavras:

“Aos onze anos, tive a consciência: eu sou; eu sou o que sou e eu sei que sou quem eu sou”. (JUNG In FREEMAN, 1959).

A existência daqueles acontecimentos e experiências que nomeia como seus segredos e que o acompanharam desde sua juventude, demonstra sua consciência de como sua experiência era particular, única, assim como a intensidade da sua conexão e comunicação com seu mundo interior. Não conseguindo reconhecer nas pessoas à sua volta a existência de experiências similares, sentia-se diferente, “um banido ou um eleito, um maldito ou um abençoado”, o que lhe despertava sentimentos de profunda solidão. (JUNG, 1993, p.49).

Influenciado intensamente pela religiosidade da sua família, na qual havia muitos pastores protestantes (seis na família materna, o pai e os dois tios paternos), o jovem Jung cresceu ouvindo conversas teológicas e discussões religiosas, o que o levou a profunda reflexão sobre seus próprios conceitos e crenças.

Feldman (1996, p.494) afirma que o pano de fundo do desenvolvimento adolescente de Jung foi o conflituoso relacionamento com seu pai, um pastor cheio de convicções, assim como a relação ambivalente e também conflituosa que mantinha com a mãe. A visão muito literal e dogmática que seu pai dedicava à

religião era muito distante da busca pela transcendência e pelo sagrado que já estavam presentes no jovem Jung.

Byington (2006, p.8) sintetiza o relacionamento de Jung com a religiosidade paterna e a descoberta de sua própria vocação religiosa:

O traumatismo sacrificial da relação com Freud repetiu na vida de Jung a incompreensão e o distanciamento que teve do seu próprio pai. Pastor protestante, honesto, trabalhador e dedicado à família, mas incapaz de corresponder ao que seu filho mais queria dele: a transcendência do cotidiano, do formal e do tradicional na relação com a totalidade. [...] A vocação para a vivência de transcendência logo cedo permitiu a Jung perceber que a religião formal do pai, que asfixiava as emoções místicas do filho, não era pessoal, mas da própria Igreja. No entanto, essas percepções, que o levaram mais tarde a compreender o poder criativo dos arquétipos, não ocorreram por alguma dedução racional, mas foram o resultado da compreensão teórica de intensas experiências emocionais de fatos, imaginações e sonhos.

“Vasculhava a biblioteca de meu pai e lia tudo que encontrava acerca de Deus, da Trindade, do espírito e da consciência. Devorei livros sem encontrar o que buscava”. (JUNG, 1993, p. 49).

Jung traduz a sua compreensão acerca da vivência imposta por esse ambiente familiar extremamente religioso, pelos sermões de seu pai, e pelas leituras em sua biblioteca:

Foram esses os conhecimentos decisivos da minha vida. Começava a compreender: era responsável e de mim dependia o curso do meu destino. **Um problema me havia sido proposto e a ele eu devia responder.** Mas quem propusera o problema? Impossível saber. **Cabia-me responder a essa pergunta do âmago do meu ser:** estava só diante de Deus, era Ele quem a propusera tão terrivelmente. **Pressentira desde o início a singularidade do meu destino; o sentido da minha vida seria cumpri-lo. Isso me dava uma segurança interior que nunca pude provar a mim mesmo, mas que me era provada.** (JUNG, 1993, p.54, grifo nosso).

Descreve sua iniciação nos estudos de filosofia, por volta dos dezesseis anos, e a maneira como foi absorvido pela escola, pela vida da cidade e pelas revelações culturais, dessa idade até seus dezenove anos. Profundamente impressionado pelos filósofos, afirma ter amado acima de tudo as idéias de Pitágoras, de Heráclito, de Empédocles e de Platão. “Em *Meister Eckhart* senti, pela primeira vez, o sopro da

vida ainda que não o compreendesse muito bem”. Schopenhauer foi “o grande achado das minhas investigações”. (JUNG, 1993, p.70).

Pela primeira vez ouvi um filósofo falar do sofrimento do mundo, que salta aos olhos e nos oprime, da desordem, das paixões, do mal, fatos que os outros filósofos apenas tomavam em consideração, esperando resolvê-los mediante a harmonia e a inteligibilidade.

minha dupla natureza: as ciências naturais, com seus antecedentes históricos, me satisfaziam devido à sua realidade concreta; a ciência das religiões atraía-me com sua problemática espiritual, que implicava também na filosofia. Nas primeiras, lamentava a ausência do fator significativo; na segunda a ausência do empirismo. As ciências naturais correspondiam, em larga medida, às necessidades intelectuais de minha personalidade nº1. As disciplinas das ciências do espírito ou as disciplinas históricas, pelo contrário representavam para o meu lado nº2 um ensinamento benéfico. (JUNG, 1993, p.73).

Seu pai o incentivava a escolher a profissão que quisesse, sem influenciá-lo para uma direção específica. Sua única restrição era que o jovem Jung não se tornasse um teólogo, o que coincidia, para sua felicidade, com seu próprio desejo de dedicar-se a outras áreas de estudo.

“Hesitava entre as ciências da natureza e as ciências do espírito, fortemente atraído por ambas”. (JUNG, 1993, p.76).

Havia em Jung a consciência de seus múltiplos interesses e da sua aparente divisão em dois, sendo que nomeava as diferentes personalidades como as personalidades nº1 e nº2, assim como percebia as limitações que cada qual lhe impunha. A nº1 queria agir, era mais prática e eficaz, mas estava travada pelo dilema que vivia a personalidade total e que lhe parecia insolúvel. À nº2 faltava *fi*o *terra* e uma permanência no *aqui e agora*, absorta que era em todas as considerações filosóficas. “Era necessário esperar e ver o que aconteceria”. (JUNG, 1993, p.76).

Para Von Franz (1992, p.39) as personalidades o nº1 e o nº2 referem-se, ao Ego e à consciência, e ao inconsciente, respectivamente.

Segundo Feldman (1996, p. 494), a existências dessas duas personalidades revela a visão conflitada que teve de si mesmo como adolescente. Percebia também em sua mãe a existência de duas personalidades distintas: uma humana e inofensiva e a outra misteriosa, assustadora. Jung era profundamente ligado à sua mãe, especialmente ao seu lado estranho e sobrenatural.

Jung com muita sensibilidade observa que a violência da separação da mãe é proporcional à força da ligação do filho com a mãe, e quanto mais fortes esses laços, mais perigosamente é experimentada a aproximação da mãe com o filho, na guisa do inconsciente. Esta é a mãe selvagem do desejo que ameaça devorar seu filho herói. Esta descrição do relacionamento mãe-filho é evocativa da profunda luta que Jung experimentou como sua necessidade de separação e individuação emergindo nos seus anos adolescentes. Estes são os temas que Jung tão convincentemente

expandiu mais tarde em *Símbolos da Transformação*. (FELDMAN, 1996, p. 494, tradução nossa).

As influências sociais e históricas que recebeu durante esse período também são consideradas fundamentais por Jung, um jovem que valorizava tanto os acontecimentos à sua volta, como suas próprias impressões e reflexões. É com esse olhar que relata sua viagem de férias aos 14 anos, quando foi enviado sozinho a uma estação de cura nos Alpes suíços, para tratar sua saúde e seu apetite. Nessa ocasião conheceu outros hóspedes, entre os quais um doutor em química, o que lhe pareceu uma novidade extraordinária, um conhecedor das ciências naturais que tanto o encantavam, e que constituía uma novidade em seu universo, tão mais voltado às ciências humanas.

No final dessa viagem seu pai veio buscá-lo e o levou à Lucerna de onde partiram num barco a vapor até Vitznau, para visitar uma alta montanha. Ao chegarem lá, seu pai, por razões econômicas, comprou apenas a sua passagem para que fosse até o topo num funicular. Jung relata suas fortes impressões dessa viagem:

Cheguei finalmente ao topo, num ar novo, leve e diferente, numa amplitude inimaginável. Sim, eu pensava, é o mundo, o meu mundo, o verdadeiro mundo, o mistério. Aqui não há professores, nem escolas, nem perguntas sem respostas; aqui não há nada a perguntar [...] Era solene! O silêncio e o respeito se impunham: este era o mundo de Deus, real e palpável! Guardei tudo isto como o melhor e o mais precioso dos presentes que meu pai me oferecera. (JUNG, 1993, pg.77).

Depreende-se dos seus relatos uma capacidade ímpar de perceber o extraordinário nos acontecimentos e intuir que havia uma outra possibilidade, além das vivências parciais que alcançava com sua consciência.

Nessa etapa final da escola secundária, ocupava-se o jovem Jung dos interesses que lhe eram tão caros, tornando-se um investigador da natureza à sua volta. Coletava e colecionava minerais, fósseis, insetos, ossos, além de observar as plantas.

E ao lado desse interesse acentuado pelas ciências naturais, voltava-se também para os estudos de Filosofia. Quando alguém o indagava sobre a profissão que escolheria, respondia: "filósofo, ao que secretamente associava arqueologia egípcia e assíria". Muitas vezes pensou em estudar História, Filosofia e Arqueologia pelo seu grande interesse nas civilizações do Egito e da Babilônia. O fato, contudo,

de saber que em decorrência da difícil situação financeira da família teria que fazer seus estudos na Basileia, onde não havia nem mesmo professor para tais matérias, levou o jovem a considerar outra área de estudos. (JUNG, 1993, p.76).

Sentia a necessidade cada vez mais urgente de escolher uma carreira, decisão esta que já estava sendo demasiadamente adiada, a ponto de ouvir seu pai dizer: "O garoto se interessa por tudo, mas não sabe o que quer". (JUNG, 1993, p.83).

Jung narra dois sonhos que teve por essa ocasião e que o influenciaram fortemente para a escolha da profissão:

No primeiro sonho caminhava através de uma floresta sombria ao longo do Reno, Chegando a uma pequena colina, na verdade um túmulo, comecei a cavar. Pouco depois, encontrei com grande espanto ossos de animais pré-históricos. Vivamente interessado, compreendi no mesmo instante que devia estudar a natureza, o mundo em que vivemos e todas as coisas que nos cercam. (JUNG, 1993, p.83).

Logo após esse primeiro sonho, no qual desenterra ossos de um animal pré-histórico, Jung, que se sentia igualmente atraído pelas ciências naturais, pela arqueologia e pelo campo das humanidades, relata outro sonho, de grande significação e que juntamente com o primeiro, levou-o a decidir-se pelas ciências naturais.

No segundo sonho, encontrava-me de novo numa floresta. Havia córregos e no recanto mais sombrio vi, cercado por espessas brenhas, um açude circular. Na água, emergindo em parte, distingui uma forma singular e muito estranha: era um animal redondo, multicolor e cintilante, composto de numerosas células pequenas, ou de órgãos semelhantes a tentáculos, um radiolário gigantesco, de cerca de um metro de diâmetro. **Pareceu-me extraordinário que essa criatura magnífica tivesse ficado incólume naquele lugar oculto, sob a água clara e profunda. Isto despertou em mim um desejo intenso de saber, e então acordei com o coração batendo forte. Esses dois sonhos me impeliram irresistivelmente para o campo das ciências naturais, suprimindo as dúvidas anteriores.** (JUNG, 1993, p. 83, grifo nosso).

Foi por essa ocasião que ocorreu ao jovem Jung estudar Medicina: "a idéia de fazer algo útil com seres humanos me atraía". (JUNG, 1959).

Seu avô paterno havia sido médico, mas como Jung, tinha como lema "Não imitar ninguém", não lhe ocorrera antes essa possibilidade. Também pesou em sua



decisão o fato de saber que, como médico poderia escolher seus interesses científicos e manter-se em desenvolvimento. (JUNG, 1993, p.84).

“Decidi-me finalmente pelos estudos médicos. De qualquer forma, senti-me bastante aliviado por ter tomado essa decisão irrevogável”. (JUNG, 1993, p. 84).

Iniciou, aos 20 anos, seus estudos na Universidade da Basileia, após a escola secundária. Como previra anteriormente o jovem Jung, a ênfase dos seus estudos, nessa época, estava nas ciências naturais e biológicas, no campo da anatomia, fisiologia e patologia do corpo humano. Jung viveu um tempo de entusiasmo e vivacidade intelectual, assim como um tempo de estreitamento das suas relações de amizade. Relata as conferências que fez nessa época e as discussões que travava com os amigos, sobre diversos temas filosóficos e teológicos. “Tínhamos uma formação clássica e pertencíamos a uma tradição intelectual muito cultivada” (JUNG, 1993, p.93).

Essas discussões somadas às leituras em outros domínios que cultivava desde sua adolescência e que realizava em seu tempo livre e nos finais de semana, ampliaram seu mundo e o levaram à seguinte constatação:

Durante meus primeiros anos de estudo universitário, descobri que as ciências naturais veiculavam uma infinidade de conhecimentos, mas sem grande profundidade e apenas em campos especializados. As leituras filosóficas haviam me ensinado que no fundo de tudo havia a realidade da psique. Sem a alma, não havia saber nem conhecimento profundo. No entanto, nunca se falava da alma. Ela era tacitamente suposta, mas mesmo quando mencionada, como em C. G. Carus, não era abordada em idéias precisas, mas segundo uma especulação filosófica de sentido ambíguo Essa observação curiosa me deixava perplexo. (JUNG, 1993, p. 96).

Nessa mesma época, em que se voltava às questões humanísticas, encontrou um pequeno livro que falava sobre a aparição de espíritos, que despertou enormemente seu interesse pelos fenômenos ocultos. “Achava essas possibilidades extremamente interessantes e atraentes. Elas embelezavam minha existência: o mundo ganhava em profundidade” (JUNG, 1993, p.97).

No final de seu primeiro ano na universidade, seu pai que também havia sido um estudante vivo e entusiasta, segundo seus próprios relatos, estava apático e doente, vindo há falecer alguns meses depois, deixando a família numa difícil condição financeira.

O caminho profissional de Jung foi influenciado por fatores que ocorreram sincronisticamente nesse tempo e que mudaram o rumo da sua vida profissional. Estava definindo a área na qual iria especializar-se, inclinado a dedicar-se à cirurgia e dessa maneira dar continuidade aos seus estudos, mas as sérias dificuldades financeiras da família o obrigaram a pensar em conseguir uma colocação como médico assistente e assim começar a ganhar a vida. Quando, em casa, nas férias de verão, vivenciou uma estranha experiência, com uma mesa que rachou sem qualquer explicação e uma faca que se partiu da mesma forma. Para Jung, essas foram experiências mediúnicas que sacudiram suas crenças e o levaram a uma reflexão acerca desses fatos e a um ponto de vista psicológico sobre a alma humana. (JUNG, 1993, p.101).

Recebeu, nessa ocasião, um convite de seu professor de clínica médica para que o acompanhasse a Munique, ao término de seus estudos e se tornasse seu assistente, convite prestigioso que estava Jung inclinado a responder afirmativamente, quando ocorreu o que denomina de “um fato sensacional”, que suprimiu suas dúvidas quanto ao seu futuro profissional. (JUNG, 1993, p. 103).

Preparando-se para os exames finais, deixou o manual de psiquiatria em último lugar dos livros a serem estudados. Segundo Jung, não havia de sua parte uma predisposição favorável a essa matéria, influenciado por um professor pouco estimulante e pelos registros negativos das experiências vividas por seu pai nas clínicas psiquiátricas. A psiquiatria era nessa época uma área sem prestígio e os psiquiatras que sabiam pouco mais que os leigos eram considerados pessoas estranhas e “a doença mental era tida como um mal desesperado e fatal e esta sombra se projetava na psiquiatria”. (JUNG, 1993, p.103).

Não havia uma psicologia que compreendesse o homem em sua totalidade e essa área despertava pouco interesse no campo médico. Muito compreensível que Jung tenha iniciado a leitura do manual de psiquiatria sem muito entusiasmo, como confessa ter acontecido. Iniciou-a pelo prefácio, com uma vaga curiosidade sobre como esse psiquiatra introduziria seu tema e justificaria sua própria existência profissional.

Jung foi arrebatado pela leitura do manual, especialmente pelas considerações do autor quanto ao caráter subjetivo da psiquiatria.

Recorda-se Jung do início de sua leitura e de sua reação ao texto.

Sem dúvida, é devido à particularidade desse domínio da ciência e à imperfeição de seu desenvolvimento, que os manuais de psiquiatria têm sempre um caráter mais ou menos subjetivo`. Algumas linhas adiante, o autor denominava as psicoses de `doenças da personalidade`. **De repente, meu coração pôs-se a bater com violência.** Precisei levantar para tomar fôlego. **Uma emoção intensa tinha se apoderado de mim:** num relance, como que através de uma iluminação, compreendi que não poderia ter outra meta a não ser a psiquiatria. Somente nela poderiam confluír os dois rios do meu interesse, cavando seu leito num único percurso. Lá estava o campo comum da experiência dos dados biológicos e dos dados espirituais, que até então eu buscara inutilmente. Tratava-se, enfim, do lugar em que o encontro da natureza e do espírito se torna realidade. (JUNG, 1993, p.104, grifo nosso).

“O psiquiatra só pode responder à doença da personalidade pela totalidade de sua própria personalidade. Tais esclarecimentos iluminaram o problema da psiquiatria me atraindo irremediavelmente para sua trilha”. (JUNG, 1993, p.104).

Jung relata como se deu essa escolha:

Minha decisão fora tomada: quando a comuniquei a meu professor de medicina interna, li em seu rosto uma expressão de desapontamento e de espanto. Minha antiga ferida, o sentimento de singularidade e isolamento tornaram-se de novo dolorosos. Mas agora eu compreendia melhor o porquê. Ninguém jamais pensou que eu pudesse interessar-me por esse mundo à parte, inclusive eu mesmo. Meus amigos ficaram admirados e desconcertados; achavam insensato que eu abandonasse a possibilidade imediata de uma carreira de medicina interna, tão valorizada naquele momento, tão atraente e invejável, por esse absurdo que era a psiquiatria. Compreendi que optara por um caminho secundário por onde ninguém queria ou podia me seguir. Mas nada, nem pessoa alguma teriam podido afastar-me dessa decisão: minha escolha era inabalável, um *fatum*. Dois rios tinham se reunido e me arrastavam em sua corrente poderosa, inexoravelmente para metas longínquas. Um sentimento de exaltação nascido do encontro e da unificação de uma natureza desdobrada transportou-me como uma onda mágica para os exames; fui aprovado, alcançando o primeiro lugar. (JUNG, 1993, p.104, grifo do autor).

Na entrevista *Face a face* (1959) Jung descreve esse momento com uma expressão, aqui citada no inglês original, pela exatidão em expressar seu sentimento: “*that hit the nail on the head*”, na tradução literal, bater na cabeça do prego, pode ser entendida, segundo Houaiss (2001, p.517) como: ir ao ponto, acertar em cheio, acertar na mosca. Essa forma parece mais próxima do sentido

original que a adotada para o português, no livro de McGuire e Hull (1982, p.377) e traduzida como “foi como se tivesse levado um soco na cabeça”.

“Meu coração batia selvagemmente”. É com essas palavras que descreve Jung a emoção intensa da descoberta do caminho a seguir e revela sua maneira particular de ouvir seu *daimon* e as manifestações do Self. (JUNG, 1959).

A leitura atenta da autobiografia de Jung torna compreensível o caminho que o criador da psicologia analítica percorreu na elaboração de sua teoria e na compreensão do seu próprio desenvolvimento pessoal.

A obra de Jung surge de sua experiência clínica e também da imensa capacidade de refletir sobre sua experiência pessoal. Realiza uma profunda auto-análise ao longo do livro.

Evidencia em seu relato a importância que atribuiu aos interesses, que desde cedo o levaram ao caminho das ciências naturais, assim como o despertar de sua inclinação pelos estudos humanísticos e filosóficos. A integração desses dados, e a resolução que encontrou para a aparente contradição entre ambas as áreas, indicam a valorização da voz interior e sua predominância sobre aspectos unicamente racionais. O depoimento que faz a respeito da sua descoberta vocacional, demonstra sua crença na orientação do inconsciente para a totalidade e para a realização do Self e exemplifica o processo de escuta e diálogo com a vocação pessoal.

## **2.1 FUNDAMENTOS DA PSICOLOGIA JUNGUIANA**

Alguns dos principais construtos do léxico junguiano, que aparecem ao longo do relato de Jung, apresentado na seção precedente, serão aqui expostos e definidos com o propósito de estabelecer sua ligação com a temática deste estudo.

Na seção *Psicologia analítica e vocação*, conceituaram-se a consciência, o Ego e a energia psíquica, por sua aproximação com o tema da vocação ou designação, como nomeada por Jung. Serão definidos aqui outros fundamentos junguianos, citados no desenvolvimento deste estudo.

Um dos fundamentos da psicologia junguiana é a sua compreensão do homem: a perspectiva ontológica da psicologia de Jung está assentada no conceito de totalidade do homem e do mundo. O homem é um ser voltado à auto-realização

psíquica e está inserido no mundo, que constitui um todo que abarca a dimensão consciente e inconsciente. Para Jung o mundo e o ser constituem uma totalidade.

Jung adota o termo *unus mundus*, para referir-se ao conceito da totalidade que inclui a consciência e o inconsciente, o mundo interno e o mundo externo. Na busca de esclarecer o significado da totalidade, Jung usou as representações e o simbolismo das mandalas. (PENNA, 2003, p.125).

A concepção de Jung sobre o inconsciente está, segundo Penna (2003, p.136), na base de sua teoria e define três níveis da psique: a consciência, o inconsciente pessoal e o inconsciente coletivo. Esses níveis são compreendidos como instâncias psicodinâmicas e não estáticas ou topográficas.

Uma camada mais ou menos superficial do inconsciente é indubitavelmente pessoal. Nós a denominamos *inconsciente pessoal*. Este, porém repousa sobre uma camada mais profunda, que já não tem sua origem em experiências ou aquisições pessoais, sendo inata. Esta camada mais profunda é o que chamamos *inconsciente coletivo*. Eu optei pelo termo 'coletivo' pelo fato de o inconsciente não ser de natureza individual, mas universal [...]. (JUNG, 2000d, §3, p.15, grifo do autor).

O inconsciente pessoal é constituído por aqueles conteúdos que são inconscientes, idéias dolorosas ou reprimidas, percepções subliminares, memórias ou por aqueles conteúdos que nunca chegaram a atingir a consciência; e é a partir desse conjunto que se formam os complexos inconscientes. O inconsciente pessoal é a camada mais próxima da consciência.

“O inconsciente coletivo, pelo contrário, é a fonte de todas as forças instintivas da psique e encerra as formas ou categorias que as regulam, quais sejam precisamente os arquétipos”. (JUNG, 1986a, §342, p.95).

A concepção do inconsciente coletivo, como a camada mais profunda e estrutural da psique, que contém elementos herdados, distintos dos conteúdos do inconsciente pessoal, é uma das mais originais construções de Jung.

“O inconsciente coletivo é a formidável herança espiritual da evolução da humanidade, que nasce de novo na estrutura cerebral de cada indivíduo”. (JUNG, 1986b, §342, p.95).

Herman Hesse (1968, p.6), escritor alemão que conviveu com Jung, tendo sido analisado por ele, expressa seu entendimento da concepção de homem, afinado com a visão junguiana:

A vida de todo ser humano é um caminho em direção a si mesmo, a tentativa de um caminho, o seguir de um simples rastro. Homem algum chegou a ser completamente ele mesmo, mas todos aspiram a sê-lo, obscuramente alguns, outros mais claramente, cada qual como pode. Todos levam consigo, até o fim, viscosidades e cascas de ovo de um mundo primitivo. Há os que não chegam jamais a ser homens, e continuam sendo rãs, esquilos ou formigas. Outros que são homens da cintura para cima e peixes da cintura para baixo. Mas, cada um deles é um impulso em direção ao ser.

Hesse explicita na linguagem compreensível para o seu leitor, dois conceitos centrais do pensamento junguiano: o impulso para a auto-realização, que Jung chamou de processo de individuação e a base comum a todos os seres humanos, nossa origem e modelo, do qual todos nós saímos, que Jung denominou como arquétipos.

Arquétipo é uma palavra derivada do grego *archetypon*, que significa modelo originário das formas, modelo das coisas criadas. Jung usa o termo para conceituar os conteúdos da parte mais profunda do inconsciente, isto é, do inconsciente coletivo. (PIERI, 2002, p.44).

"O radical grego *arché* refere-se a início, a origem; *tipo* vem de um verbo grego que significa 'golpear' e se refere a uma impressão ou modelo. Assim, arquétipo significa o modelo a partir do qual são impressas as cópias". (DOWNING, 1994, p.10).

O conceito de arquétipo é um dos fundamentos da psicologia de Jung, que assim o define:

Os arquétipos são formas típicas de comportamento que, ao se tornarem conscientes, assumem o aspecto de representações, como tudo o que se torna conteúdo da consciência. [...] se trata de modos caracteristicamente humanos [...]. (JUNG, 1986, §435, p.163).

O arquétipo em si não é apreensível. Para Jung, arquétipo designa formas específicas ou grupos de imagens. Essas formas coincidentes se encontram nos sonhos, nas fantasias, nas visões e nas idéias delirantes. O inconsciente só pode ser conhecido quando se mostra, e ele se mostra através do símbolo.

"Todo produto psíquico que tiver sido por algum momento a melhor expressão possível de um fato até então desconhecido ou apenas relativamente conhecido pode ser considerado um símbolo". (JUNG, 1991, §906, p.445).

Símbolo, palavra originada de *symballein*, significa projetar na direção do mesmo, colocar junto, é um dos componentes mais vivos da psique. (HOLLIS, 1997, p.11).

Para Jung (1991, §905, p.444) o símbolo é um elemento vivo da psique, cheio de significado e de mistério, que não pode ser totalmente apreendido. Entende que um conceito ou uma figura são simbólicos quando seu significado é mais abrangente do que aquilo que expressam

"A concepção do ser humano como simbólico e do mundo humano como a dimensão simbólica em que o ser humano está psicologicamente inserido define a própria dimensão psicológica do paradigma junguiano". (PENNA, 2003, p.139).

Jung chamou de pensamento simbólico a compreensão dos símbolos, o esforço de encontrar seu significado, e de função transcendente ao mecanismo que liga as tendências inconscientes e conscientes opostas, e que faz surgir dessa tensão entre os opostos uma nova função, de união, que os transcende. (JUNG, 1991, §916, 917, p.449).

"A função que cria símbolos é a função transcendente. A função que compreende os símbolos – o pensar simbólico – é a leitura simbólica, que aplicada aos símbolos realiza a elaboração simbólica". (PENNA, 2003, p.156).

Quando os conteúdos inconscientes são formulados e compreendidos através do pensamento simbólico, desponta a questão de saber como o Ego se comporta diante dessa situação. Da tensão e confronto entre o Ego e o inconsciente, é que surge a função transcendente, uma função capaz de superar o aparente paradoxo entre as polaridades, uma função de síntese, um processo espontâneo, realizado pela psique e que leva a uma nova formulação.

"Todo ser humano é capaz de ascender a uma consciência mais ampla, razão pela qual podemos supor que os processos inconscientes, sempre e em toda parte, levam à consciência conteúdos que uma vez reconhecidos, ampliam seu campo". (JUNG, 1988, §292, p.60).

As idéias ou imagens carregadas de afeto e que são experienciadas durante toda a trajetória de desenvolvimento do ser humano, são os complexos de tonalidade emocional. Os complexos são definidos como centros de energia constituídos em torno de um arquétipo ou tema arquetípico, originados provavelmente de uma forte experiência emocional e desencadeados por alguma situação ou acontecimento traumático ou impactante. Uma de suas características é a autonomia: enquanto permanecer inconsciente, todo acontecimento com semelhante carga emocional será interpretado de acordo com a ótica do complexo; como centro de energia, produz atividade – expressa na emoção – que toma grande parte da vida do indivíduo. Por essa razão se diz que não é o indivíduo que tem o complexo, mas o complexo que "tem" o indivíduo. (KAST, 1997, p.42).

Para Kast (1997, p.42) nos complexos, (palavra originada de *complexus* que significa cerco, encerramento, abarcamento) estão muitos conteúdos que desafiam o indivíduo em seu desenvolvimento, mas é neles também que estão contidas as novas possibilidades de vida.

Os conteúdos do inconsciente pessoal são principalmente os



é entendido como a renúncia a um objeto ou à satisfação de uma necessidade ou vontade a favor de uma alteridade, entendida como um poder sobre ordenado ao indivíduo, ou seja, algo que vem do inconsciente.

À medida que o mundo e tudo que existe é produto direto da imaginação, a criação do mundo resulta do sacrifício da libido que anseia pelo passado. Para aquele que olha para trás, o mundo (e mesmo o céu estrelado) se torna novamente a mãe debruçada sobre ele a envolvê-lo de todos os lados; e da renúncia a esta imagem e da nostalgia por ela origina-se a imagem do mundo que corresponde ao reconhecimento moderno. Desta simples idéia básica resulta o significado do sacrifício cósmico. (JUNG, 1986d, §646, p.399).

Para Jung (1998, §430, p229) o Ego não pode deixar de descobrir que o afluxo dos conteúdos inconscientes vitaliza e enriquece a personalidade e cria uma figura que o ultrapassa de algum modo, em extensão e em intensidade. Esta experiência paralisa uma vontade por demais egocêntrica e convence o Ego de que apesar de todas as dificuldades, é sempre melhor recuar para um segundo lugar, do que se empenhar em combate sem esperança, o qual termina sempre em derrota.

Jung formulou a existência de conteúdos da psique que permanecem ocultos, reprimidos ou desconhecidos pela consciência. Tais conteúdos foram chamados de sombra e representam uma parcela significativa na dinâmica psíquica.

“Todo homem tem uma sombra e, quanto menos ela se incorporar à sua vida consciente, mais escura e densa ela será. De todo modo, ela forma uma trava inconsciente que frustra nossas melhores intenções”. (JUNG In ZWEIG; ABRAMS, 1994, p.26).

O termo sombra é entendido na psicologia analítica com o significado específico do outro lado da personalidade, a parte escura da psique, inferior e inconsciente; é a sombra que contém todas as capacidades e sentimentos rejeitados pelo Ego, reconhecidos como estranhos ao “eu”. A sombra surge como uma compensação à identificação desenvolvida pelo Ego com as características ideais da personalidade, influenciadas pela família e pela cultura.

“[...] Por ser contrária à atitude consciente, não permitimos que encontre expressão na nossa vida; assim, ela se organiza em uma personalidade relativamente autônoma no inconsciente, onde fica protegida e oculta.” (ZWEIG; ABRAMS, 1994, p.28).

A sombra não contém apenas aspectos ou traços negativos da personalidade, mas também inclui os talentos e dons não desenvolvidos. Dessa forma, a vocação de uma pessoa pode estar na sua sombra, fora do alcance e do reconhecimento da psique consciente, o que justifica as questões sobre como acessá-la e trabalhar para sua integração.

“A sombra mantém contato com as profundezas perdidas da alma, com a vida e a vitalidade – o superior, o universalmente humano, sim, mesmo o criativo podem ser percebidos ali.” (FREY-ROHN In ZWEIG; ABRAMS, 1994, p.16).

O termo aparece em toda a obra de Jung, nos campos em que a Psicologia cruza com outros âmbitos de atuação, como a história das religiões, a mitologia

Hoje, ao tomar a decisão de ser Eu, de  
viver à altura do  
meu mister e, por isso, de desprezar a  
idéia do reclame,  
e plebéia socialização de mim, do  
Interseccionismo,  
reentrei de vez, de volta da minha viagem  
de impressões pelos outros,  
na posse plena do meu Gênio e na divina  
consciência da minha Missão.

Hoje só me quero tal qual meu caráter nato  
quer que eu seja; e meu Gênio, com ele  
nascido, me impõe que eu não deixe de  
Ser!

(PESSOA, 2005, p.42).

### 3. OS JUNGUIANOS: VOCAÇÃO E DAIMON

Foi com a publicação da segunda parte de *Símbolos e transformações da libido*, em 1912, que Jung começou seu afastamento da psicanálise e de Freud. Até essa ocasião Jung destacava-se como o jovem discípulo de Freud e era considerado no meio que ambos freqüentavam como o seu herdeiro intelectual. Essa obra, em sua versão definitiva, passa a chamar-se *Símbolos da Transformação* (JUNG, 1986d) e apresenta conceitos sobre o inconsciente, em especial sobre a energia psíquica e a libido, que se diferenciavam e se afastavam dos postulados freudianos.

Para Jung a libido referia-se à energia psíquica e não tinha a conotação exclusivamente sexual como defendia Freud. Essa divergência conceitual deu origem à ruptura histórica entre Freud e Jung e lança as bases da psicologia junguiana. Jung chamou-a inicialmente de psicologia complexa, mas a partir de 1916 passa a denominá-la de psicologia analítica, como fica conhecida a partir da publicação de *Estudos sobre Psicologia Analítica*. Há uma intensa produção intelectual de Jung, com a publicação de inúmeras obras nessas décadas seguintes.

A psicologia analítica encontrou crescente reconhecimento ao longo de todo o século XX assim como um número cada vez maior de estudiosos e analistas, espalhados pelo mundo todo. A psicologia de Jung desperta igualmente um imenso interesse em pensadores de diversas áreas do conhecimento, mantendo com as mesmas um diálogo fértil e enriquecedor. Jung foi um visionário, um homem à frente do seu tempo. Sua psicologia, que começou a ser formulada há mais cem anos, mantém uma extraordinária atualidade e comunicação com nosso tempo e com o homem contemporâneo.

Young - Eisendrath e Dawson (2002, p.9) definem bem a importância e a atualidade da obra de Jung:

As descobertas do psiquiatra suíço Carl Jung, um dos fundadores da psicanálise, constituem uma das expressões mais significativas de nosso tempo. Muitas de suas idéias antecipam os interesses intelectuais e socioculturais de nossa atualidade 'pós-moderna'. Eus descentrados, realidades múltiplas, a função dos símbolos, a primazia da interpretação humana (como nosso único meio de conhecer a 'realidade'), a importância do desenvolvimento adulto, a

autodescoberta espiritual e a necessidade de perspectivas multiculturais podem ser todos encontrados nos escritos de Jung. [...] Os analistas e pensadores que se interessam profissionalmente pelas idéias de Jung têm constantemente insistido que suas teorias básicas oferecem uma das contribuições mais notáveis e influentes ao século XX. Eles acreditam firmemente que suas teorias oferecem um modo valioso de decifrar não apenas os problemas, mas também os desafios que nos confrontam como indivíduos e como membros de nossa(s) sociedade(s) particular (es). Elas nos permitem penetrar nos múltiplos níveis tanto de nossa realidade interior quanto do mundo a nossa volta. E suas idéias têm tido influência marcante sobre outras disciplinas, desde a antropologia e os estudos religiosos até a crítica literária e os estudos culturais.

O universo atual da psicologia analítica é amplo, congrega uma vasta gama de autores e analistas, de diferentes nacionalidades e com diferentes ênfases em seus enfoques, em suas obras e na sua prática. Essas diversas vertentes foram reunidas e receberam de alguns autores diferentes denominações, a partir dos pressupostos principais que norteavam cada grupo. Foi Samuels quem cunhou, em 1985, a expressão *pós-junguiano* para referir-se aos analistas que, seguidores do referencial teórico deixado por Jung em suas obras e em seu trabalho, continuaram a pensar a psicologia analítica, seus pressupostos e sua prática, concordando, discordando ou acrescentando suas próprias contribuições ao arcabouço teórico que nos legou Jung.

[...] Jung tinha uma notável capacidade para intuir os temas e as áreas com as quais a psicologia do final do século XX estaria preocupada: gênero, raça, nacionalismo, análise cultural, perseverança, ressurgimento e poder sociopolítico da mentalidade religiosa numa época aparentemente irreligiosa, a busca incessante de significado – todos estes provaram ser a problemática com a qual a psicologia tem tido que se preocupar. O reconhecimento da precisão da visão intuitiva de Jung facilita um retorno mais interessado, porém igualmente crítico, aos seus textos. É isso que significa pós-junguiano: correção da obra de Jung e também distanciamento crítico da mesma. (SAMUELS In YOUNG-EISENDRATH e DAWSON, 2002, p.28).

As principais denominações utilizadas para agrupar as escolas pós-junguianas foram: escola clássica, escola arquetípica e escola desenvolvimentista. (SAMUELS, 1989, p.32).

A escola clássica é representada por autores e analistas que se alinham com as idéias originais de Jung e com os principais fundamentos de sua obra, entre os quais alguns de seus primeiros colaboradores. O centro de onde irradiava sua

inspiração e sua influência foi o *Jung Institute* em Zurique e entre seus representantes mais destacados estão Marie-Louise Von Franz (1915-1998), Edward Edinger e Gerhard Adler.

A escola arquetípica que é representada por James Hillman, Guggenbül - Craig e Rafael López-Pedraza, teve início também no Jung Institute, em Zurique, entre o final de 1960 e o início dos anos 70. O psicólogo norte-americano James Hillman, após concluir sua formação como analista no C. G. Jung Institute e seu Ph.D. na Universidade de Zurique, no ano de 1959, foi diretor de estudos do Jung Institute. Estabeleceu as bases dessa nova vertente da psicologia analítica.

A escola desenvolvimentista teve início com os analistas que tinham como principal interesse o desenvolvimento da psique e a importância das primeiras experiências psíquicas na infância, assim como os aspectos de transferência e contratransferência no processo analítico e aproximam-se em suas reflexões da psicanálise, representada por Klein, Bion e a escola contemporânea, representada por Winnicott e Bowlby, estabelecendo com ela uma aproximação e diálogo teórico. O centro da escola desenvolvimentista situava-se em Londres e entre seus principais representantes destacam-se Erich Neumann (1905-1960), Michael Fordham e Andrew Samuels.

As escolas divergiam na opinião de Samuels (1989, p.33), no tocante à relevância e ordenação que atribuíam aos três fundamentos da teoria junguiana: a definição de arquétipo, o conceito de Self, o desenvolvimento da personalidade e o processo de individuação, assim como divergiam também quanto à importância de determinados aspectos clínicos, a saber: a análise da transferência e contratransferência na análise, a ênfase na experiência simbólica do Self e o enfoque das imagens como expressão e linguagem da psique.

Como estabelecemos o objetivo de abordar neste estudo a perspectiva da psicologia analítica sobre a questão da vocação, consideramos referir esse amplo universo das escolas e dos autores junguianos, como um grande cabedal teórico – conceitual que abriga todas as diferentes vertentes. A opção de destacar nesse capítulo determinados autores deve-se à contribuição que fizeram a este tema, e que influenciaram a reflexão e o aprofundamento da questão proposta.

Optamos também por chamá-los de autores junguianos, pela profunda e fundamental ligação conceitual com a obra de Jung, privilegiando assim o que os une e a contribuição ao campo dos estudos junguianos e ao pensamento de Jung,

que permanece vivo e seminal até hoje sem, contudo, desconsiderar as diferenças ou conflitos conceituais que existem entre as diferentes escolas.

O analista junguiano Murray Stein (2006, p.1) declara que “a classificação em escola clássica, desenvolvimentista e arquetípica não funciona realmente muito bem nos dias de hoje e que todos os analistas podem combinar muito bem todas essas perspectivas (e mais) no *setting* da clínica contemporânea”. Sua opinião é corroborada por Samuels, quase duas décadas depois da sua publicação na qual cunhou o termo *pós-junguianos*:

Estas três escolas podem ser apreendidas de uma forma que respeite tanto suas diferenças manifestas quanto o fato de que elas têm algo em comum. Uma forma de fazer isso é imaginar um conjunto comum de conceitos teóricos e práticas clínicas. Cada escola é entendida como utilizando todo o conjunto, porém privilegiando e enfatizando certos elementos mais do que outros. Uma vantagem desta abordagem é que ela dá espaço para sobreposições entre as escolas, permite diferenças máximas dentro de cada escola, leva em conta variações entre praticantes individuais (muitos dos quais não se encaixam perfeitamente em uma única escola) [...]. (SAMUELS In YOUNG-EISENDRATH; DAWSON, 2002, p.33).

A psicologia junguiana permanece alinhada aos seus preceitos fundamentais ao tratar assim suas próprias questões acerca do seu chamado e da sua vocação. Dessa forma, as divergências podem ser compreendidas como manifestação dos talentos, carismas e da vocação que cada um foi chamado a realizar, que se manifesta na diferenciação, ou seja, no processo de individuação. Os diferentes autores manifestam sua forma particular de pensar e viver a psicologia analítica, o que somente enriquece o corpo de conhecimentos como um todo.

### **3.1 MARIE-LOUISE VON FRANZ E A ESCOLA CLÁSSICA**

Reconhecida por sua extraordinária obra, uma das mais importantes colaboradoras de Jung e fundadora do *Jung Institute* em Zurique, Marie-Louise Von Franz (1915 -1998), está ligada à escola clássica pela proximidade com os fundamentos da psicologia analítica. Escreveu sobre o tema da vocação e do chamado em seu livro *Psicoterapia* (1999). Dedicou o 1º capítulo à exploração do

conceito de auto-realização tal como Jung o concebeu, visando esclarecer e resgatar seu significado original.

Enfatiza que para Jung auto-realização é o processo do Ego de descobrir conscientemente e estabelecer um relacionamento com outro conteúdo psíquico que ele chama de Self ou Si - mesmo. Aponta que pela auto-realização, uma nova identidade do Ego mais contínua e estável se estabelece, e que o Ego, menos centrado em si mesmo e mais ligado à bondade humana, volta-se para o Self ou Si - mesmo e o ajuda a seguir na direção da realização.

Define o Self na concepção de Jung como:

Uma personalidade interior eterna ou mais abrangente que o ego. Jung também o definiu como a totalidade consciente - inconsciente da pessoa. Embora esse si – mesmo já esteja presente em toda pessoa como sua constituição básica, só é realizado na prática através do entendimento dos sonhos ou da imaginação ativa. Ao ser realizado, ele 'encarna' a si mesmo, por assim dizer, na vida mortal do ego. Se eu tivesse um dom musical como o de Beethoven, mas nunca o descobrisse nem fizesse uso dele, seria a mesma coisa que não existisse. Somente o ego consciente é capaz de realizar conteúdos psíquicos. Até mesmo algo assim grande, até divino, como o Si - mesmo só pode ser realizado pelo Ego. Essa é a auto-realização a partir da perspectiva junguiana. (VON FRANZ, 1999, p.18).

Von Franz aborda nesta mesma obra, no capítulo intitulado *Profissão e Vocação*, um aspecto que considera de grande importância para a formação dos analistas, que é a vocação e adequabilidade à profissão. Embasada na sua experiência como analista didata, responsável pela formação de futuros analistas, assinala que ao lado da necessária preparação intelectual e treinamento, de um sólido e abrangente fundo de conhecimentos e da busca contínua por ampliar a compreensão dos símbolos e da mitologia, o analista deve ter algumas características que o qualificam para tal mister. Para a autora, ao lado da força do Ego e do desenvolvimento das quatro funções da consciência, necessários para esse ofício, há um aspecto mais importante, que é a profunda ligação do Ego com o Self.

Somente quando experimenta o infinito em sua vida, como Jung o formulou, é que a vida encontra significado. Caso contrário ela se perde em superficialidades [...]. É importante que o analista viva interiormente no que é essencial, porque assim ele pode conduzir o analisando ao centro interno dele. (VON FRANZ, 1999, p.300).



As quatro funções da consciência são: a função pensamento, a função sentimento, a função intuição e a função sensação, as quais Jung (1991) definiu em *Tipos Psicológicos* e constituem parte importante de sua teoria. Von Franz (1999, p.300) destaca que o desenvolvimento intelectual e das funções da consciência dependem em grande parte da atitude do analista e estão relacionados com seu estado de normalidade. Lançar-se, porém, nesse trabalho com profundidade e envolvimento com os conteúdos do inconsciente só ocorrerá se a vocação estiver presente.

Entende a palavra *vocação* como “algo ainda mais profundo e essencial – a ligação com Deus ou com os deuses, ou seja, com as forças que se manifestam dentro da psique”. (VON FRANZ, 1999, p.298).

A idéia central de Von Franz é que existe um profundo centro ordenador da psique, o Self ou Si – mesmo e que na relação com este núcleo surgem os símbolos e toda expressão criativa do indivíduo. Faz um alerta aos analistas de que não basta ter ouvido o chamado da vocação uma única vez, mas que é necessário um trabalho contínuo com a tarefa criativa interior para que a vocação mantenha-se viva: “o direito de praticarmos esta profissão precisa ser repetidamente conquistado dentro de nós”. (VON FRANZ, 1999, p. 306).

Apesar de dedicada especificamente aos analistas e às suas questões vocacionais, a obra de Von Franz permite ampliar a concepção e o olhar abrangente e profundo da autora para as demais áreas da atividade humana. Pode-se destacar que ao lado dos aspectos específicos referidos, há o ponto central para se falar de vocação em qualquer área ou profissão, que é a ligação do Ego com a instância psíquica que a psicologia junguiana chama de Self ou Si – mesmo.

Von Franz explora o tema do *daimon* como um “companheiro interior” e suas manifestações nos diferentes tempos e culturas, desde a Antigüidade até a modernidade.

Confere um especial destaque à figura de *Hermes*, o primeiro e misterioso iniciador do Egito nas doutrinas sagradas, conhecido também como *Hermes-Toth*, que representa o guardião das tradições ocultas, que deu origem à Hermenêutica.

Na economia espiritual do mundo, todas as coisas são ligadas tanto por secretas afinidades como por um fio invisível. O nome de Hermes é um talismã que as resume, um som mágico que as evoca. Daí seu prestígio. Os gregos, discípulos dos egípcios, o chamaram *Hermes*

*Trimegisto, ou três vezes grande.* (SCHURÉ, 2005, p.96, grifo do autor).

Esse deus cósmico, representado por *Hermes - Toth* é compreendido como o *daimon* pessoal, o companheiro interior que habita o homem e que exerce as funções de mestre e protetor.

Para os romanos, o *daimon* era conhecido como Gênio, que nascia com cada indivíduo, determinando seu destino. “Companheiro que domina a estrela do nascimento, Deus da natureza humana, mortal em todo homem, face mutante, branco e preto”. (VON FRANZ, 1997, p.162).

A concepção romana, influenciada pelo espírito grego e pela concepção filosófica dos pensadores gregos, também considerava existir um núcleo espiritual imortal da alma. Destaca Von-Franz o pensamento de Platão: “Todo ser humano tem um *daimon* divino que forma a parte mais nobre de sua alma. Quem tenta aprender a sabedoria e se ocupa com as coisas divinas e eternas, aproxima-se do seu *daimon*, [...]”. (VON FRANZ, 1997, p. 162).

Também Sócrates apresentou sua concepção sobre o *daimon*, que se manifestava através de uma voz misteriosa, e que é assim descrito:

Apuleio descreve o gênio (*daimonion*) de Sócrates da seguinte maneira: ele é um protetor privado, um guia individual, um observador daquilo que se passa no interior, o ajudante mais pessoal, o conhecedor mais íntimo, o observador mais zeloso, o juiz individual, a testemunha irrefutável que desaprova o mal e enaltece o bem. Se o considerarmos, se tentarmos reconhecê-lo com zelo, honrá-lo religiosamente..., ele se revelará para nós como aquele que é capaz de perceber as situações inseguras, avisar-nos nos momentos duvidosos, proteger-nos dos perigos e ajudar-nos em caso de necessidade. (VON FRANZ, 1997, p.163).

Von Franz destaca a concepção do *daimon* como *agatho-daimon*, um “espírito bom” no homem, que tem como função ser seu guia, antever e alertá-lo sobre os perigos, protegê-lo e ajudá-lo nos momentos difíceis, conduzi-lo pelo caminho e estabelecer a ponte com o Self. Há sempre uma forma de comunicação entre a pessoa e seu *daimon*. Essa comunicação ou intervenção pode acontecer através dos sonhos, dos eventos sincrônicos e da escuta de uma voz interior.

A figura do companheiro interior, do *daimon* guia, aparece viva na Hermenêutica do final da Antigüidade e na alquimia, inspirada em Hermes e na sua

função como *psicopompo*, o condutor da psique, a ligação entre o mundo visível e o mundo invisível dos mistérios, uma manifestação da alma universal guiando o homem por seu caminho através da vida.

“Havia naqueles círculos um respeito religioso pelo companheiro interior, que hoje na linguagem da psicologia atual designaríamos como uma ligação com o “guru” interior, ou na linguagem junguiana, com o Self”. (VON FRANZ, 1997, p.165).

### 3.2 JAMES HILLMAN E A ESCOLA ARQUETÍPICA

O psicólogo norte-americano James Hillman (1926 - ) estabeleceu o campo de uma nova abordagem da psicologia junguiana conhecida como psicologia arquetípica. Em 1970 Hillman tornou-se editor de uma revista denominada *Spring* e publicou um artigo intitulado *Por que Psicologia Arquetípica?* (HILLMAN, 1995).

A psicologia arquetípica, seguindo uma tradição essencialmente retomada por Jung, fala de alma, de um sentido de alma. Acima de tudo, alma entendida como uma *perspectiva*, ao contrário de uma substância, *um ponto de vista sobre as coisas*, mais do que uma coisa em si. (BARCELLOS In HILLMAN, 1995, p.8, grifo do autor).

A psicologia arquetípica dá especial ênfase à dimensão do arquétipo, à alma, esse *in anima*, na qual toda a existência está inserida.

Hillman destaca os arquétipos como as estruturas básicas da psique, que são acessadas pela imaginação e que se apresentam através das imagens. Citando Jung, diz que “imagem é psique” e que “a realidade psíquica é constituída de imagens”, para conceituar o que significa a imagem para a psicologia arquetípica. (HILLMAN, 1995, p.10).

Para a psicologia arquetípica, a imagem é a maneira *como* se vê mais do que *aquilo* que se vê. É uma maneira de se ver com o coração como órgão dos sentidos. Imagem não se refere apenas à configuração visual, mas pode referir-se aos outros sentidos e à emoção. Uma sensação tátil, olfativa, auditiva ou gustativa pode configurar-se como uma imagem.

A metáfora primeira da psicologia arquetípica é a alma.

Metáfora em seu sentido etimológico é: “o prefixo *meta* (grego) significa entre, com, depois, mudança, transcendendo; *pherein* (grego) é carregar, suportar;

metáfora seria então, carregar adiante, suportar levando adiante”. (HALPERN-CHALOM, 2001, p.7).

Inspirado em autores e poetas românticos que influenciaram sua formação humanista e intelectual, como os ingleses Blake, D.H.Lawrence e especialmente Keats, Hillman (1995) chama o trabalho psicológico de fazer a alma ou “cultivo da alma”. Essa concepção do fazer a alma foi sendo ampliada de uma perspectiva individual para uma perspectiva cada vez mais coletiva e engajada no mundo.

“Você passa pelo mundo e faz sua própria alma. Mas e a alma do mundo? E a *anima mundi*, quem a faz?” (HILLMAN, 1995, p. 55).

Para Hillman, a psicologia arquetípica expande seu campo para além do individual e do processo de psicoterapia, e busca uma abrangência maior, voltando-se para toda a cultura e às múltiplas formas de manifestação do homem em seu meio. Nesse olhar para a alma do mundo, sugere que a individuação ocorre a cada momento, em cada interação do indivíduo com o mundo à sua volta e que tanto as pessoas, como o meio ambiente e o mundo dos objetos são igualmente importantes. Acredita que para desenvolver essa abertura e envolvimento com todos os níveis e categorias à sua volta, o homem precisa de um olhar capaz de ver o que chamou de “poema no coração das coisas”. (HILLMAN, 1995, p. 55).

Um dos objetivos de Hillman era tirar a psicologia do isolamento da prática clínica e voltar seus olhos e sua atuação às questões e desordens do coletivo. Hillman chamava esse campo mais abrangente “de terapia de idéias e não só de pessoas”.

Barcellos (2006, p. 99) aborda o tema da *anima mundi*: a alma do mundo foi aos poucos sendo expulsa das cidades e isso se reflete nas ruas, nas patologias sociais, na crise de consciência da cultura contemporânea.

Observa ainda que “hoje não só a alma do homem, mas, principalmente, a alma do mundo está doente, e são seus os sintomas que mais nos afligem e agridem”. (BARCELLOS, 2006, p.100).

Adverte contra uma “fantasia melhorista” e ações “pseudopolíticas” diante de um quadro difícil e que pede soluções complexas. O entendimento que se tem aqui é que uma profunda ação política, no sentido grego do termo, assim como uma ação ecológica ou ecopsicológica profunda, como “urgência e como cura”. Ecologia tem origem em *oikos*, casa em grego, palavra usada para designar a terra, nossa casa ancestral e permanente e *logos*, estudo, raciocínio. (BARCELLOS, 2006, p.100).

“É uma psicologia deliberadamente ligada às artes, à cultura, e à história das

O *daimon* assume diferentes nomes e formas ao longo de toda a história. *Daimon* era o termo que os gregos usavam para designar essa força que nos chama em direção ao nosso destino. Os romanos o chamavam de *genius*, para os cristãos é o *anjo da guarda*, para os românticos, era o *chamado que vinha do coração, companheiro eterno, protetor*. Os egípcios o consideravam na forma de *ka* ou *ba*, assim como era presente entre os esquimós e entre os povos primitivos. (HILLMAN, 1997, p.19; 274, grifo do autor).

“Um chamado pode ser adiado, evitado, intermitentemente não escutado. Pode também tomar conta de você totalmente. Qualquer coisa; com o tempo ele aparece. Exige. O *daimon* não vai embora.” (HILLMAN, 1997, p.19).

Resgatando o *mito de ER* relatado por Platão na sua obra *República*, trazendo-o para nossos dias, aponta Hillman à função redentora do mito, empenhada a nos preparar e inspirar para a vida. Destaca-se pela sua relevância ao nosso assunto e pela atualização que faz de conceitos antigos e de certa forma desconsiderados dentro da nossa perspectiva ocidental pragmática.

Ao sugerir a escuta atenta ao *daimon*, presente desde o momento primordial da vida de cada ser humano, antes mesmo do seu nascimento, propõe considerar a biografia e as manifestações inequívocas de cada pessoa a partir de uma perspectiva totalmente nova para a psicologia contemporânea. Entende que a psicologia reconhece a individualidade e a singularidade de cada indivíduo, mas “quando se trata de explicar a centelha da singularidade e o chamado que nos atém a ela, a psicologia também fica aturdida”. (HILLMAN, 1997, p.21).

A teoria do fruto do carvalho sustenta que cada um nasceu com uma imagem que o define, assim como carrega sua própria idéia. E o *daimon* não tolera extravios, pelo contrário, age no sentido de proteger e estimu

estão presentes em todo ser humano. Os impedimentos de um caminho podem ser tomados como sinais para uma outra direção.

Hillman exemplifica, da mesma forma, as manifestações do *daimon* nas biografias de pessoas extraordinárias e que deixaram sua marca na história, nos mais diversos campos de atuação humana, de uma forma positiva ou negativa. Afirma ter escolhido tais personagens por considerar que seria mais fácil reconhecer a presença do *daimon* nesses indivíduos extraordinários, e que eles, por despertarem o interesse e o imaginário, são exemplares para a própria vida e para a descoberta do próprio chamado.

A Psicologia de Hillman vê a alma na perspectiva da imaginação, fantasia, mito e metáfora e acredita que se reduzida à biografia pessoal, a imagem primordial, única que está gravada em cada indivíduo, ficará esquecida. Propõe que a biografia humana seja reescrita a partir dos conceitos de beleza, mistério e mito, da mesma forma como acontecia na tradição grega. (HILLMAN, 1997, p.15).

Ao fazê-lo, resgata não apenas a vocação no plano individual, mas sua importância no contexto maior, a vocação inserida no coletivo e no mundo em que vive.

Uma das idéias de Hillman que se vincula com o assunto é a ênfase que coloca na sua reflexão sobre a alma do mundo, a *anima mundi*, levando a pensar como a alma está sendo feita ou cultivada na prática psicológica, na busca pela descoberta da vocação pessoal.

A proposta que Hillman (1995, p.14) apresenta é que a psicologia arquetípica pode ir além dos limites da prática clínica e da psicoterapia dos indivíduos e ampliar sua presença na cultura e no campo da imaginação ocidental, fazendo "a terapia das idéias e da alma do mundo".

Há um grande contingente de adolescentes, de jovens e de adultos que pressionados pelas exigências e expectativas externas, perderam o contato com seu *daimon* e com sua voz interior, e que ao se perceberem sem rumo buscam um caminho para essa reconexão.

Este estudo está interessado no olhar, na escuta e no comprometimento com o fazer a alma, a atitude de estar a serviço da essência da psique. A clínica psicológica, em suas muitas modalidades, é compreendida como um espaço privilegiado onde o fazer a alma pode acontecer.

Hillman (1997, p.137) propõe uma importante contribuição, para o trabalho clínico com a vocação, ao afirmar que o indivíduo quer ser visto: “ser é antes de mais nada ser visível e percebido”. Valoriza o olhar, a imagem que um mentor detecta num pupilo, aquilo que se vê além do aparente.

Aqui estou diante de seus olhos, você está me vendo? Essa é a pergunta que inicialmente surge no trabalho terapêutico. Para ver o fruto do carvalho é preciso ter um olho para a imagem, um olho para o que se mostra e as palavras para se dizer o que se vê. “É olhar com os olhos e com os olhos do coração”. (HILLMAN, 1997, p.137).

A psicologia arquetípica, diferentemente da escola clássica, enfatiza as manifestações e realizações do *daimon*, atribuindo destaque à imagem arquetípica. Argumenta que o indivíduo “não é um processo nem um desenvolvimento”. Cita Picasso ao dizer: “Eu não desenvolvo, sou”. (HILLMAN, 1997, p.17).

Destaca-se a concepção de Hillmann, mas se entende necessária uma reflexão sobre as manifestações do *daimon* e a resposta do indivíduo a ele. O *daimon* é uma extraordinária força que chama o indivíduo e tenta fazer com que este o siga. A indiferença do homem atual para com seu *daimon*, a recusa em ouvi-lo e ao seu chamado, o cinismo com que alguns indivíduos o encaram, pode provocar danos à vida psíquica, assim como segui-lo cegamente. Deve haver um diálogo constante, uma negociação, um entendimento entre o *daimon* e o Self. O indivíduo tem que responsabilizar-se pelo *daimon*, que vivido em sua forma extrema, sem adequação e humanização necessárias, pode impor-se e representar a perda do caminho e não a vocação para a vida.

“O *daimon* motiva, protege, inventa e persegue com obstinada fidelidade. [...] faz seu portador agir de forma que foge às regras, especialmente quando negligenciado ou contrariado. [...] é um ser mítico e pensa em termos míticos”. (HILLMAN, 1997, p.50).

Este estudo ressalta a importância da psicologia arquetípica para o tema da vocação e do *daimon*, mas o entende dentro do processo de diferenciação de cada indivíduo e da realização do Self ao longo da vida – o processo de individuação.



### 3.3 A ESCOLA DESENVOLVIMENTISTA

A vertente da psicologia analítica conhecida como *escola desenvolvimentista* teve impulso com o trabalho de Michael Fordham (1905 – 1995). Fordham começou sua carreira no movimento *London Child Guidance* e após concluir seu treinamento como analista junguiano tornou-se fundador e uma das principais figuras da Sociedade de Psicologia Analítica de Londres.

Fordham e seus colaboradores desenvolveram pesquisas que visavam estabelecer uma teoria coerente do desenvolvimento infantil compatível com a tradição junguiana, e que ao mesmo tempo pudesse beneficiar-se com as novas descobertas e técnicas psicanalíticas pertinentes, e em certa medida, as incorporasse particularmente aquelas relacionadas ao desenvolvimento inicial do bebê e à transferência e contratransferência (YOUNG-EISENDRATH; DAWSON, 2002, p.131).

No cenário londrino nas décadas de 1940, 1950 e 1960, essas pesquisas de Fordham e seguidores estabeleceram um frutífero diálogo com seus contemporâneos psicanalistas e pesquisadores das teorias do desenvolvimento, entre os quais se destacavam Klein, Winnicott, Bion e Bowlby, membros da Sociedade Psicanalítica Britânica e da sua “escola de relações objetais”, que estabeleceu a importância das primeiras interações do bebê com as figuras cuidadoras. Fordham (2001) relacionou as formulações da psicanálise, especialmente as de Melanie Klein, que considerou pioneiras e revolucionárias, com as idéias de Jung e exerceu influência recíproca em seus colegas psicanalistas, que assimilaram muitas das idéias de Jung, tais como os conceitos de Self e de Individuação. Foi assim que surgiu o que conhecemos como o “modelo Fordham”, elaborado a partir das observações de bebês, da sua experiência clínica e dos seminários teóricos onde discutia com seus colaboradores suas descobertas e conclusões.

Em seu livro *A criança como indivíduo*, Fordham (2001) apresenta seu modelo conceitual baseado em três entidades teóricas fundamentais na psicologia junguiana: o Ego, os Arquétipos e o Self, e define como cada entidade é compreendida e definida pelo seu modelo.

A ênfase da escola desenvolvimentista está nos processos evolutivos da psique e nas relações transferenciais da análise. (SOLOMON, In EISENDRATH, 2002, p.128; 135).

O modelo Fordham ganhou contribuições importantes de autores mais recentes, dos quais destacamos Feldman (1996), Henderson (2005) e Frankel (2005). Henderson (2005, p. xvi) publicou em 1967 *Threshold of Initiation*, traduzido como *Limiar* ou *portal da iniciação*, entende o processo através do qual um jovem passa da infância para vida adulta como uma iniciação, inserida no processo de individuação. Afirmar que o arquétipo da iniciação é essencial para o desenvolvimento humano e explora o tema da passagem e do limiar na mitologia grega e nos ritos das sociedades tribais.

Frankel (2005) que aproxima a psicologia junguiana da teoria de Winnicott, também entende a adolescência na perspectiva da ind

A obra de Campbell no campo da mitologia comparada tem uma importância extraordinária para as ciências humanas no séc. XX, “com sua forma única de tecer juntos o mito, religião, ciência e arte”. (COUSINEAU In CAMPBELL, 2003, p. 16).

Estudioso, professor e escritor, a abordagem histórica comparativa que desenvolveu nos campos da mitologia, da religião e da literatura, ensinava que:

“Os temas comuns ou arquétipos de nossas histórias e imagens sagradas transcendiam as variações ou manifestações culturais, e poderiam revelar nossas raízes psicológicas comuns.” (CAMPBELL, 2003, p. 15).

Campbell (2003, p.16) emprestava da cosmologia hindu a metáfora da “rede de pedras preciosas” para designar o sistema que tece junto mito, religião, ciência e arte e no qual estamos inseridos. Um de seus principais postulados é que há uma grande rede de impulsos arquetípicos avivando o espírito humano ao longo de toda a História, que ele chamou de “uma grandiosa canção”.

“A palavra mito é derivada de *mythos*, palavra sânscrita que significa sons divinos, sons cósmicos”. [...] de *mythos* derivou-se outra palavra muito importante: *meyin*, que significava compreender os mitos, e quem a praticava era chamado *mysté*. A escola que abrigava os *mystés* chamava-se *mysterius*”. (SALIS, 2002, p.32).

Campbell (2003, p.35) relata como se deu a descoberta de seus interesses e como foi por eles influenciado em suas escolhas. Esse gosto pela mitologia apareceu muito cedo em sua vida. Estava com cinco anos quando seu pai levou-o a um show sobre o velho oeste e ao Museu de História Natural, em Nova York. Iniciou-se assim seu fascínio pelos índios nativos norte-americanos e seus estudos da mitologia, tema que o acompanhou pela vida toda e pelo qual precocemente manifestou seu entusiasmo.

Seus estudos prediletos durante a escola secundária eram biologia e matemática, e durante certo tempo sentiu-se completamente desorientado, sem saber que caminho escolher. Ao ler uma biografia de Leonardo da Vinci, decidiu mudar seu foco de Ciências Naturais para as Ciências Humanas e para a História da Cultura. Abriu-se assim para o jovem o campo das artes, da cultura, da história das civilizações.

*A Jornada do Herói* (2003) é o resultado de uma longa série de entrevistas que concedeu desde 1982 até 1987, ano da sua morte. Até o final da vida conservou vivo extraordinário interesse e entusiasmo pelo seu trabalho, que contagiava seus

alunos e pessoas à sua volta, tornando-o um renomado e carismático conferencista, professor e divulgador de suas pesquisas sobre mitologia.

Sua obra resgata a importância da questão da vocação humana, e da busca de respostas com significado para a vida psíquica. Sua mensagem acerca da importância dos mitos era um convite ao homem de seu tempo:

“Em uma era dominada por um invasivo sentimento de profundo ceticismo e ansiedade, surgia alguém que insistia para que encontrássemos o que eletriza e vivifica nossos corações e nos desperta”. (COUSINEAU In CAMPBELL, 2003, p. 22).

A obra de Campbell surge como uma resposta às indagações e angústias do homem contemporâneo. Sua orientação àqueles que buscavam conhecer seu caminho, iniciava-se assim: “A vida não é um problema a ser resolvido, mas sim um mistério a ser vivido”. (CAMPBELL, 2003, p.17).

Uma de suas mais importantes contribuições foi o destaque que deu à dimensão mítica da experiência humana, atualizando sua importância para o homem do nosso tempo.

“Encontre a verdadeira paixão de sua vida e siga-a, siga o caminho que não é caminho. Siga sua bem-aventurança. Quando tiver a genuína experiência do 'Ah! ', então você saberá que está no mistério”. (CAMPBELL, 2003, p.18).

*Follow your bliss* essa era sua crença e orientação. *Bliss*, palavra da língua inglesa usada nos originais de sua obra, foi traduzida para o português como “bem-aventurança, alegria, satisfação, contentamento, ventura, glória”. (HOUAISS, 2001, p. 76).

“Representa a busca pelo caminho pessoal, ainda que nele possamos passar por dores, alegrias, sofrimentos ou êxtase. **Bliss é algo que não podemos deixar de fazer, é um chamado**”. (CAMPBELL, 2003, p.13, grifo nosso).

Considerava o brilho no olhar e a experiência do “Ah!”, a profunda inspiração e expiração, o arrebatamento que permite ao homem o contato com a sua essência e sua verdade, um sinal do caminho. Muito mais abrangente que uma elaboração intelectual, propõe ao homem uma experiência intensa consigo mesmo e uma conexão com a realidade à sua volta.

Esteja no aqui-e-agora por você mesmo, isso funciona como um mecanismo de alívio e como uma aceitação pessoal em nível mais profundo; isto permite à pessoa que se entregue a esse lugar tranquilo que existe dentro dela. Então algo começa a fluir no íntimo,

uma espécie de bem-aventurança consciente ou uma forma de energia extra parece atravessar a pessoa, e aí as coisas acontecem. (CAMPBELL, 2003, p. 56).

O herói é aquele que sabe *quando* tem de se render e a *que* deve se render. Render-se é parte da dinâmica da vida, é dizer *sim* à vida e o homem que se rende está ativamente exercitando sua parceria com a vida, colocando-se como ator, aquele que age, que escolhe e mesmo diante dos obstáculos e dificuldades tem uma participação ativa. Quando isso não acontece, o homem reproduz em sua vida o que Campbell afirma como a antítese do herói, que é a vítima. (CAMPBELL, 2003, p. 44).

Uma das importantes contribuições de Campbell (2003, p. 72) foi demonstrar como a vivência mítica do homem, o tornar-se transparente ao transcendente, acontece nas mais diferentes culturas e é inerente à própria experiência humana.

“Cada indivíduo tem que descobrir o que o eletriza; o que vivifica seu próprio coração e o desperta”. (CAMPBELL, 2003, p.165).

Questionado por um de seus entrevistadores sobre como aplicar esse tipo de conhecimento e compreensão à sociedade e à vida atual, Campbell diz que há jovens que possuem um sentido da vida a ser vivida, mas que acabam seguindo os desejos e expectativas do pai que escolhe o que acredita ser a melhor carreira para o filho:

A pressão social é o inimigo![...] Como se pode descobrir o próprio caminho quando se está sempre fazendo o que a sociedade nos manda fazer? Eu também passei um ano lecionando em uma escola de rapazes e era um bando de gente que também estava tentando fazer suas próprias escolhas pessoais, sabe? Eu os tenho visto, desde aquela época, e os que seguiram sua paixão, sua bem-aventurança, levaram vidas decentes, maravilhosas. E os que fizeram o que papai dizia que deveriam fazer porque era mais seguro acabaram por descobrir que não havia segurança alguma. É um desastre. (CAMPBELL, 2003, p.96).

Campbell estimulava seus alunos a escolher uma profissão e abraçá-la com dedicação. “Descubra qual vai ser sua profissão e aprenda a fazê-la bem.” (CAMPBELL, 2003, p. 132).

Como o homem contemporâneo, em especial o jovem, pode seguir sua canção e sua bem-aventurança? Esse é um dos desafios que enfrenta o ser humano.

Cada pessoa precisa elaborar essa questão à sua própria maneira. Mas se alguém apenas se recusa a pensar que tem um problema interior, não vai conseguir solucioná-lo. Ninguém pode fazer isso por outra pessoa. Temos de aprender a reconhecer a profundidade de nosso ser. (CAMPBELL, 2003, p.81).

A abordagem de Campbell, na perspectiva da bem-aventurança não é de forma alguma um enfoque ingênuo ou simplista, para a realização e a felicidade, como pode parecer na atualidade, com questões complexas sobre o desenvolvimento e as escolhas do indivíduo, e que exigem respostas também complexas. Ao contrário, é uma exortação para que cada indivíduo encare seu chamado à aventura, à descoberta de seu próprio caminho pessoal, e ao enfrentamento do *status quo*, de uma cultura focada e centrada em valores materiais.

Durante um ano lecionei em uma escola preparatória masculina. Há um momento na vida desses jovens em que começam a aparecer dúvidas e surge a questão: “Há dinheiro nisso?” Era o que todos me perguntavam e eu dizia: “Ouçam, façam o que vocês quiserem e não se preocupem com o dinheiro”. E hoje estou firmemente convencido disso, não somente em relação à minha própria experiência, mas também conhecendo as experiências de outras pessoas [...]. (CAMPBELL, 2003, p.249).

A obra de Campbell, em especial *A Jornada do Herói* (2003), insere-se na perspectiva da psicologia junguiana, apesar de não se tratar de trabalho psicológico no sentido clínico, mas de cunho antropológico e histórico; influenciou para o resgate de importância da mitologia na cultura contemporânea.

Eliade e Campbell foram pioneiros em seus estudos sobre os mitos, os símbolos, a jornada humana na busca do sagrado, tendo ambos enorme influência na compreensão desses temas pela cultura do séc. XX. Eliade realizou estudos comparados sobre a história das religiões e as manifestações religiosas em diferentes culturas e sobre os mitos e o conjunto da sua obra é fundamental na abordagem dessa temática. Campbell realizou uma verdadeira arqueologia dos mitos, resgatando a importância da mitologia e de seu papel na história e na evolução do homem. Contemporâneos, têm ambos, grande destaque por traduzirem para a cultura ocidental contemporânea a linguagem simbólica, arquetípica e

mitológica da experiência humana. Através desses autores se dá a ampliação do olhar e da compreensão do homem atual para a dimensão mítico-histórica. Suas obras constituem referência para as pesquisas sobre os temas ligados à mitologia, e tem especial importância para a comunidade junguiana.

Exemplifica com a jornada do herói o caminho para a realização do Self, privilegiando em sua obra a importância do homem encontrar seu chamado e permanecer fiel ao seu caminho.

Para Campbell (2003, p.18), a procura do sentido da vida é na verdade a procura de uma profunda experiência de estar vivo. (CAMPBELL, 2003, p.18).

Quando seguimos a nossa bem-aventurança, e por bem-aventurança quero dizer o profundo sentimento de se estar no caminho e fazendo aquilo que nos impele a avançar a partir de nosso próprio ser, pode não ser divertido, mas é essa a nossa bem-aventurança. E também há bem-aventurança por trás do sofrimento. Se seguirmos esse chamado, portas se abrirão onde antes nem havia portas, onde não sabíamos ser possível haver portas, e onde não haveria portas para nenhuma outra pessoa. Há alguma coisa importante na integridade de uma vida. E o mundo se move para ajudá-la. Realmente, ele faz isso. Assim, penso que a melhor coisa que eu posso dizer é: “Siga sua bem-aventurança”. Se para você a bem-aventurança for apenas o divertimento e a empolgação, você está no caminho errado. Ou seja, você precisa ser instruído. Para saber onde está sua bem-aventurança. E isso envolve um mergulho no local profundo do seu próprio ser. (CAMPBELL, 2003, p.249).

A grande contribuição da obra de Campbell é atualizar para o jovem de hoje o encantamento e a força do mito e da jornada heróica, traduzindo-a para a linguagem e possibilidades do homem comum. Tira o homem do determinismo, da descrença e dos apelos exclusivamente materialistas e racionais, ao afirmar que é possível ouvir o chamado e realizá-lo em sua própria vida.

Desejo ser um criador de mitos, que é o mistério mais alto que pode obrar alguém da humanidade. (PESSOA, 2005, p.84).



## 4. RESGATANDO AS ORIGENS: OS MITOS, O PENSAMENTO GREGO E A COMPREENSÃO DO CAMINHO HUMANO

“Em ti está oculto o tesouro dos tesouros”.

“Homem conhece-te a ti mesmo - e conhecerás o Universo e os deuses”. (inscrição no portal do Templo de Delfos, Atenas).

Pretende este capítulo a compreensão do caminho, ou método que os mestres gregos percorriam com seus jovens na busca do autoconhecimento e do conhecimento do outro, traduzidas na melhor definição dos seus talentos, carismas, enfim, da sua vocação.

Esta reflexão sobre o tema da vocação volta o olhar à concepção grega, tanto no período arcaico, compreendido entre os séc. VIII até o séc. VI a.C. como no classicismo grego, compreendido entre os séc. V e IV a.C. pela grande importância que esta concepção atribuía ao tema dos talentos, carismas e dos mitos, como forma de compreender a busca do homem para conhecer-se a si mesmo e ao seu destino.

O tema da vocação, da escuta interior e da descoberta do caminho é o roteiro que leva a esse retorno às raízes históricas da nossa cultura. O objetivo específico desta seção é o de estabelecer um diálogo entre a temática vocacional e o referencial a que os gregos chamavam “a arte de formar homens obras de arte, éticos e criadores”.

A Paidéia será tomada como referência sobre a formação dos jovens. (SALIS, 2002, p10).

Para a tradição arcaica grega, o ser humano tinha sua origem nos astros, e para os astros retornaria. Acreditava que toda energia primordial cósmica, que habita e ilumina os astros, seria emprestada aos homens durante sua vida. Através do batismo, ao receber seu nome, o ser humano receberia também o carisma dos deuses. Advém dessa compreensão a importância que atribuíam ao nome que a criança receberia e que era escolhido após a consulta ao oráculo, pois ele trazia junto consigo uma missão a ser realizada ao longo da vida.

Na Atenas do período clássico, um dos oráculos mais importantes era o Oráculo de Delfos, no templo de Apolo. Oráculo para os gregos era a consulta a uma profecia, num local consagrado à sabedoria e à luz. Construído num local

próximo ao monte Parnaso, era para Delfos que iam os pais buscando ouvir da pítia ou pitonisa, a sacerdotisa do templo e sua mais alta autoridade eclesiástica, o nome e o destino do filho. O nome conferia ao indivíduo o direito de ser e indicava-lhe um caminho, uma direção a seguir, um destino a ser cumprido. *Oráculo* significa *voltar a visão para dentro* e também *profeta, adivinho*. Mais importante que uma simples função adivinhatória, ir ao oráculo representava colocar o indivíduo frente a frente com seu destino. (SALIS, 2002, p.30).

A inscrição célebre no portal do templo de Apolo, “Conhece-te a ti mesmo”, revela que a indicação do oráculo deveria ser compreendida à luz do autoconhecimento e tinha uma conotação cósmica além da conotação psicológica. O homem que não conhecesse a si mesmo perambulava sem rumo por toda a vida. Havia uma segunda inscrição, “Que aquele que não tem mãos puras não se aproxime daqui”, indicando que no interior do templo reinava a verdade e a seriedade. (SCHURE, 2005, p.205).

Acreditavam os gregos que o coração é a sede do nome e que ao recebê-lo por ocasião do seu nascimento o indivíduo receberia também um propósito de vida. Quando estivesse completando sua formação, na entrada para a vida adulta, deveria o jovem voltar ao oráculo para confirmar seu nome e sua missão ou então encontrar um novo nome, que melhor refletisse sua essência e seus talentos. Para Píndaro, os deuses emprestavam o nome aos indivíduos para que eles participassem da sinfonia cósmica. Por ocasião de sua morte, seu nome era devolvido, entregue a um deus, e o indivíduo estava pronto para ir ao encontro dos astros. (SALIS, 2005, informação verbal)<sup>1</sup>.

No templo de Apolo *deus da luz e das profecias*, ficava a *Esfinge*, estátua de monstro mitológico com cabeça de mulher, corpo de leão e asas de águia. *Esfinge* significa “apertar a garganta até sufocar”. Era conhecida pelos enigmas que propunha, sendo que estes podiam ser resumidos nas seguintes questões fundamentais: “Quem és tu? ’, 'De onde viestes? ’, 'Para onde vais? ’ 'E o que fazes aqui"? 'Decifrar essas questões era o desafio para que o homem não fosse sufocado, asfixiado pela angústia de nada saber sobre si mesmo e sobre seu destino. (SALIS, 2003, p.29).

---

<sup>1</sup> Informações extraídas de seminários sobre Mitologia Grega, freqüentado durante o ano de 2005

A própria figura da esfinge indicava o caminho para as respostas: a cabeça de mulher representava a intuição e a sensibilidade, o corpo de leão indicava a coragem, a força e a saúde física e mental e as asas de águia apontavam o caminho do homem para o alto, para seu crescimento espiritual e para a sabedoria, representados pelos ideais gregos do nobre, bom e belo.

## 4.1 OS MITOS E A CONCEPÇÃO GREGA

O risco maior é viver e morrer em vão. [...] Esgota toda sua potência e energia para criar, para aquilo para o qual foi feito. Não desperdice a si próprio; os deuses vingam-se daqueles que recebem talentos e os desperdiçam em benefício pessoal ou o jogam fora. (PINDARO, Séc. VI a.C. apud. SALIS, 2002, p.45).

### 4.1.1 A ESTÉTICA

Os gregos possuíam um apurado senso estético e durante toda sua vida o aspiravam como um ideal.

A palavra grega estética era derivada de *estos* (sentimento, estima) e de *ética* (de *ethos*, caráter, morada, disposição da alma). O *ethos* para o grego também se refere ao conjunto de costumes, *mos*, *mores*, que origina a palavra *moral*. Segundo esse entendimento, ética vai além do sentido moral, ao buscar os princípios fundamentais do ser humano.

A concepção original de estética, do sentir ligado à vida, ao *ethos*, estava associada ao ideal grego da beleza como qualidade superior vinculada à essência e à totalidade do ser humano e do mundo. Qualquer ação ou criação do homem deveria ser guiada por esse critério associada aos critérios da nobreza e da bondade.

O conceito atual de estética reduziu-a a um conjunto de atributos ligados à forma física, beleza, superficialidade. O sentido mais elaborado ficou reservado às artes e ao refinamento da sensibilidade.

Certamente é mais amplo, pois está ligado à essência de cada ato humano, e arte, para os gregos, é ligada à arte de viver e expressar-se, o que inclui as atividades artísticas, mas as transcendem. Acredito ser pertinente questionar a

estética nas atividades do cotidiano do homem como critério de manifestação vocacional.

#### 4.1.2 OS TALENTOS E CARISMAS

Carisma, ou *chárisma* (ou *hárisma*, com o h aspirado) para os gregos, significa graça divina, talento, dom, possibilidade e potência. Tem sua origem etimológica na palavra sânscrita *xar* (*hár*), que significa inspiração, sopro, o ar que sustenta a vida.

Para a cultura grega, carismas e talentos eram conceitos fundamentais para a compreensão do destino do homem:

Os talentos tinham uma função libertadora e criadora, ajudavam o homem a descobrir quem era e o que viera fazer aqui na Terra, de modo que assim, permitiam que se aproximasse do seu destino a cumprir e dos deuses. O homem deveria usar seus talentos para servi-los e isto queria dizer que estava a serviço da criação. Devem ser feitas duas ressalvas aqui: a primeira delas concerne à idéia que temos de destino como sendo algo que se confronta com nossos ideais de liberdade e autodeterminação. Para o pensamento antigo, cumprir seu destino era exatamente encontrar em si mesmo essa autodeterminação, [...] assim, **cumprir seu destino era o máximo de liberdade responsável que alguém poderia almejar. Significava ainda entender o que veio fazer aqui, qual era sua função e natureza e ajudava a compreender o seu mistério de existir.**

Eram vistos como dádivas, presentes dos deuses e, indicavam, assim, seu destino, que era exatamente cumpri-los. Ao fazê-lo, o homem realizava tal destino, visto então como a consolidação plena e máxima de seus talentos. Portanto liberdade e destino coincidiam totalmente. (SALIS, 2002, p.19, grifo nosso).

Relacionada aos talentos e carismas, a palavra grega *doksa* tem um importante significado neste contexto: *doksa* em seu sentido original é definida como opinião, juízo, mas é também usada para designar pendor, inclinação natural. Guiar-se por sua *doksa* é estar ligado às inclinações naturais, estar convicto de algo para o qual se inclina e seguir sua opinião.

A *doksa* é entendida no pensamento grego como uma tradução humana do *daimon*. (SALIS, 2002, informação verbal).

### 4.1.3 A PAIDÉIA: A CONCEPÇÃO GREGA NA FORMAÇÃO DO JOVEM

Paidéia, palavra derivada de *paidos*, que em grego significa aprendiz, aquele que está sendo iniciado em algum conhecimento, referia-se inicialmente à criação de meninos, ao conjunto de atos e costumes envolvidos na educação de uma criança ou de um jovem.

Desse significado inicial, voltado à educação dos meninos, o conceito ampliou-se para assumir a definição como o ideal de educação da Grécia arcaica e clássica.

A Paidéia é um conceito difícil de ser apreendido, pois como diz Jaeger (2003, p.1), é preciso compreendê-la segundo o pensamento grego e a melhor aproximação para este conceito seria a somatória dos conceitos de cultura, civilização, tradição, literatura e educação em seus diferentes aspectos, abordadas ao mesmo tempo.

A cultura ocidental tem suas raízes na Grécia, pois historicamente é na cultura e na civilização gregas das épocas arcaica e clássica, com sua poesia, literatura e arte, que se encontra a sua origem ou fonte espiritual.

A Paidéia estava voltada para a formação do homem grego. Sua concepção ultrapassou, no entanto, o conjunto de idéias abstratas, e foi definindo-se aos poucos, como o primeiro ideal consciente de um modelo para o ser humano, estabelecendo uma nova concepção do papel e do lugar do indivíduo na sociedade.

Os gregos tiveram o senso inato do que significa 'natureza'. O conceito de natureza, elaborado por eles em primeira mão, tem indubitável origem na sua constituição espiritual. Muito antes de o espírito grego ter delineado essa idéia, eles já consideravam as coisas do mundo numa perspectiva tal que nenhuma delas lhes aparecia como parte isolada do resto, mas sempre como um todo ordenado em conexão viva, na e pela qual tudo ganhava posição e sentido. Chamamos orgânica a esta concepção, porque nela todas as partes são consideradas membros de um todo. A tendência do espírito grego para a clara apreensão das leis do real, tendência patente em todas as esferas da vida – pensamento, linguagem, ação e todas as formas de arte –, radica-se nesta concepção do ser como estrutura natural, amadurecida, originária e orgânica. (JAEGER, 2003, p.10).

O conceito de educação inserido na Paidéia, que teve seu esplendor entre os séculos VI e V a.C. foi revolucionário e representou um marco, um ponto de mutação na história da consciência e do desenvolvimento humano, ao propor um elevado tipo de homem.

Dessa maneira surge na Grécia a pedagogia, cujo significado literal é a *condução do aprendiz*, dando início à história da educação. Pedagogo que vem do grego *pedos*, aprendiz e *agogós*, acompanhar, em seu sentido etimológico é *aquele que conduz a criança*.

Boechat (1998, p.1) faz uma aproximação da cultura grega e dos ideais da paidéia com a psicologia analítica e as práticas pedagógicas atuais. Considera que o processo de individuação é um processo pedagógico por excelência e o sentido original do pedagogo deve ser recuperado para a atualidade: “aquele que transmite o conhecimento deve ter essa atitude, a de acompanhante de um outro, à busca do saber”.

A Paidéia baseava-se nos ideais de formação de um homem “obra de arte, ético e criador”. A ênfase da educação estava focada na formação integral do indivíduo, na sua estruturação ética e na aquisição de conhecimento. (SALIS, 2002, p.15).

O aspecto pragmático e utilitário da educação, denominado *techne*, formado pelo conjunto dos conhecimentos e aptidões profissionais era parte importante da educação, mas secundária à formação do homem em seus elevados valores éticos e morais. O conhecimento em si não é um objetivo, mas um instrumento.

Sócrates afirmava que para a formação do caráter temos pouco tempo, para o conhecimento, a vida toda. (SALIS, informação verbal, 2005).

Essa civilização conhecida como civilização mítico-erótica, não separava sexualidade e o amor da conquista da espiritualidade. Era mítica porque em sua visão de mundo não havia separação entre o real e o imaginário, e desenvolvia sua força criadora a partir do imaginário. A essência do mito é que todas as coisas têm vida, contém uma historicidade, o que lhe confere significação.

“O mito tem como função tirar o ser humano da ignorância de si mesmo, da natureza e do cosmos e levá-lo a manter o vínculo entre a realidade circundante, temporal, passageira e a renovação constante da vida presente em todas as coisas.” (SALIS, 2002, p.11).

Eliade (2004, p.11, grifo do autor) define mito:

O mito conta uma história sagrada; ele relata um acontecimento ocorrido no tempo primordial, o tempo fabuloso do 'princípio'. [...] Os mitos revelam, portanto, sua atividade criadora e desvendam a sacralidade (ou simplesmente a 'sobrenaturalidade') de suas obras. Em suma, os mitos descrevem as diversas, e algumas vezes dramáticas, irrupções do sagrado no Mundo. É essa irrupção do sagrado que realmente fundamenta o Mundo e o converte no que é hoje. E mais: é em razão das intervenções dos Entes Sobrenaturais que o homem é o que é hoje, um ser mortal, sexuado e cultural [...]. O mito é considerado uma história sagrada e, portanto, uma 'história verdadeira', porque sempre se refere a **realidades**.

A mitologia, para a cultura arcaica e tradicional, era uma linguagem ligada à vida e à experiência humana e tinha como uma de suas principais funções “revelar modelos exemplares de todos os ritos e atividades humanas significativas: tanto a alimentação ou o casamento, quanto o trabalho, a educação, a arte ou a sabedoria”. (ELIADE, 2004, p.13).

Para a cultura que o valoriza como uma história verdadeira, o mito permanece vivo e fornece os modelos para a conduta humana. Fornece um código para que o homem organize o conjunto de suas percepções, pensamentos, sentimentos e atitudes, conferindo significado e valor à existência. Salis (2005, informação verbal), citando Virgílio, diz: “os mitos nunca aconteceram, mas sempre existiram”.

“Sua mitologia pessoal origina-se dos fundamentos do seu ser, sendo também reflexo da mitologia produzida pela cultura na qual você vive”. (FEINSTEIN; KRIPPNER, 1994, p.16).

Os gregos eram chamados de civilização mítico-erótica porque o mito ocupava lugar central na cultura e a arte de amar era a base para a formação do homem. *Eros* era a divindade consagrada ao amor e erótico refere-se à capacidade de amar todas as coisas e conferir a elas um significado especial. Um dos ideais

indivíduo, na sua estruturação ética e na aquisição de conhecimento. (SALIS, 2002, p.15).

Tem sido uma queixa freqüente dos adolescentes, ou em relação a eles, da presença de apatia, desânimo, falta de vontade, de disposição. Apatia etimologicamente significa “ausência *de pathos*”. Questiona-se então, se a apatia não seria, na verdade, uma falta de paixão, de entusiasmo diante dos próprios dons, da força motriz que guia o indivíduo na direção daquilo que deseja e sonha. (SALIS, 2002, informação verbal).

Necessário aqui se faz diferenciar a atitude característica dos jovens de entrar num estado de letargia, numa aparente preguiça, falta de vontade, que aos olhos dos adultos parece desperdício de tempo. Esse aparente vazio é necessário, pois possibilita a fantasia, que desempenha muitas e importantes funções no desenvolvimento psicológico do adolescente, criando o espaço vazio para o surgimento e elaboração dos símbolos na psique.

Diversamente desse vazio criativo, o vazio aprisionador que rouba a vontade e a ação do adolescente precisa ser compreendido e diferenciado no âmbito da clínica psicológica, pois têm sido cada vez mais freqüentes as queixas que relatam quadros de depressão e outros transtornos de personalidade na adolescência.

Para muitos jovens, a sua ligação com *Eros* e *pathos* fica limitada ao campo das experiências amorosas e sexuais e até mesmo à sua ligação a substâncias que lhe provocam necessidade e desejo, a sensação de querer muito alguma coisa, levando-o à ação. Estudos recentes associam o uso das drogas como uma forma de compensação à depressão.

A educação grega era pautada pelos conceitos de nobre, bom e belo e estabelecia um caminho para que o jovem atingisse esse ideal; o crivo erótico era o critério para que o jovem atribuísse valor às experiências, pois “somente o que vibrasse na alma teria a possibilidade de ser verdadeiro”. (SALIS, 2005, informação verbal).

#### **4.1.4 ARETÉ, KALOKAGATHIA E ALETHÉIA**

Um dos conceitos mais importantes e centrais para o ideal educativo grego é o conceito de *areté*.



Nos poemas homéricos, *areté* é entendida como um atributo próprio da nobreza, um conjunto de qualidades físicas, espirituais e morais, como a bravura, a coragem, a força, a destreza, a eloquência, a capacidade de persuasão, a heroicidade.

A palavra grega *areté* tem sido traduzida mais comumente como virtude, opta-se por traduzi-la como **excelência** e mérito, ou seja, o ponto máximo de aperfeiçoamento que um determinado ser humano pode alcançar. (TSURUDA, 2006, p.1, grifo do autor).

Ao ideal educativo grego da *areté* associa-se o conceito de *kalokagathia*. Essa palavra abrange um duplo significado: *kalos* significa beleza e *kagathos* significa a bondade. Esse conceito amplia os parâmetros da formação do jovem, propondo que além da nobreza e da honra também os conceitos de belo e bom fossem considerados atributos que deveria procurar realizar e pelos quais seria norteado. Surge assim o ideal de nobre, bom e belo como atributos mais importantes a serem perseguidos em qualquer atividade humana.

Para alcançar esse ideal formativo do jovem, os educadores gregos, conhecidos como pedagogos, estabeleciam programas nos quais as crianças e adolescentes eram acompanhadas por um mestre. Os elementos fundamentais dessa formação eram: o canto e a dança, direcionados para a formação da alma, a ginástica e os exercícios físicos, direcionados à formação do corpo, assim como

A partir de então, para o pensamento grego, a base da formação e educação dos jovens era sua formação ética, que se fundamentava na construção da consciência. A consciência não apenas racional ou moral, mas uma consciência ética. O preceito que orientava todo o trabalho com os jovens era “o direito natural e cósmico de nascer, viver e morrer com honra e dignidade”. (SALIS, 2005, informação verbal).

A tragédia maior para os gregos, tal como aparece em Homero e em outras obras, como *Antígona*, de Sófocles, era a negação da honra. Reclamar a honra era mais que um direito, era uma obrigação e um princípio. O reconhecimento e a reclamação da honra, devidos por um serviço prestado era mais importante que a própria exigência de pagamento.

Sófocles é um exemplo de um jovem formado pela Paidéia. Seu nome, sugerido pelo oráculo, vinha das raízes *sofos*, a sabedoria dos deuses e *klis*, chave, tendência e significava “o que tem talento para a sabedoria”; aos 18 anos foi apresentado como cidadão na *polis*.

Para atingir tal estágio na formação dos seus jovens, os gregos priorizavam sua formação como indivíduo ético, conhecedor dos princípios para uma vida digna e honrada, e somente então, quando as bases dessa formação já estavam lançadas, dedicavam-se os mestres ao ensino do conhecimento propriamente dito, através da alfabetização e da transmissão de conhecimentos formais, formadores da *techne*.

Jaeger (2003, p.354) define: “Os gregos deram o nome de *Paidéia* a todas as formas e criações espirituais e ao tesouro completo da sua tradição, tal como nós o designamos pelo *bildung* ou pela palavra latina cultura”.

No centro do pensamento grego e da árdua e grandiosa tarefa de desenhar a formação integral do homem grego, através da Paidéia, estava a sua concepção do ser humano. É o homem o aspecto central, definindo-se dessa maneira a atitude antropocêntrica e antropoplástica da cultura grega. (JAEGER, 2003, p.14).

O princípio espiritual dos gregos não é o individualismo, mas o humanismo, palavra usada no sentido clássico e originário, na sua acepção mais nobre e rigorosa, sendo que a genuína Paidéia grega era voltada para a formação do homem nos seus aspectos mais autênticos.

O conceito socrático da Paidéia é que a verdadeira essência da educação é dar ao homem condições para alcançar seu fim autêntico. E esta aspiração não

poderá ser alcançada apenas em alguns anos de cultura superior, mas deverá ser buscada ao longo de toda vida.

*Alethéia* é uma palavra grega composta do prefixo negativo *a* e pelo substantivo *léthe*, esquecimento. Significa o não-esquecido, o não-oculto, aquilo que é visível aos olhos do corpo e da alma. (SALIS, 2005, informação verbal).

Esse conceito é fundamental para a compreensão grega sobre educação e formação de seus jovens.

A base e fundamento de toda formação estava assentada em dois pilares. O primeiro referia-se ao plano individual, ao conhecimento de si mesmo. E o outro era o plano social, o conhecimento do outro e da *polis*.

Os gregos diziam que os mortais, nascem esquecidos. Esquecidos de seu destino, de seus talentos e carismas, de sua verdade. A alma conhece tudo, mas precisa lembrar-se, pois esqueceu aquilo que viveu numa vida anterior. E o objetivo da Paidéia era fazer recordar. A palavra recordar tem o prefixo *re* que significa de novo, novamente e o sufixo *cordar* que é relacionado ao *kardio*, ao coração. Recordar, portanto, é relembrar com o coração. Esse é o caminho que possibilita ao homem resgatar seu destino e sua essência.

Platão relata o *Mito de Er ou Mito da Reminiscência* e o diálogo de Sócrates com Ménon, onde discutiam sobre o conhecimento. Sócrates apresenta a seguinte solução: “a alma conhece tudo antecipadamente, mas ela deve procurar, na verdade lembrar, pois ela esqueceu-se daquilo que aprendeu durante sua vida anterior”. (CHARLOT, 2001, p.92).

O papel fundamental do mestre era o de perguntar ao jovem, levando-o a recordar-se, mais do que ensiná-lo.

A verdadeira educação consiste em despertar os dotes que dormitam na alma. Põe em funcionamento o órgão por meio do qual se aprende e se compreende; e conservando a metáfora do olhar e da capacidade visual poderíamos dizer que a cultura do Homem consiste em orientar acertadamente a alma para a fonte da luz, do conhecimento. (JAEGER, 2003, p 888).

## **4.2 AS ETAPAS DA PAIDÉIA E O CAMINHO DO HERÓI**

Durante os anos de formação nesse período que chamamos de *paidéia*, a criança e o jovem grego ouviam os relatos e mitos que tinham como tema os heróis

e os deuses do Olimpo. Os fundamentos dessa narrativa encontravam-se na *Ilíada* e na *Odisséia* de Homero, que usando uma linguagem simples e concreta, era o início desse aprendizado. As obras de Hesíodo, *A Teogonia* e *Os Trabalhos e os Dias*, linguagem “metafísica e abstrata dos deuses, mais próxima das religiões modernas, era uma visão mais profunda e destinada aos iniciados”. (SALIS, 2003, p.23).

A jornada heróica tinha um significado especial para a *Paidéia*; a palavra herói em grego, *íroas*, deriva de *ieró*, que significa sagrado.

A jornada do herói era a busca do sagrado, que se traduzia para os jovens como um caminho de ensinamentos e aperfeiçoamento, para que o homem pudesse tornar-se a obra de arte a serviço da criação, o *antrophos* que estava destinado a ser (do sânscrito “*anth*” - *olhar para os deuses, para o alto e*” *tropos* – “*maneira de conseguir*”). (SALIS, 2002, p 45, grifo do autor).

Os jovens eram iniciados no aprendizado dos mitos através da escuta de *Os doze trabalhos de Hércules*. Essa obra representava as doze etapas da transcendência, os doze caminhos para a evolução do homem. Os jovens deviam saber de cor cada um dos trabalhos, e para que os compreendessem em profundidade não somente os ouviam do mestre, mas representavam no teatro seus diferentes personagens, incorporando suas mensagens e assimilando suas resoluções. Dessa forma não só ouviam uma história exemplar e educativa, mas brincavam com o heróico e com o imaginário, numa verdadeira experiência mítica.

Hércules ou *Heracles*, aquele com inclinação para o herói era o herói comum, com todos os defeitos humanos e por isso mesmo, possível de identificação para o homem comum. Recebeu ao nascer o nome de Alcides, de “Alk – aquele que atrai- e “Eidos” – essências, que não correspondia à sua natureza, avessa à reflexão e aos estudos. Recebeu um novo nome do oráculo de Delfos, por ordem de Apolo: *Heracles*, de “Cles” – tendência, inclinação – e “Íroas” – sagrado, significando:” aquele que foi feito para o sagrado”. Sua jornada é um progressivo aperfeiçoamento de atitudes e ações, uma evolução na direção das virtudes em contraponto aos vícios, o caminho para o mais completo desenvolvimento humano, em todas as suas dimensões. (SALIS, 2002, p.47).

Essa é a essência da jornada do herói: o contínuo aprimoramento no governo dos vícios e o aperfeiçoamento das virtudes. (SALIS, 2002, p.69).

Greene (2003, p.157) compreende o mito do herói como “um mapa do desenvolvimento da cultura e da viagem psíquica da pessoa pela vida”. Aplica-se tanto ao habitante das tribos primitivas como ao homem sofisticado do mundo atual, aos homens e mulheres, jovens e crianças. “Vai abrindo seu caminho através de nossos sonhos, nossas fantasias, esperanças, medos, desejos, amores e objetivos”.

O tema do herói é universal e os motivos míticos que o impulsionam à aventura são semelhantes nas mais diversas culturas, representando o herói, o ser humano exemplar, que se esforça por uma renovação social, pelo domínio criativo da vida e pela ampliação de consciência. (MULLER, 1992, p.17).

A jornada heróica representa para a psicologia junguiana a tomada de consciência e a integração dos aspectos sombrios da psique, através da *enantiodromia*, a união dos opostos e que acontece dentro do processo de Individuação.

*Enantiodromia*, palavra grega que significa correr em direção contrária, é adotada por Jung para nomear a função reguladora dos opostos: “Não se trata de uma conversão no seu contrário, mas de uma conservação de antigos valores, acrescidos de um reconhecimento do seu contrário”. (JUNG, 1989, §116, p. 68).

Esse fenômeno ocorre sempre que uma direção extremamente unilateral domina a vida consciente, despertando uma contraposição inconsciente igualmente forte.

Talvez o herói que mais tem utilidade para nós seja aquele que nos lembra de nossas limitações, da distância entre os humanos e os deuses. Seria útil então definir o herói como aquele que amplia nosso senso do possível e ao mesmo tempo nos recorda os limites necessários da condição humana. (HOLLIS, 1997, p.99).

*Os doze trabalhos de Hércules* ocupavam lugar de destaque e importância na cultura grega por exemplificarem tão claramente as etapas para o enfrentamento das dificuldades e o desenvolvimento dos talentos e potencial do ser humano.

O caminho proposto ao herói era o caminho que o reaproximava dos deuses. O ideal heróico era aspirado por todos na Grécia, pois na consciência do herói encontravam-se os mais altos ideais da conduta humana. Os gregos acreditavam que esse era o caminho para que o homem voltasse ao ouro primordial, a *dike*, a justa medida dos deuses. Havia quatro estágios ou idades na evolução humana: a raça de ferro, bronze, prata e ouro. O caminho de evolução era do ferro em direção

ao ouro. Do homem mortal ao herói, do herói ao *daimon*, do *daimon* aos deuses. (SALIS, 2002, p. 24).

*Daimon* é a parte imortal que existe em cada ser humano e que o impulsiona em direção à imortalidade. Como um guia interno, é aquele que exige a plena realização dos talentos e carismas. A sua escuta não acontece sem a vivência de conflito e angústia. O *daimon* exige sacrifícios.

*Daimon* é a derivação grega para o termo *demon* que significa poder divino, destino ou deus. Neste sentido, *demon* significa repleto de conhecimento. Para os gregos, havia bons e maus *daimones*. Eles eram considerados intermediários entre o homem e os deuses. Os bons *daimones* eram considerados espíritos guardiões, guias e protetores, orientando e protegendo aqueles que se colocavam sob sua proteção. Os maus *daimones* desviavam o indivíduo, levando-o para um mau caminho. Sócrates afirmava que teve um *daimon* durante toda a vida, que sempre o alertou contra o perigo e maus julgamentos, mas nunca dirigiu suas ações. (HEFNER, 2005).

A *Tábua das Esmeraldas*, atribuída ao deus *Hermes*, expressa a importância da dimensão daimônica para a Antigüidade:

“Descobre o gênio imortal que te habita, o teu *daimon*, aquela energia apaixonada que te torna em algo e te impulsiona na direção da tua missão aqui na Terra”. (SALIS, 2002, p. 27).

A Paidéia era constituída de três etapas:

A primeira etapa também denominada Paidéia ia dos 6 aos 18 anos. Era a pedagogia no seu sentido mais estrito, a educação e a condução da criança e do jovem. O aspecto central em torno do qual se desenvolvia era a educação para a virtude e o aprendizado de governar os vícios.

A segunda etapa, chamada de Psiquéia ou Psicagogia, ia dos 14 aos 28 anos e tinha como objetivo levar o jovem ao conhecimento de si e ao conhecimento do outro. Psicagogia significa “a condução da psique” e tinha como fundamento o “Conhece-te a ti mesmo”.

A questão Socrática, o “Conhece-te a ti mesmo” possuía não apenas uma conotação psicológica, mas também cósmica. A cultura grega compreendia o lugar e a missão de cada indivíduo num plano maior: o desvendar de sua grandeza e mistério e participação na sinfonia cósmica.

A terceira etapa, a Mistéia ou Mistagogia, a mais elevada de todas, era voltada para aquele que sentisse inclinação para se tornar mestre. Dedicada ao conhecimento dos deuses, seus iniciantes se associavam a uma escola dos mistérios e ficavam reclusos nos dois primeiros anos. O papel do mestre era orientar para que os talentos dos jovens fossem revelados e colocados a serviço da vida e da criação. A Mistéia era a iniciação nos mistérios, no conhecimento mais refinado dos deuses e na busca de assemelhar-se a eles. O mestre só podia exercer a Mistéia quando completasse 40 anos.

### 4.3 OS RITOS DE INICIAÇÃO

Durante a sua formação, o jovem era iniciado nos exercícios *acusmáticos*, ou seja, na arte de ouvir. Era um longo aprendizado e iniciava-se com a escuta do outro, com a arte de ouvir os mestres e levava a que se aprendesse a ouvir a própria voz, a voz interior. Diziam os mestres que assim despertaria o estado de alma de “estar atento ao outro e ao mundo”.

Os jovens eram levados por seus mestres para os bosques, onde passavam a noite. Era a iniciação na arte de ouvir a própria voz interior.

Era a iniciação na acusmática, ao mesmo tempo em que se formulavam as perguntas mais importantes:

"Quem sou eu? 'De onde venho'? 'Para onde vou? ' Esses eram os mistérios que estavam borbulhando e que precisavam ser questionados". (SALIS, 2002, p. 42).

Prática semelhante de exercício acusmático é relatada entre os indígenas da América do Norte:

O rapaz de doze ou treze anos é deixado pelo pai em algum lugar isolado, com uma pequena fogueira para afastar as feras, e ali ele jejua e reza por quatro ou mais dias, até que algum espírito o visite em sonhos, sob forma humana ou animal, para falar-lhe e dar-lhe poder. Sua vida posterior será determinada por tais visões, pois seu espírito tutelar pode conceder o poder de curar pessoas como um xamã, o poder de atrair e abater animais, ou a capacidade para tornar-se um guerreiro. E se os benefícios recebidos não forem suficientes para satisfazer as ambições do jovem, ele poderá jejuar novamente, com tanta freqüência como desejar. (CAMPBELL, 1992, p.191).

Ainda hoje ritos de iniciação xamânicos são realizados por comunidades nativas norte-americanas, propiciam o *vision quest*, na qual o indivíduo é levado para um lugar isolado e fica em silêncio, até que se manifeste a voz ou a visão interior.

Há relatos da mesma prática entre os budistas e outras religiões orientais. A jornada é marcada por um sentimento de grande solidão e isolamento: esse enfrentamento só pode ser feito pelo indivíduo, em sua jornada heróica.

A distância geográfica e temporal entre essas narrativas evidencia sua natureza arquetípica e universal, como uma possibilidade da experiência humana que extrapola a vivência cultural e assinala um rito de passagem, um marcador cultural de uma mudança significativa que está em andamento.

Os ritos iniciáticos envolviam sempre um enfrentamento, que poderia assumir a forma de seres monstruosos, dificuldades intransponíveis, exigindo provas de força, resistência, inteligência e coragem. O jovem era deixado na floresta ou fazia uma peregrinação a um lugar distante e de difícil acesso. Essa separação representava a saída do mundo da mãe, do estágio infantil e de dependência para um novo estágio, de autonomia e responsabilidade crescente pelas próprias ações e escolhas, representado pela iniciação no corpo coletivo dos homens. Havia a figura do mentor ou iniciador, que atribuía aos adolescentes tarefas a serem cumpridas ou realizadas.

Os ritos femininos assumiam formas próprias nas culturas primitivas. Ligados aos rituais de sangue e às transformações físicas, eram profundamente conectados às experiências da natureza. Nos ritos de transformação e fertilidade da terra e com os ciclos da lua, as mulheres encontravam formas próprias e profundamente ligadas ao feminino arquetípico, para iniciar as adolescentes nos profundos mistérios da mulher.

Lima Filho (1997, p.138), apresenta uma síntese dos ritos iniciáticos e sua compreensão analítica:

Esses ritos são de extrema importância para a estruturação da consciência. Demarcam a passagem entre uma fase do desenvolvimento e a seguinte; preparam e capacitam a pessoa para assimilar demandas, incumbências, habilidades e responsabilidades distintas daquelas que caracterizavam sua vida até então; fortalecem o Eu e a personalidade que precisam se despedir de modalidades antigas de comportamento e conduta;



explicitam o sentido da nova etapa através de um comportamento exemplar; preparam o espírito da pessoa para os embates e confrontos que ela deverá encarar; oficializam a permissão para o acesso da pessoa a novas e mais evoluídas instâncias de seu ambiente cultural; presentificam o senso de pertencer ao grupo comunitário e a suas instâncias hierárquicas e evolutivas gradativamente superiores; evidenciam o sentido social e espiritual da inserção do indivíduo na coletividade a que pertence.

O autor entende que os ritos constituem importante aspecto do desenvolvimento dos adolescentes em nossa cultura e está na possibilidade arquetípica e na disposição psíquica, no caminho do crescimento humano e da passagem vivencial, que transforma um menino em um homem e uma menina em mulher. Pressupõe esse caminho a participação ativa, norteadora de um homem mais velho, o mentor, aquele que inicia, o representante do mundo do pai. Argumenta que se constata, na atualidade, a ausência do pai nos fenômenos culturais, deixando os filhos à própria sorte e à mercê dos impulsos agressivos e pouco desenvolvidos. (LIMA FILHO, 2002, p.220).

“É necessário recapacitar o ‘pai’ mas talvez seja mais eficaz – e psicoprofilaticamente significativo – trabalharmos para restaurar ou capacitar os ‘filhos’.” (LIMA FILHO, 2002, p.224).

Frankel (2005, p.55) discorre igualmente sobre a necessidade arquetípica de ritos de iniciação para os adolescentes. O arquétipo da iniciação é entendido como um componente estrutural da psique e vai ocorrer, tenha ou não a cultura formalmente nele investido. Aponta muitos exemplos que dão suporte à idéia de que os ritos de passagem e iniciação constituem uma necessidade arquetípica e que o adolescente, privado dessa vivência assistida e apoiada pela cultura, cria inconscientemente sua própria maneira de vivê-los.

Stein (1990, p.7, tradução nossa) define esse momento de transição como o limiar psicológico. Afirmo que o *deus* das transições e das fronteiras é *Hermes*. A palavra limiar origina-se em *limen*, que significa passagem, portal, umbral. Ao entrar ou sair de um lugar, o indivíduo passa por essa fronteira, e enquanto estiver nesse espaço intermediário, mesmo que seja por uma fração de segundo, estará no limiar psicológico.

O Ego não se encontra ancorado em nenhuma idéia, imagem particular ou sentimento; esse “eu” flutua, vagueia por entre os limites e as fronteiras, muitas

delas sinalizando os aspectos interditados e proibidos da adolescência. (STEIN, 1990, p.8, tradução nossa).

A base interior, onde a âncora do senso de identidade encontra seu ponto de apoio e fixação, não está firme nesse estágio transitório do limiar psicológico. O senso de identidade nesse momento de passagem e mudança é, portanto, colocado em suspensão e pode ser facilmente influenciado.

Muitas questões críticas são levantadas nesse momento: “Quem sou eu, de onde vim, de que sou capaz, para onde estou indo?” O grau de vulnerabilidade pessoal é aumentado, com mudanças muito rápidas de imagens e pensamentos, assim com súbitos ganhos e perdas de autoconfiança. (STEIN, 1990, p.8, tradução nossa).

*Hermes* é o deus do caminho, da iniciação. A individuação é o retorno ao caminho de *Hermes*, e como tal um caminho de riscos, pois coloca ao homem a tarefa de separar-se e diferenciar-se do coletivo.

Constatamos a emergência da necessidade e de tentativas alternativas de ritos de passagem em muitas manifestações adolescentes da nossa cultura e citamos como exemplo a festa *rave*, na qual a música eletrônica cria uma espécie de transe e os jovens dançam durante horas, repetindo um ritual vivido por muitas outras culturas primitivas. Como não há a confirmação cultural e a iniciação desejada e necessária, há o perigo da repetição e do esvaziamento de sentido, levando o adolescente a buscar outros preenchimentos. Nesse exemplo, é notória a associação com drogas estimulantes e alucinógenas. Zoja (1992, p.8) entende que as drogas podem assumir uma função iniciática nos ritos de passagem, representando uma manifestação de fantasias arquetípicas.

Propõe uma reflexão sobre o papel dos ritos na atualidade, ao afirmar que o homem moderno talvez esteja abandonando o rito e as instituições tradicionais porque "com a modernização *seria obrigado a negar* a necessidade fundamental que antigamente eles satisfaziam, a necessidade sacral e iniciática". (ZOJA, 1992, p.138).

Na Grécia, permitia-se que os jovens freqüentassem os Simpósios após os quatorze anos; nesses encontros que aconteciam na casa do mestre, ouviam o relato dos mitos, o que constituía uma importante base para sua formação como homem adulto. Ao jovem só era facultado perguntar, ele não podia falar e emitir sua opinião. (SALIS, 2002, p.99).

O discurso do jovem grego estava sendo formulado internamente e seria apresentado quando seu mestre sentisse que estava pronto. Esse momento era determinado pela prontidão e amadurecimento, e não pela idade cronológica. Poderia acontecer entre os dezesseis e os vinte anos ou até mais. O discurso seria apresentado na *agora*, a praça central *da polis*, em sua introdução como cidadão. Em seu discurso público, deveria responder as questões do Enigma da Esfinge, com as quais se ocupara longa e profundamente durante os anos de sua formação. Confirmaria seu nome e a missão que ele representava. Deveria também responder a uma segunda e fundamental questão: “O que você tem a oferecer a *polis*?” Seu discurso, diante do povo, seria avaliado por sua autenticidade e convicção, mas acima de tudo por seu entusiasmo.

Entusiasmo é uma palavra grega formada pela junção de: *en*, estar dentro, internalizar, *Theos*, Deus, aquilo que é divino, e *asmos*, o sopro, a luz. Entusiasmo significa, portanto, *ter o sopro de Deus dentro de si* e representava uma qualidade ímpar, absoluta, presente ou não em cada indivíduo. (SALIS, 2005, informação verbal).

Caso entendesse que o nome não refletia sua essência e sua missão, o jovem iria ao oráculo em busca de um novo nome. O oráculo sugeria, nunca impunha um nome. A liberdade de escolha e a responsabilidade por ela faziam parte da pedagogia grega. A mudança do nome de *Heracles*, que inicialmente chamava-se *Alcides*, parece exemplificar a necessidade e a possibilidade de estar alinhado com a sua essência.

O jovem apresentava seus talentos e carismas, e como cidadão, declarava seu papel na *polis* e a disposição de colocar seus talentos a serviço da comunidade. Havia uma consciência coletiva de que esse momento representava um rito de passagem para a vida adulta, na qual o aperfeiçoamento deveria continuar.

Caso seu discurso fosse aceito, o jovem seria aclamado e reconhecido então como cidadão e como um ser político, palavra originada de “*politicós*”, o homem ético da polis, aquele que guardava a ética da polis e de “*politisménos*”, o homem civilizado. Caso não fosse considerado satisfatório ou convincente, e não fosse aclamado, o jovem retornaria aos seus estudos e a um novo tempo de preparação. (SALIS, 2002, p.45).

A última etapa da Paidéia era a Mistéia ou Mistagogia, e como já foi observado, acontecia dos 28 aos 40 anos, podendo estender-se até os 60 anos. Esta era a etapa da formação dos mestres na escola dos mistérios, a mais alta formação de um adulto no conhecimento dos deuses. Dedicar-se a essa etapa também decorria de uma escuta interior, de um chamado. Tornar-se mestre incluía a possibilidade de ocupar-se de discípulos, como um professor, mas ia além, pois representava a missão pública de colocar-se a serviço do outro. Era a expressão de um talento especial, reservado a poucos e colocado a serviço de muitos.

As etapas da Paidéia eram voltadas para a formação dos meninos e rapazes, pois somente eles podiam freqüentar os encontros com os mestres, assim como as aulas e mais tarde os simpósios. As meninas e jovens não tinham uma formação voltada para a vida pública, mas também participavam do aprimoramento dos dons e talentos. Aos olhos da atualidade, a partir da revolução de costumes que se deu ao longo do século XX, e da conquista de igualdade de direitos entre os gêneros, pode parecer inferior o papel reservado à mulher nesse período da civilização grega. Não nos referimos aqui à época do declínio da cultura grega e da falocracia, onde o papel da mulher foi diminuído, mas da época clássica, onde a mulher era vista com papel fundamental dentro da cultura.

A mulher não era preparada para a vida pública, mas a responsável por toda a administração do lar, do *oikos nomos*, as leis da casa, o que deu origem ao conceito de economia. Suas funções domésticas eram revestidas de uma importância que ia muito além de serviço e submissão.

A jovem era iniciada e consagrada às deusas que também habitavam o Olimpo, em igualdade com os deuses masculinos. Era a responsável por manter o fogo sagrado do lar e também se ocupava dos mistérios do nascimento e da morte. Eram iniciadas na arte da *magiras*, da magia do girar o caldeirão e nas artes da fermentação, em grego, *maia*. É dessa raiz que se origina a palavra *maieutica*, “a arte da fermentação do espírito, da interrogação e investigação dos estados da alma. *Maieutica* significava também encantamento, no sentido sedutor e mesmo erótico do termo”. (SALIS, 2002, p.33). Havia importantes ritos de iniciação exclusivos das mulheres, que eram vetados aos homens.

Dessa maneira, também a mulher era iniciada na sua formação ética. Uma função sagrada e decisiva estava ligada à idéia do *recato* que a mulher deveria desenvolver e conservar na sua relação com o mundo. Recato significava a

valorização do feminino presente em cada mulher e não tinha o sentido de reprimido ou escondido. Traduzido algumas vezes de forma reduzida como vergonha ou modéstia, o sentido de recato, ligado à deusa *Aidós*,

Retirou-se da cena política, abandonando o ideal de participação que cultivava desde a juventude e dedicou-se à Academia, uma escola que desenvolve nos arredores de Atenas, e na qual se dedica aos estudos dos temas filosóficos, assim como à geometria, matemática, música e astronomia. A obra de Platão retrata a essência do pensamento e da cultura dos períodos arcaico e clássico da Grécia, assim como o início de sua decadência.

A cultura helênica ou helenística como seria chamada, foi mais que uma simples transposição da tradição grega para o cenário mais amplo. Assim como outros povos se adaptaram aos valores helênicos, passando a adotar a língua, a arte e o pensamento gregos, a própria cultura grega também sofreu modificações. No plano político, por exemplo, a forma de governo evoluiu para o despotismo à maneira persa ou egípcia. No religioso, os cultos orientais misturaram-se aos gregos, enquanto os tradicionais deuses do Olimpo tornavam-se cada vez mais desacreditados. (ABRÃO, 1999, p.69)

O mais importante discípulo de Platão foi Aristóteles. (384 a.C.) Foi destacado freqüentador da Academia até que se converteu no preceptor de Alexandre Magno, filho de Filipe, rei da Macedônia.

“Aristóteles tem obras brilhantes como *O riso*, *De Anima* (um dos primeiros tratados de Psicologia), entre muitas outras e foi o herdeiro do pensamento de Platão, mas buscou uma nova compreensão e um novo pensamento. O pensamento aristotélico dá início ao pensamento científico, materialista e racional que prevalece no mundo da modernidade.” (SALIS, 2005, informação verbal).

A cultura ocidental é herdeira do pensamento grego arcaico e clássico, mas o pensamento aristotélico, dominante a partir do séc. IV. a.C. teve uma enorme influência na concepção do homem atual. A ciência deve suas bases, fundamentos e evolução científica à escola aristotélica. Aristóteles, todavia, nega o pensamento mítico, a importância dos deuses na formação do homem, o que influenciou o avanço da cultura em seu desenvolvimento científico e tecnológico, mas gerou profunda crise nos valores humanos, éticos e morais.

A essência da formação humana dos dias atuais está, entretanto, assentada nas bases do classicismo grego e sente-se um impulso e um chamado para se voltarmos aos valores e à voz profundamente orientadora que ainda hoje emana daquela cultura. O modelo de educação recebido da cultura européia, vigente na atualidade, foi inspirado na Paidéia, mas distanciou-se tanto da sua essência que a

formação ficou sem identidade e sem os valores que nortearam a concepção original grega.

O paradigma do herói está ausente da escola contemporânea. A escola, cindida numa visão especialista e na formação técnica, precisa resgatar os valores que estão na base da nossa cultura. Quando se fala em orientar o adolescente para sua vocação é importante uma visão crítica do mundo, além do conhecimento de si - mesmo, para que ele saiba os pressupostos que guiam a sua formação e aqueles que irá escolher nesse momento de passagem.

Uma das maiores contribuições do pensamento grego foi o legado que deixou para as gerações posteriores e que permanece vivo e atual. Perguntado numa entrevista se considerava que os gregos sabiam de tudo, Hillman respondeu:

Lógico que não. Essa história é universal. A idéia de que você vem ao mundo com um *daimon* ou um anjo, de que os anciãos da tribo olham para os jovens para ver o que de especial eles trazem, ou qual a direção desses novos espíritos, é conhecida em outras culturas. Mas os gregos a apresentaram de modo mais claro, mais bem articulado. É este o valor dos gregos, terem feito as coisas tão bem! (HILLMAN apud BYINGTON, 2005, p.2).

Os gregos compreendiam e associavam os talentos e carismas com o que o ser humano tinha de mais especial, seus dons mais preciosos. E valorizavam sua descoberta como uma jornada, cheia de desafios e buscas, através da qual o homem poderia conectar-se com seu *daimon*. E, como uma de suas mais importantes contribuições para a busca contemporânea, a valorização do entusiasmo, da vibração, da estética e da ética em seu sentido mais pleno.

A psicologia junguiana propõe o resgate dos valores do pensamento grego ao atribuir à linguagem mítica e simbólica um papel central na compreensão da estrutura e funcionamento da psique. Jung valoriza a dimensão cósmica do ser humano.

Este estudo não pretende um olhar idealizado ou unilateral, pois os gregos também tinham sua sombra e, como cultura, temos a tarefa de viver e enfrentar os desafios e as contradições dos dias de hoje. Não há um olhar saudosista, mesmo porque a concepção grega é vista como uma concepção para o presente e para o futuro, da mesma forma que a psicologia junguiana, que sob a ótica de diversos

autores, como Young-Eisendrath e Dawson (2002, p.xii), é extremamente atual e tem uma importante contribuição para a psicologia do século XXI.

Jaeger (2003, p.7) entende a Paidéia como uma concepção atemporal e não datada, com uma proposta que ultrapassa os limites históricos da época na qual foi talhada:

“Não se trata de um conjunto de idéias abstratas, mas da própria história da Grécia na realidade concreta do seu destino vital. Contudo essa história vivida já teria desaparecido se o homem grego não a tivesse criado na sua forma perene”.

Nesta reflexão, tendo como base os extensos estudos de Jaeger sobre a Paidéia, encontraram-se conceitos partilhados tanto pela concepção grega como pela psicologia junguiana:

Criou-se como expressão da altíssima vontade com que talhou o seu destino. Nos estádios primitivos do seu crescimento, não teve a idéia clara dessa vontade; mas à medida que avançava no seu caminho, ia-se gravando na sua consciência, com clareza cada vez maior, a finalidade sempre presente em que sua vida assentava: a formação de um elevado tipo de Homem. A idéia de educação representava para ele o sentido de todo esforço humano. Era a justificação última da comunidade e individualidade humanas. (JAEGER, 2003, p.7).

Os gregos não tinham nenhum conceito anterior equivalente à atual consciência pessoal. É a Paidéia, modelo de formação e desenvolvimento do homem, que estabelece a educação como um processo de construção consciente. (JAEGER, 2003, p.31).

A concepção grega do caminho do desenvolvimento humano assemelha-se na sua essência à concepção de Jung sobre o processo de individuação, um processo lento e contínuo de crescimento, orientado por uma tendência reguladora e direcional oculta, levando o homem ao desenvolvimento integral.

Para Von Franz (1977, p.162) o centro ordenador da psique, o Self, é o centro criativo, fonte das imagens oníricas, fator de orientação íntima, uma força suprapessoal, diferente da personalidade consciente, e que só pode ser apreendido através da linguagem simbólica; promove o desenvolvimento, integração e amadurecimento da personalidade e guarda com o conceito do *daimon* grego uma singular aproximação.



Os Naskapi, um povo primitivo e caçador, compreendiam e relacionavam-se com o *daimon*, a quem chamavam de 'grande homem, 'companheiro interior e 'meu amigo'. Acreditavam que esse companheiro manifestava-se através dos sonhos e lhes oferecia as possibilidades para encontrar um bom caminho, tanto no mundo interior como no mundo exterior, no seu contato com a realidade e a natureza. Cabia ao Ego, a instância consciente da psique, ouvir ou não suas mensagens e recomendações. Percebiam que a pessoa aberta e receptiva ao seu 'amigo interior' tinha sonhos melhores e mais úteis, podendo tornar-se uma pessoa mais completa e com possibilidades de realizar-se numa totalidade plenamente vivida. (VON FRANZ, 1977, p.162).

A aproximação com a cultura grega contribui para a compreensão da jornada humana e reflexão sobre o trabalho clínico.

[...] Nossa cultura já esqueceu há muito  
como pensar simbolicamente [...].

(JUNG, 1986, §683, p.425).

## **5. ADOLESCÊNCIA, JUVENTUDE E CONTEMPORANEIDADE**

### **5.1 CONTEMPORANEIDADE: MOLDURA DO NOSSO TEMPO**

Contemporâneo refere-se ao que é partilhado no tempo, que é vivido numa época específica e que assume as características culturais dessa época e passa a representá-la e a defini-la. (FERREIRA, 1988, p.173).

Somos contemporâneos, partilhamos este tempo e o contexto que nos cerca, no qual vivemos, onde atuamos como seres que transformam a realidade, que a constroem, e que ao mesmo tempo são transformados por ela, que sofrem e atuam o impacto das mudanças, da tessitura dessa rede de relações sociais, econômicas, políticas, familiares, pessoais, afetivas.

A contemporaneidade é a moldura que contém nossos valores, crenças, hábitos e comportamentos na vida pessoal e social.

A definição de contemporaneidade encontra um crescente número de artigos, especialmente na mídia eletrônica, sendo essa uma característica do tema que se busca apreender: o conceito é atual e está sendo discutido sob as mais diversas perspectivas.

Este estudo enfoca a contemporaneidade como o panorama onde o enredo da passagem da adolescência para a vida adulta, assim como a escolha vocacional têm lugar.

Os sociólogos definem o momento atual como modernidade alta ou tardia, pautada pelas “pressões capitalistas pela vantagem social e acumulação de riquezas” (GIDDENS, 2002, p.193).

No contexto pós-industrial ou capitalismo tardio, como também é chamada a época atual, o ser humano parece perder sua importância, sua particularidade, de sujeito direcionado ao desenvolvimento e que até a etapa final de sua vida, encontra-se no caminho de se tornar cada vez mais o indivíduo único que está predestinado a ser.

“Por sociedade industrial ou modernidade compreendemos e nomeamos o período entre 1750 e 1950, que se caracterizou por uma crescente industrialização e economia de produção de bens”. (RAMPAZZO, 2004, p.3).

Havia uma ênfase à produção de bens em massa, a que todos aspiravam. Um sinal desse período foi a massificação na aquisição: todos queriam as mesmas coisas, que representavam os símbolos do poder econômico e do acesso a um novo patamar; havia uma padronização nos carros, nas roupas, nas casas.

O conceito de pós-industrial refere-se às mudanças que ocorreram na estrutura econômica e de trabalho como conseqüências desse período de industrialização dominado pelas tintas da modernidade.

A formulação original do conceito de sociedade pós-industrial foi apresentada durante um debate sobre tecnologia e mudança social, realizado em Boston em 1962, pelo professor de sociologia

ambientes da modernidade, por contraste, o eu alterado tem que ser explorado e construído como parte de um processo reflexivo de conectar mudança pessoal e social. (GIDDENS, 2002, p.37).

Os referenciais tão claramente estabelecidos em tempos anteriores, quando a tradição propunha os ditames e os limites individuais e coletivos, passam a ser objeto de reflexão que irá delinear novos modos de pensar e proceder, individual e coletivamente. O indivíduo começa a desejar sua diferenciação, a desvincular-se dos padrões e desejos coletivos.

A modernidade pode-se dizer, rompe o referencial protetor da pequena comunidade e da tradição, substituindo-as por organizações muito maiores e impessoais. O indivíduo se sente privado e só num mundo em que lhe falta o apoio psicológico e o sentido de segurança oferecido em ambientes mais tradicionais. A terapia oferece alguém para quem podemos nos voltar, uma versão secular do confessor. (GIDDENS, 2002, p.38).

Duas grandes “revoluções”, que ocorreram entre o início do século XX até 1970 e que o definiram como um tempo de grandes mudanças nos paradigmas sociais e psicológicos, foram a psicanálise e o feminismo. O feminismo, que representou uma imensa transformação nos padrões de comportamento e relacionamento humanos, provocando uma nova reordenação na estrutura social e a psicanálise, como teoria e nova prática terapêutica, afetaram enormemente o séc. XX, um tempo de dominação das massas, de guerras e violências e que teve, na psicanálise, nas palavras de Zoja (2003, p.20) “quase como um antídoto, em sua atenção à dimensão interior”. A psicologia analítica desponta nesse período como uma resposta frente à massificação: propõe o caminho através do qual o indivíduo separa-se e diferencia-se do coletivo, o processo de individuação.

A Psicanálise, no encontro entre Freud e Jung, e através do impulso principal de Jung, transformou-se no estudo da psique que reside na cultura, na sociedade e na história. Essa Psicanálise nos deu a revolução psicanalítica: talvez a única revolução irreversível do séc. XX. (ZOJA, 2003, p.20).

A partir da década de 1970, contudo, uma outra “revolução” começou a desenhar-se, profunda e transformadora dos costumes e das relações “intra e interpessoais”, estabelecendo novos modos de compreender o mundo e novos padrões de comportamento.

Estamos inseridos nessa época de transição e os sociólogos da atualidade, em especial Giddens (2002), afirmam que o mundo em que vivemos está mudado e unificado nessa transformação através da globalização ou, numa palavra ainda mais contemporânea, planetarização. Somos expectadores e protagonistas da mudança de um tempo, da modernidade para a pós-modernidade ou modernidade tardia e para o que alguns autores e pesquisadores da sociologia, da antropologia e da psicologia social já começam a anunciar como Pós-humanismo.

Pós-humanismo é a denominação desse novo tempo que vive a humanidade em seu processo de evolução. Na esteira das novas descobertas da biotecnologia, a evolução humana está entrando numa fase em que a reconstituição genética e a transformação mais radical do corpo humano estão cada vez mais próximas do ser humano. As pessoas em breve poderão escolher sua aparência, sua cor, seu gênero e agir diretamente nas escolhas de como serão seus filhos. “Nossa geração de crianças poderá muito bem ser a última geração de “puros” humanos”. (DEITCH, 2005, p.1).

Até as décadas de 1970 e 1980, podia-se falar em sinais pré – estabelecidos e que as instituições, apesar dos novos ventos que se anunciavam, mantinham uma mínima estabilidade, um eixo ordenador. A modernidade nos indicava um caminho a ser seguido, uma rota com indicadores claros; havia esperança e promessas de um futuro. Havia a crença numa ordem econômica, social e familiar, que estabelecia balizas para os jovens. Eram tão seguros os parâmetros que, se atendido o roteiro pré-estabelecido, a questão não era se o jovem encontraria um trabalho e se deixaria a casa dos pais, mas quando esse fato ocorreria e a resposta esperada era: O mais breve possível.

Para Deitch (2005, p.4) “as pessoas tinham um forte senso da sua obrigação e obediência às tradições e atitudes de seus pais e a obrigação de passar essas atitudes para seus filhos”. Isso incluía a permanência em carreira e profissões familiares ou afins, que geravam satisfação e aprovação por parte da família. A sociedade, burguesa orientada por esses critérios, deixava pouca ou nenhuma escolha para seus filhos. A persona era fixa e rígida e toda individualidade ficava afastada dela.

Para Giddens (2002, p.81), “os sinais estabelecidos pela tradição estão agora em branco”.

A psicologia analítica aponta uma resposta frente à massificação: propõe o entendimento de um caminho através do qual o indivíduo separa-se e diferencia-se do coletivo, o processo de individuação.

Na sociedade pós-burguesa que acompanhou a transformação do ambiente em mundo pós-moderno, o indivíduo passa a lidar com escolhas, ainda que limitadas. Há muitas vezes uma ilusão de escolha, devido às estruturas rígidas do capitalismo, mas há um espaço para o Ego refletir sua individualidade e estar consciente das restrições que as circunstâncias do meio impõem.

Artigo publicado por Guedes (2003) na Folha de São Paulo, resume bem as mudanças que ocorreram no mundo e seu impacto sobre os jovens que estão vivendo essa transição entre adolescência e vida adulta:

Desde que ruiu a separação entre as Alemanhas, em 1989, com a queda do muro de Berlim, simbolizando o fim da guerra Fria e o começo do processo de globalização e de mudanças profundas no mercado de trabalho, os jovens passaram a usar um critério neoliberal na hora da escolha do curso. A prioridade é para as carreiras que, acreditam, oferecem mais chances de sucesso nesta nova ordem econômica.

Vive-se hoje no mundo globalizado, dominado pela *hybris*, palavra grega que designa “o desvario, a falta de medida” (SALIS, 2002, p.71), que impõe expectativas altas, extrema competitividade e avidez pelo sucesso econômico a qualquer custo. É sob esse signo que o adolescente reflete e decide seus passos sem conseguir antever seu futuro. Com muito esforço decodifica os sinais do presente e como se situar em relação a ele, adaptando-se ao seu ritmo e suas mudanças. Até como forma de se defender daquilo que não entendem, muitos jovens agem automaticamente, escolhendo por impulso ou atendendo às pressões que o cercam. “A dúvida, característica generalizada da razão crítica moderna, permeia a vida cotidiana assim como a consciência filosófica e constitui uma dimensão existencial geral do mundo social contemporâneo”. (GIDDENS, 2002, p.10).

Esse período é nomeado como modernidade alta ou tardia e destaca como uma de suas características mais importantes a separação tempo-espaço com o maciço dinamismo que o mundo moderno, “esse mundo em disparada”, introduz nas questões sociais e humanas. É caracterizado por extremo materialismo e

consumismo, pressões capitalistas pela vantagem pessoal e acumulação de riquezas. (Giddens, 2002, p.22).

As garantias que cercavam o indivíduo nos tempos da modernidade desapareceram. A noção do tempo e da história como uma sucessão lógica e previsível e afirmações do tipo *planto hoje para colher amanhã*, não têm mais lugar nos dias de hoje.

“O mundo tinha sentido, tinha futuro, era explicável e o homem possuía nele lugar garantido”. (WERTHEIN in UNESCO, 2003, p.222).

Nos tempos atuais, um novo clima cultural, econômico e social envolve os jovens. Inseridos neste “espírito do tempo”, neste complexo cultural que se constela, encontram um mundo muito diferente daquele em que seus pais terminaram os estudos secundários, ingressaram na universidade e no mercado de trabalho.

Escolher uma área de estudos e ingressar na faculdade era um feito importante, supunha uma boa formação no segundo grau, mas não tinha a dramaticidade e o grau de dificuldade que assumiu na atualidade. O mercado de trabalho era mais acessível, e um jovem universitário formado nas décadas entre 1960 e 1980 tinha uma grande possibilidade de encontrar colocação e trabalho, com consideráveis chances de ser bem sucedido em sua trajetória profissional. Havia estabilidade e segurança apoiadas no tripé que caracterizava a modernidade: o mercado, o indivíduo e o desenvolvimento científico – tecnológico.

A partir da década de 1980, com a globalização e sob o impacto das novas tecnologias, uma intensa transformação começa a ser sentida nos costumes, trabalho e relacionamentos. Essa mudança é sentida especialmente pelos adolescentes que aliam a busca de uma nova identidade com a descoberta da realidade à sua volta, onde surgem novas profissões, novas áreas de ciência e pesquisa, de estudo e trabalho. Os adolescentes respondem à demanda pelo novo com rapidez: são os primeiros que aprendem e incorporam as novas linguagens eletrônicas, buscam as novidades em todas as áreas, o estímulo e o risco, a vontade de conquistar esse mundo e imprimir nele sua marca e a ansiedade e a tensão diante de suas escolhas.

A queda das torres gêmeas deixou os valores pós-modernos envoltos numa espessa nuvem de poeira. Aconteceu na América do Norte, mas os reflexos foram sentidos entre nós, acentuando a falta de confiança nas respostas que a cultura tem a oferecer e ao mesmo tempo estimulando os jovens a encontrar novas respostas.



Os acontecimentos daquela “manhã de setembro”, como a chamou Zoja (2003, p.43), materializaram as drásticas transformações nos referenciais que guiavam a cultura do ocidente.

“O poder científico e financeiro da modernidade. O culto da racionalidade. A desvalorização do lado afetivo e natural do ser humano. Toda a unilateralidade ocidental estava representada em Nova York.”. (ZOJA, 2003, p.43).

O adolescente contemporâneo conquistou a liberdade de escolher, sem estar preso às circunstâncias externas, mas considerando sua realidade interior. Escolher baseado nele mesmo, dando oportunidade ao Self se manifestar. A contradição é que a mesma cultura que o incentiva a escolher lhe diz que deve respeitar os determinantes econômicos que são mais importantes que a sua escolha.

O adolescente tem que empreender verdadeira batalha para ingressar na universidade e posteriormente no mercado de trabalho. O número de vagas oferecido pelas universidades públicas e pelas faculdades particulares conceituadas é menor que o número de candidatos e instituiu-se o vestibular, exame para avaliá-los e estabelecer sua classificação. No vestibular de 2006 da Fundação Vestibular do Estado de São Paulo (FUVEST), o vestibular mais concorrido do país, havia 154.000 candidatos disputando aproximadamente 8000 vagas. (FUVEST, 2007).

Mercado, aliás, é uma palavra-chave para definir o contexto da atualidade. O Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas (IBASE) reuniu 8000 jovens brasileiros, entre 15 e 24 anos, moradores em regiões metropolitanas, para um dia de reflexão e discussões; 27% deles entre 15 e 24 anos não estavam estudando ou trabalhando em 2005. É um imenso contingente que não está conseguindo encontrar um lugar no mundo socialmente organizado. Para sociólogos e economistas há uma crise no mundo do trabalho, indicando que a passagem da adolescência para a vida adulta, para o caminho da autonomia, está cada vez mais difícil e mais distante. (IBASE, 2005).

Mercado é a face fria do pai no mundo. É a lei pela lei, não considera o indivíduo e suas necessidades e impõe suas regras como um pai autoritário na sua polaridade negativa, déspota, que responde: “é assim porque eu quero”. Os cidadãos da *polis* não esperam mais seus jovens reunidos na *agora* como faziam os gregos, para ouvir seu discurso, dar-lhes o reconhecimento e a confirmação, como novos cidadãos, participantes da construção da cidade, da cultura e da civilização.

Eis o panorama social no qual o adolescente irá fazer seus ensaios para definir sua identidade e processar suas escolhas.

Byington (In WAHBA, 2004, p.14) afirma que: “O principal problema da atualidade parece ser a alienação ética e existencial trazida pela desorientação individual e coletiva, como bem descreveu Jung no livro ‘O homem moderno em busca de sua alma’”.

Uma das marcas da nossa cultura tem sido a valorização excessiva dos mitos do poder, do sucesso, do dinheiro, da velocidade, expressos através de um materialismo desenfreado, onde a acumulação de riquezas e bens de consumo assume o lugar de ícones cultuados nos templos modernos, representados pelos bancos, pelos modernos *shoppings centers*. São mitos devoradores, baseadas na onipotência, que instiga respostas violentas e desmedidas.

O homem pós-moderno não quer fazer sacrifícios, não quer fazer ligação com o passado ou pensar no seu projeto de futuro, pois tem a ânsia de viver o presente.

Para Lima Filho (2002, p.133), nossa cultura instiga os adolescentes e jovens a acreditar na máxima que ‘querer é poder’, isto é que o desejo e a gratificação devem necessariamente coincidir só porque há o desejo.

Jung (2000b, §1588, p.285) adverte sobre esse perigo da racionalização e posição unilateral da consciência, lembrando: “Foi isto que o princípio alemão ‘onde há uma vontade, há também um caminho’ tentou conseguir, e sabemos quais foram os resultados”.

Jung, com sua notável compreensão da psique humana e capacidade de construir uma psicologia voltada para os dias atuais, alertou o homem contemporâneo:

“O maior perigo que ameaça os indivíduos e nações inteiras é o perigo psíquico. A razão mostrou-se impotente porque seus argumentos só atuam sobre a consciência e não sobre o inconsciente”. (JUNG, 2000b, §1358, p.165).

São os mitos que fornecem os modelos exemplares para todos os ritos e atividades humanas significativas, conferindo, por isso mesmo significado e valor à existência. Pode-se supor, portanto, que a cultura voltada para esses valores direciona seus objetivos e rituais para sua obtenção e conservação. (ELIADE, 2004, p.8).

Há uma crise da consciência coletiva, na ligação com os arquétipos e os mitos atemporais, conectados à essência do homem. Mas como toda atitude

unilateral da consciência supõe a existência do seu oposto, há igualmente na psique coletiva a profunda e atemporal ligação com a verdade mais essencial, que deseja manifestar-se através do homem contemporâneo. O adolescente de hoje, que busca novas respostas e modelos para seus planos, sonhos e realizações, está inserido na dialética dessas perspectivas opostas.

Há um descrédito com as instituições e com os políticos ou *politicós*, aqueles que deveriam inspirá-los por representarem o cuidado com a ética e a organização da *polis*. Uma das conclusões importantes do relatório do IBASE (2005) é que o jovem está disposto a pensar e a refletir, tem uma posição crítica diante do quadro social, político, econômico da nossa realidade e de que há disposição em agir, participar, buscar caminhos e possibilidades. A polaridade dessa visão engajada do indivíduo, agente de transformação na sociedade, é o indivíduo alienado, perdido de si mesmo e desacreditado de um caminho para sua inserção no mundo, *apático* no sentido da sua falta de paixão por algo que o mova. Esse segmento é chamado de *geração tanto faz*:

[...] Psicólogos discutem os perigos da `geração ta

que denominam “uma estranha simetria” entre características da adolescência e as patologias da cultura.

Nossa cultura é, em muitos aspectos, adolescente. Vive a necessidade simbólica de uma mãe, com seu olhar, amor e continência e de um pai, com suas palavras e limites estruturantes, que estabeleçam valores e direções, nos quais possa confiar. (LIMA FILHO, 1997, p. 39).

Refere-se ao pai como a dimensão arquetípica da psique, representada também pelo pai pessoal. As funções paternas podem ser igualmente desenvolvidas por outras instâncias do meio que circunda esse jovem. Cada vez mais em nossa cultura a mãe ocupa-se dessas funções, "como também o fazem a família como um todo, a escola, a igreja e o próprio Estado". (LIMA FILHO, 1997, p.63).

Sobre o papel e importância do pai, afirma:

O pai é mediador de uma relação; determina em que bases, até que ponto, dentro de que abrangências e limites, com que regras, com que qualidade de inserção ou afastamento, com que métodos, regularidades, finalidades e objetivos as diversas relações do filho com o mundo, com o outro e consigo mesmo irão se estabelecer. O pai discrimina o mundo em categorias, tornando-o compreensível e, portanto utilizável; interrompe o que até então era natural para instaurar o deliberado, o escolhido, o proposital, o eleito, o

dupla tarefa, diferenciar-se e tornar-se indivíduo e ao mesmo tempo inserir-se na coletividade, respondendo ao chamado ético e social, ocupando o seu lugar no mundo. A falta de sentido na vida reflete o Ego vivendo a ausência de Self.

A psicologia junguiana comporta a vivência e a integração dos pares de opostos, entre os quais, *sociedade / indivíduo*, sendo a individuação justamente a possibilidade da integração dos valores individuais e sociais.

## 5.2 ADOLESCÊNCIA: QUEM É O SUJEITO DE QUEM FALAMOS

Adolescência e juventude são conceitos que se referem às etapas do desenvolvimento humano que se situam entre a infância e a vida adulta.

A adolescência é uma etapa de intensas transformações em todos os aspectos da vida de um indivíduo, notadamente em suas características físicas, psicológicas e sociais. O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) define adolescência o período situado entre os 12 e os 18 anos. (ECA, In IBASE, 2005, p.1).

Na cultura moderna ocidental a adolescência começa com as mudanças físicas da puberdade, que assinalam o término da infância e se estende desse período inicial pelos anos seguintes, marcados por intensas transformações nos aspectos cognitivos, emocionais e sociais e se conclui, conceitualmente, com a inserção no mundo adulto.

Existe hoje uma tendência no Brasil a nomear como *adolescência* a fase que vai dos 12 aos 17 anos, caracterizando-a principalmente pelas mudanças que a marcam como um período específico do desenvolvimento e de preparação para uma inserção futura na sociedade. O termo *juventude* refere-se à fase posterior, que vai dos 18 anos à fase adulta, sendo caracterizada pela construção de trajetórias de entrada na vida social. (FREITAS, 2005, p.8).

Existe a tendência de utilização dos conceitos de adolescência e juventude de maneira sinônima e homologadas entre si, especialmente no campo de análise da psicologia geral, e em suas ramificações como a psicologia social, clínica e educacional, o que não ocorre com tanta freqüência nas ciências sociais. (FREITAS, 2005, p.11).

A psicologia, como área de estudo e disciplina, tem se ocupado da análise da adolescência a partir do indivíduo e dos seus processos de transformação. Ao campo das Ciências Sociais e Humanidades tem sido reservado “o estudo da categoria juventude, em especial à sociologia, antropologia cultural e social, história, educação, estudos culturais, comunicação, entre outras”, sendo seu interesse mais voltado às relações sociais, aos vínculos e a inserção na sociedade, assim como às rupturas e desencaixes sociais. (FREITAS, 2005, p.11).

Este estudo adota os termos adolescência e juventude como sinônimos e segue a tendência em psicologia de se nomear, preferencialmente, como *adolescência* os processos psicológicos de transformação.

O relatório da Organização das Nações Unidas para a Infância, 2002 (UNICEF), define adolescência como:

Fase específica do desenvolvimento humano caracterizada por mudanças e transformações múltiplas e fundamentais para que o ser humano possa atingir a maturidade e se inserir na sociedade no papel de adulto. É muito mais que apenas uma etapa de transição, contempla uma população que apresenta especificidades das quais decorrem uma riqueza e potencial únicos. Não pode ser compreendida como uma condição homogênea, uma vez que é atravessada por grandes diversidades e desigualdades em seus aspectos naturais, culturais e sociais. (apud FREITAS, 2005, p. 29).

Na concepção da sociologia, a inserção no mundo adulto está vinculada a cinco aspectos mais importantes: o término dos estudos, o início da vida profissional, a escolha da parceria amorosa, sair da casa dos pais e constituir moradia pela qual se torna responsável ou co-responsável, ter filhos. (FREITAS, 2005, p.7).

Observa-se atualmente que esse período de transição e inserção está cada vez mais alongado, sendo comum que essa passagem para a vida adulta aconteça por volta dos 30 anos. Falamos cada vez mais em adolescência tardia.

Diversas escolhas fundamentais da existência estão diante de um jovem: tem que enfrentar as demandas internas, seu próprio processo de autoconhecimento e de definição de identidade e ao mesmo tempo ampliar seu olhar para o mundo, ir além dos limites e parâmetros que lhes foram definidos pela família e pela sociedade. Os adolescentes e jovens a que nos referimos trazem para o âmbito da psicologia clínica as questões, as demandas e as angústias relacionadas com as escolhas, em especial a definição por uma área de estudo, pelo caminho a seguir

em seus estudos universitários e a definição por uma área de trabalho e inserção no mundo profissional.

Um grande *menu* de opções abre-se diante do adolescente, que tem em suas mãos a possibilidade da escolha e a angústia de não sabê-la.

Uma das características da escolha, do ponto de vista psicológico, é justamente que ela seja difícil, sentida, sofrida, pois envolve sempre o sacrifício de tudo aquilo de que se abre mão, que se deixa de lado ao escolher uma alternativa.

Trata-se, o momento atual, do limiar de uma nova era. Saffo (2006), especialista em desenvolvimento tecnológico e seu impacto na cultura e na sociedade, afirma que estamos na cúspide de uma onda de mudança, passando do domínio da eletrônica como área de maior influência tecnológica para a área da biotecnologia.

Surgem novas profissões e áreas de pesquisa, novos valores vão sendo incorporados e muitos jovens não sabem por que mapas se orientar.

### **5.3 ADOLESCÊNCIA E DESENVOLVIMENTO DA PSIQUE**

Os adolescentes vivem uma das fases mais marcantes no processo de desenvolvimento humano, em que mudanças internas e externas acontecem simultaneamente, com grande inquietação e abrangência. Surgem dúvidas quanto aos novos papéis sociais e como serão vividos.

O adolescente vive intensamente essa experiência, mas muitas vezes não consegue nomeá-la ou descrevê-la. O uso de imagens e metáforas pode ajudar a estabelecer um ponto de partida para o trabalho clínico.

Comumente o tema da adolescência está relacionado à metáfora da ponte, da mudança, da ligação de dois distintos níveis da realidade. Representam símbolos arquetípicos ligados a essa jornada de passagem de um estágio a outro do desenvolvimento humano.

A adolescência é comparada por Byington (1988, p.70) a um “furacão”. Seus primeiros indícios marcam a passagem da infância para a vida adulta, devido ao amadurecimento físico, caracterizado pela puberdade, ou seja, os primeiros sinais e manifestações do funcionamento das glândulas sexuais. A erupção desse furacão provoca intensas transformações internas, que se refletem no âmbito familiar e social.

O adolescente vivencia a morte simbólica de sua infância e o despertar de novas e atraentes possibilidades, mas essa passagem não se dá sem uma crise, pelo conflito entre o que está sendo deixado para trás e os ensaios cheios de insegurança para “apreender” o que está sendo despertado.

O arquétipo do limiar e da transição encontra-se ativado, fornecendo a base arquetípica que mapeia o percurso, já percorrido por incontáveis gerações. A iniciação envolve e recria os temas da morte e renascimento, oferecendo a oportunidade de engajamento em uma passagem sofrida, porém necessária.

Apesar de não haver muitos textos específicos de Jung sobre a adolescência, muitos de seus fundamentos, entre os quais o processo de individuação, podem ser aplicados à psique adolescente. A individuação foi originalmente descrita por Jung como um processo da segunda metade da vida. Esse conceito foi teoricamente ampliado e autores pós-junguianos como Edinger (1960), Feldman (1967), Frankel (1998), passaram a considerar a individuação como fenômeno inerente a todas as etapas da vida. Dessa maneira, também o papel do Self passa a ser considerado nos primeiros anos de vida. (EDINGER, 1960, p.3).

Esses autores que têm seu foco no desenvolvimento da psique na infância e adolescência buscam relacionar suas pesquisas com o que Jung escreveu sobre essa fase. Alguns desses conceitos são aqui destacados com o objetivo de uma explanação sobre aspectos atuantes no desenvolvimento psíquico da adolescência.

A psicologia analítica em suas formulações iniciais afirmava que a tarefa da primeira metade da vida era voltada para o desenvolvimento do Ego, com a progressiva separação entre Ego e Self. A segunda metade da vida seria voltada para a reunificação do Ego ao Self, e representava a relativização do Ego em relação ao Self. A formulação atual entende que os processos de separação e reunificação entre Ego e Self acontecem repetidamente ao longo da vida do indivíduo, tanto nos anos iniciais da adolescência, como na fase da maturidade. (EDINGER, 1960, p.4).

Stein (2001, p.165) amplia esse entendimento ao afirmar que o desenvolvimento do Ego e da persona, a face visível do Ego, através da qual ele se revela e se adapta ao mundo externo, é o principal projeto da primeira metade da vida, até que seja atingida a inserção do indivíduo no mundo adulto. Quando essa tarefa é realizada, o desenvolvimento prioriza a busca da reunificação dos aspectos



conscientes e inconscientes, a união dos opostos e a intensa vivência criativa da psique.

Questões conceituais deram origem a diferentes enfoques do desenvolvimento psíquico na adolescência. Fordham (2001) defende que a ativação de conteúdos arquetípicos na adolescência produz uma regressão a estados anteriores na psique, com a finalidade de integrar aspectos deintegrados. Frankel (2005, p.39) chama essa tendência de “recapitulação” aludindo a uma retomada psíquica, defendendo uma posição na qual enfatiza a perspectiva de futuro como um gancho para o desenvolvimento, relacionando o desenvolvimento psíquico com as questões culturais.

Autor dedicado aos temas do desenvolvimento, FORDHAM (2001, p.85) estabelece a relação entre os conceitos do Self, Individuação e adolescência:

A introdução do conceito de self na psicologia infantil exigiu praticamente uma revolução no pensamento dos analistas junguianos porque o conceito, conforme desenvolvido por Jung, era aplicado na maioria das vezes à religião e à parte final da vida das pessoas.

O modelo Fordham (2001) reafirma o posicionamento de Jung de que há imagens arquetípicas e símbolos do Self presentes nos sonhos e fantasias de crianças pequenas. Propõe igualmente a definição de Self como era conceituado por Jung, sugerindo que o mesmo pode ser compreendido em dois níveis diferentes: como a totalidade da psique, constituída por partes distintas que englobam o Ego e os arquétipos, e compreendido também como o centro ordenador da psique, reunindo e organizando todas as partes.

Nomeia como Self primário original a parte da psique que se divide em partes à medida que o relacionamento com o mundo se desenvolve, permitindo assim o surgimento da consciência. Essa divisão do todo em partes é chamada de deintegração, que possibilita a constituição de diversos núcleos egóicos, os Ego *nuclei*, que mediante a ação integrativa do Self unem-se para constituir um único núcleo, o Ego *nucleus* ou *centrum*. É através da ocorrência dessas seqüências deintegrativo-integrativas que a criança vai desenvolvendo sua imagem corporal e uma percepção de si mesma e do mundo exterior, numa realização do Ego.

Busca-se aproximar a linguagem dos desenvolvimentistas com a vivência psíquica na adolescência. O processo de deintegração-integração aplicado por

Fordham (2001, p.85) proporciona uma compreensão teórica para o estado naturalmente fragmentado na adolescência. Os adolescentes enfrentam um contínuo processo de deintegração dos conteúdos da consciência, no qual muitas vezes conseguem definir somente aspectos parciais de si mesmo e da realidade à sua volta. A adolescência, com sua multiplicidade de transformações, que acontecem em vários e simultâneos aspectos do desenvolvimento, pode ser vivenciada como deintegração em várias partes, todas elas carregadas de libido, de energia psíquica.

A deintegração tem a finalidade de preservar a psique, é necessária para o posterior desenvolvimento psíquico. Como processo natural, é diferente de desintegração entendida como o estado em que o Ego é esmagado e desmancha-se, sem que haja uma reestruturação. "Os conteúdos deintegrados, apesar dessa vivência parcial momentânea, são integrados novamente ao Self, numa nova configuração, processo que possibilita a maturação psicológica". (FRANKEL, 2005, p.38).

O modelo Fordham( 2005) tem uma geração atual de pesquisadores, entre os quais se destacam os psicólogos norte-americanos Feldman (1996) e Frankel (2005).

Feldman postula a compreensão de que os conteúdos arquetípicos ativados na adolescência representam uma possibilidade de reviver psicológico e de integração da consciência. Após iniciar suas pesquisas com bebês e crianças pequenas, estendeu seus estudos aos adolescentes, ampliando para essa fase as discussões e considerações sobre o Self, a estruturação do Ego, a formação da identidade e o processo de individuação. Foi treinado e supervisionado por Fordham durante sua formação como analista e desponta na atualidade como um dos principais representantes da escola desenvolvimentista.

Com intensa produção acerca do desenvolvimento, suas principais formulações podem lançar luz sobre a questão da escolha vocacional a partir dos anos da adolescência.

A mais importante tarefa de crescimento no final dos anos da adolescência é o estabelecimento de um senso coerente de identidade. Quando coerência de identidade é alcançada, o jovem sente um senso mais autêntico de Self, e a partir disso emerge um sentimento de que uma síntese significativa de várias partes da personalidade pode ser consolidada num todo significativo. Na

linguagem junguiana, os aspectos sintéticos do Self emergem e funcionam para integrar as diferentes partes da personalidade, compreendidas pelos complexos e introjeções e que englobam tanto os aspectos pessoais como os arquetípicos. À medida que o desenvolvimento da identidade acontece e evolui, o adolescente começa a sentir-se mais seguro acerca da sua sexualidade, objetivos e o estilo de vida que deseja. **O Self como um guardião das experiências mais significativas, emerge como uma importante força integradora e sintetizadora durante os anos adolescentes.** (FELDMAN, 1996, p. 491, grifo nosso).

Para Feldman, as questões de Identidade sexual e gênero têm suas origens na relação do bebê e da criança com as figuras parentais e a qualidade dessa relação exerce importante influência no desenvolvimento da criança. Na adolescência, quando há uma pressão para viver e atualizar os impulsos sexuais, é testada a força das identificações, introjeções e complexos psico-sexuais mais precoces. O adolescente é forçado a confrontar tanto seus aspectos pessoais como os aspectos arquetípicos da sua identidade sexual e de gênero. É igualmente nessa fase que acontece a emergência dos conflitos e a consciência da tensão entre os opostos.

A crise da adolescência possibilita a liberação da energia criativa dos arquétipos da Anima e do Animus, que nessa fase são intensamente ativados pela primeira vez. (BYINGTON, 1988, p.74).

A fonte mais importante da teoria de Jung sobre a identidade e adolescência foi seu próprio desenvolvimento adolescente, no entender de Feldman. Foi em *Símbolos da Transformação* que Jung (1986d, §332, p.213) elaborou o tema da adolescência e da identidade, contrapondo-se ao entendimento de Freud quanto ao papel do incesto e dos desejos entre mãe e filho:

[...] Trata-se, portanto mais de fenômenos teleológicos do que simples causalidades. É preciso salientar ainda que sobretudo o mito solar mostra como a base do desejo 'incestuoso' não é a coabitação, mas a idéia de voltar a ser criança, retornar ao abrigo dos pais, penetrar na mãe, para novamente dela nascer.

O obstáculo imposto pelo tabu do incesto leva o adolescente a fantasiar criativamente com formas àz.,\_-l2v/ààó.bf-B2pfxvào\_v-f<zzvz-:2pv\_- 2pfxvào\_v-2pxàv\_óf,v-i2f

Feldman, apoiado em sua experiência clínica, considera que o engajar no “conflito heróico” afirma a individualidade e a autonomia do adolescente. “Desse confronto para a auto-afirmação, que se dá com a matriz criativa do inconsciente, com sua capacidade simbólica, é que vai sendo forjado um senso coerente de identidade”. (FELDMAN, 1996, p.493).

”Neste enfoque, a alma do adolescente encontra sua forma, dimensões e limites num mergulho nas profundezas do inconsciente, até as fundações do *Self* serem alcançadas”. (FELDMAN, 1996, p.493).

O desafio para o adolescente é compreender simbolicamente a tensão entre o desejo de regredir e permanecer criança e o desejo de crescer. A separação dos pais é carregada de conflitos, pois o desejo de tornar-se independente e decidir a própria vida é confrontado com o medo da perda da segurança e das referências que o guiaram. Nesse momento é que se evidencia a importância da fantasia criativa como elemento nutridor e gerador de novos conteúdos na psique.

Como resolução dessa fase do desenvolvimento, a personalidade pode ser experimentada como um todo mais integrado, e um senso de confiança interna pode emergir. Essa noção de identidade, que apresenta uma nova configuração para o Ego, possibilita os primeiros ensaios para a busca e manutenção de um relacionamento interpessoal com afeto e intimidade, a abertura para a alteridade, bem como incrementa a capacidade de sonhar, idealizar e planejar objetivos pessoais significativos.

A adolescência compreende, como exposto, o estabelecimento da identidade egóica e da persona e é vista na perspectiva junguiana como etapa dentro do processo de individuação:

A adolescência bem sucedida é vista como uma fase do processo de individuação que pressupõe um reviver emocional e afetivo do relacionamento mais precoce com a mãe, especialmente com o seu corpo e psique. Assim, a adolescência como uma fase do processo de individuação oferece uma segunda chance para a reparação de dificuldades que tiveram suas origens no período infantil. (BOVENSIEPEN, 1995, apud FELDMAN, 1996, p.498, tradução nossa).

Bovensiepen (2002, p.243, tradução nossa) enfatiza a formação de símbolos e a fantasia como uma das mais importantes funções psíquicas durante a adolescência. Destacam-se em seu estudo dois conceitos que embasam o roteiro do trabalho que aqui se propõe em orientação vocacional: o primeiro é valorizar o

símbolo e a função transcendente como um processo natural e que ocorre espontaneamente nos sonhos, fantasias, imaginação; o segundo é questionar quais qualidades ou atitudes analíticas podem ajudar o adolescente a recuperar a capacidade para simbolizar, independente de quão pobremente desenvolvida ou bloqueada essa capacidade esteja.

Frankel (2005) associa a visão junguiana com a teoria de Winnicott e concorda com Feldman, ao focar a adolescência como etapa do processo de individuação, um processo que acontece ao longo de toda a vida. Sua concepção, entretanto, é divergente da vinculação da emergência dos conteúdos arquetípicos com a figura da mãe pessoal e aos estados pré-edípicos considerados pela psicologia analítica, sendo mais propenso a considerar a fantasia do incesto como uma metáfora da trajetória do crescimento e desenvolvimento psicológico. (FRANKEL, 2005, p.40). Enfatiza a fantasia na adolescência assim como a capacidade de imaginar o futuro, pois para ele uma das mais importantes características da adolescência é o potencial do vir -a - ser e do crescimento auto-regulável.

Estudos sobre o desenvolvimento da psique na adolescência foram pesquisados também em nosso contexto junguiano. Freitas (1987) estudou a psicoterapia de adolescentes como rito de iniciação; Gimenez (1998) o desenvolvimento psicológico na adolescência e a orientação profissional e Lima Filho (2002, p.25) enfatiza o significado do pai arquetípico e pessoal no desenvolvimento e estruturação da psique e reafirma a posição mais atualizada dos desenvolvimentistas: “o processo de individuação está em curso desde os primórdios da vida, e não apenas a partir da crise da *metanóia*”.

Propõe Lima Filho (2002, p.29) a concepção da estruturação e desenvolvimento psíquico segundo a perspectiva arquetípica de Eric Neumann para a compreensão dos dinamismos matriarcal, patriarcal e da alteridade, assim como destaca os ciclos ou dinamismos arquetípicos de Byington no desenvolvimento simbólico da consciência. São descritos os dinamismos matriarcal, patriarcal, da alteridade e cósmico e a compreensão de cada um na perspectiva evolutivo-estrutural, e no seu valor estruturante para o Ego e para a consciência.

A teoria de Neumann (1991) é um dos pilares da formulação junguiana sobre o desenvolvimento da psique. Fundamenta-se na estrutura arquetípica da psique e considera o desenvolvimento da consciência a partir de fases ou etapas que se

sucedem e que compreendem as relações entre o Ego e o Self, e os arquétipos matriarcal e patriarcal.

Descreve o estágio inicial, a *participation mystique*, o estágio urobórico do desenvolvimento, no qual não existe polarização entre interior e exterior e entre consciente e inconsciente, sendo que esse estado dá lugar, pouco a pouco, ao desenvolvimento de um Ego independente, ao surgimento da consciência e a polarização do mundo, "ou em termos mitológicos, a separação dos Pais do Mundo" a partir do qual o desenvolvimento psíquico continua acontecendo.

Enfoca a concepção do autor, a transição do desenvolvimento da psique do matriarcado para o patriarcado, e do Ego mágico para o Ego solar, sendo que cada fase ou etapa pressupõe o desenvolvimento de um Ego cada vez mais independente.

"Esses estágios, com seus variados graus de consciência do Ego, têm caráter arquetípico, e são demonstráveis como 'presença eterna' e operante na psique do homem moderno, como parte da sua estrutura psíquica". (NEUMANN, 2003, p.194).

Podem ser compreendidos sob a ótica transpessoal, pois os estágios referem-se a todos os homens, em todos os tempos e lugares.

Através da evolução de cada estágio é recontada a história e a evolução do desenvolvimento do indivíduo, assim como também da humanidade. Faz parte desse roteiro o enfrentamento heróico. O mito do herói e o enfrentamento do dragão são metáforas da luta psíquica pelo contínuo desenvolvimento da consciência, pela passagem de uma etapa para a outra subsequente e pela síntese entre conteúdos conscientes e inconscientes.

A luta do herói, arquetipicamente orientada, acontece como caminho para o fortalecimento e definição da consciência, identidade e persona. É a vivência do arquétipo do herói, na adolescência, que incentiva a espontaneidade e o desejo pela liberdade de escolher.

"O arquétipo do herói é ativado sempre que houver necessidade de um renascimento psíquico". (GIMENEZ, 1998, p.50).

Stein (In: PAPADOPOULOS, 2006, p.206) concorda com Jung no entendimento de que o desejo do incesto é um dos maiores desafios para essa passagem da infância para a vida adulta, e que o desejo é, na realidade, o desejo de permanecer criança, e dessa forma, ficar para sempre no "Jardim do Éden". O aparecimento do herói como uma etapa do desenvolvimento, que mata o dragão e

liberta a princesa, é a representação do enfrentamento do desejo regressivo e a libertação da alma, para seguir adiante o projeto de desenvolvimento.

Para Neumann (apud GIMENEZ, 1998, p.50), o desenvolvimento da personalidade se realiza através da centroversão, uma tendência autoformadora ou individuadora que se processa no interior da psique.

A centroversão é, para Neumann (2003, p.209) a tendência inata da totalidade a estabelecer a unidade de suas partes e de coordenar as suas diferenças em sistemas unificados. Posteriormente, se manifesta como centro diretivo, isto é, como centro de consciência no Ego e como centro psíquico no Self.

"A formação da personalidade, tal como a de ego e da consciência, se encontra sob a direção da centroversão, cuja função é o desenvolvimento da unidade criativa do organismo vivo". (NEUMANN, 2003, p.251).

A centroversão atua na direção da adaptação e da progressão da libido e assume características próprias em cada estágio do desenvolvimento psíquico.

Na primeira metade da vida ocorre a transição da centroversão a partir da totalidade atuante do inconsciente, do Self para o Ego. É o período de ego-centração que termina com a puberdade. Nessa fase, o Ego desconhece a sua dependência em relação ao Self.

"O desenvolvimento do indivíduo nesse estágio parece envolver apenas adaptação exterior, porque a consciência coletiva incluía tudo que era necessário para a existência do indivíduo" (NEUMANN, 1991, p. 158).

A partir da adolescência, começa a surgir para o Ego a consciência desse movimento de centroversão, assim como se tornam conscientes as tendências à individuação e a constelação do Self como centro psíquico da totalidade.

Ao predomínio da determinação feita pela coletividade exterior – heteronomia, que Neumann chamou também de centroversão, contrapõe-se a autonomia, determinada pelo automorfismo, que privilegia a subjetividade em lugar da coletividade.

Automorfismo é a tendência complementar à centroversão e que existe no indivíduo desde a fase pré-natal, mas que é ativada de forma compensatória, para acentuar a subjetividade, ou seja, o movimento de independência em relação à coletividade ou a oposição a ela, movimento esse necessário para o desenvolvimento psíquico. (GIMENEZ, 1998, p.51).

Edinger (1960, p. 8) afirma que "a integridade e a estabilidade do Ego dependem, em todos os estágios do desenvolvimento, de uma viva conexão com o Self". Aponta que Fordham (2005) constatou, em suas observações clínicas de crianças e na psicoterapia com adultos, que imagens de mandalas surgem como "círculos mágicos de proteção", em algum momento no qual o Ego experimenta estados de desordem e confusão e sente-se ameaçado por forças destruidoras. "O Self dá suporte ao Ego e pode atuar como o defensor da sua integridade". (FORDHAM, 1957, apud EDINGER, 1960, p.8, tradução nossa).

A relação e o diálogo entre o Ego e o Self acontecem desde o início do desenvolvimento e se mantêm vivos até o final da vida. Neumann nomeou essa relação como eixo Ego – Self. Representa a conexão vital entre o Ego e o Self e o acesso para o canal de comunicação entre a personalidade consciente e a psique objetiva. (EDINGER, 1960, p.9).

O Self como o centro e a totalidade da psique que é capaz de reconciliar todos os opostos, pode ser considerado o órgão de aceitação por excelência. Desde que inclui a totalidade, ele deve estar apto para aceitar todos os elementos da vida psíquica, não importam quão antitéticos eles possam ser. É este senso de aceitação que fornece ao Ego sua força e estabilidade. Este senso de aceitação e aprovação é transmitido ao Ego através do eixo Ego – Self. Um sintoma de dano ao eixo é exatamente a falta de auto-aceitação. (EDINGER, 1960, p.10).

A integridade do eixo é significativa como critério de saúde psíquica.

"Não o Ego, nem o Self, mas a relação entre ambos – o eixo Ego –Self e seu funcionamento como imagem da psique individual – é o parâmetro para o funcionamento saudável e para a integridade psíquica." (LIMA FILHO, 2002, p.55).

Esse diálogo entre Ego e Self assume características muito diferentes em cada etapa da vida. Para o bebê, a saúde está em ligar-se profundamente à mãe, a representante do materno mais profundo, responsável pela proteção, acolhimento, nutrição, calor, aconchego, enfim, pela sobrevivência do bebê nos primeiros anos de vida. "O poder específico da mãe é exercido através do amor", segundo Lima Filho (2002, p.133). A mãe ocupa o centro simbólico dessa fase do desenvolvimento, a fase matriarcal.

A etapa da passagem para o pai significa atender ao seu poder organizador e estruturante, que ao capacitar o filho em suas buscas heróicas o favorece como pessoa potente. A potência é resultante da síntese entre a impotência vivida na



infância, época de acentuada dependência dos pais e a onipotência vivida na adolescência, com fantasias de liberdade e força absolutas.

O pai ocupa a posição como centro simbólico dessa segunda fase do desenvolvimento: o pai é necessário ao Ego, que pelo seu crescimento necessita ganhar liberdade do continente nutricional oferecido pela mãe e instalar o rigor do funcionamento e do desempenho requisitados pela adaptação ao mundo. O pai introduz ansiedade ao Ego. (STEIN, 2006, p.204).

A mãe gratifica amplamente, tem o anseio de atender incondicionalmente os apelos do filho; o pai instaura a falta, e ao fazê-lo leva o filho a buscar o que falta dentro de si. O pai ou seu representante carrega sempre o caráter espiritual-religioso.

A identificação inconsciente com os pais, que Jung (1991, §871, p.433) chama de *participation mystique* vai sendo transformada com o desenvolvimento da consciência. O mundo passa a fazer parte gradualmente do imaginário da criança e esse processo de separação tem seu ponto alto nos ritos de iniciação dos adolescentes.

O adolescente adquire, pouco a pouco, a consciência de que é uma pessoa independente, livre, diferente dos pais. A separação externa, no entanto, precisa ser acompanhada da consciência da ligação interna com os pais, que constitui a base dos complexos materno e paterno. A nova identidade que começa a se estabelecer, que é o complexo do Ego, ainda permanece identificado com os complexos paterno e materno, sendo separação a grande tarefa da adolescência. (Kast, 1997a, p.75).

E surge então uma nova *participation mystique*, agora com o grupo, que em nossa cultura aparece como a intensa ligação dos adolescentes com a “turma”, sendo esta também vivida inicialmente de forma geral e impessoal, ganhando aos poucos contornos mais pessoais. O contínuo desenvolvimento e o amadurecimento sexual dão lugar a uma nova possibilidade: de substituir a participação e a identidade com os pais, que foi necessariamente perdida durante o desenvolvimento, pela relação de alteridade que começa a despontar.

Um novo arquétipo é constelado: no homem, o arquétipo da mulher, e na mulher, o do homem. Também estas duas figuras estavam escondidas por trás da máscara da imagem dos pais; aparecem agora às claras, e muitas vezes fortemente ou predominantemente influenciadas pela imagem dos pais. Por razões que ainda discutirei mais adiante, dei ao arquétipo feminino que está no homem o nome

de *anima* e ao arquétipo masculino que está na mulher o nome de *animus*. (JUNG, 2000c, §71, p.41).

O próximo estágio a ser alcançado e realizado é a alteridade. Alteridade é entendida como o estágio de abertura para o "outro", para o relacionamento interpessoal, para o encontro e o relacionamento amoroso, a dialética, a simetria, o fraterno. A adolescência representa um ensaio, um preâmbulo dessa vivência, quando os potenciais para sua realização são primeiramente ativados.

*Anima* e *Animus* são as características femininas na psique do homem e masculinas na psique da mulher, que se comportam complementarmente e fazem a ligação com a profundidade inconsciente. (JUNG, 1991, §759, p.392).

Para Lima Filho (2002, p.157) por ocasião da adolescência acontece um ensaio de alteridade e pode ser percebida uma aparição contundente dos arquétipos da *Anima* e do *Animus*. A ativação dos aspectos sexuais e corporais correspondentes, e a emergência desses conteúdos, indicam um trabalho a ser feito na trajetória da integração dos aspectos psíquicos correspondentes a *Anima* no adolescente e ao *Animus* na jovem.

Stein (2006, p.204) reafirma um paradoxo da cultura contemporânea. Sua percepção é semelhante à de Calligaris (2000), sobre os adolescentes em nossa cultura: que estão muito próximos de estar em condições de assumir os papéis e tarefas da vida adulta, mas há um prolongamento dessa passagem, o que pode levar a comportamento típico de impaciência, revolta, frustração e inferioridade. Calligaris (2000, p.10) chama esse fenômeno de "adolescência como moratória".

A diferenciação da consciência vai gradualmente acontecendo na busca de adaptação e ajustamento.

Com o ingresso no dinamismo patriarcal, o eixo Eu-Si-mesmo sofre um deslocamento temporário, que só se equilibra em torno dos trinta e poucos anos, com uma grande crise que resulta na passagem para o dinamismo da alteridade. O pai se interpõe entre o Eu e o Si - mesmo e atira para o futuro um modelo com o qual o Eu deve se identificar direcionando a libido extrovertidamente em direção ao mundo e ao objeto. (LIMA FILHO, 2002, p.61).

"Se o Ego consegue estabelecer um contato com o complexo, experienciar e configurar as imagens e fantasias que surgem, a energia presa num complexo pode tornar-se uma energia que vivifica a pessoa inteira". (KAST, 1997a, p.43).

A psicologia junguiana entende que não é a existência do complexo que determina as escolhas que todo adolescente terá que realizar, mas a maneira como cada indivíduo lida com os complexos e o que faz com eles. Do mesmo modo que pode bloquear o desenvolvimento pessoal, os complexos contêm as sementes das novas possibilidades de vida. Importante aspecto no desenvolvimento adolescente é a maneira como os complexos serão vividos e conscientizados.

#### **5.4 ADOLESCÊNCIA E ORIENTAÇÃO VOCACIONAL**

A questão da escolha vocacional desponta como um aspecto relevante na adolescência, pois dela depende o encaminhamento dos próximos anos e a possibilidade de novos e importantes vínculos.

Para alguns adolescentes a escolha, livre, acontece em processo quase

O papel dos pais é importante na adolescência, assim como a vivência psíquica dos complexos parentais no adolescente. Faria (2003), ao estudar os aspectos da paternidade, aborda a questão dos complexos na relação pai-filho e afirma que à medida que o conteúdo dos complexos for conscientizado num relacionamento dialético entre o Ego e o Self, o pai poderá se engajar numa transformação na sua paternidade. Essa vivência psíquica terá reflexos no encaminhamento da questão vocacional do filho adolescente.

Dá tempo à sua vocação.[...].  
Fica sabendo que tua verdade  
se fará lentamente,  
pois ela é nascimento de árvore ,  
e não descoberta de fórmula.  
(SAINT-EXUPÉRY, 1966, p.138).

## 6. MÉTODO

A questão do presente trabalho é definir como a temática da vocação é compreendida na perspectiva da psicologia junguiana, sob o enfoque de seus fundamentos teóricos e de sua abordagem no campo clínico.

Pretende-se uma pesquisa teórica, que se define como uma apresentação dissertativa e reflexiva de estudo, baseada em pesquisas e levantamentos em fontes de natureza bibliográfica e hemerográfica. Segundo Severino (2002, p. 153), o ensaio teórico consiste na exposição lógico-reflexiva com ênfase na argumentação e interpretação pessoal.

Como percurso metodológico, para atingir tal objetivo, a presente pesquisa foi iniciada com uma revisão da literatura com ênfase na temática da vocação, visando levantar as publicações relacionadas ao assunto. Adotou-se o método de leitura proposto por Cervo e Bervian (2002), através do qual a aproximação com o material a ser lido e estudado segue etapas sucessivas de aproximação e aprofundamento: a leitura de reconhecimento, a leitura seletiva e de refinamento, a leitura crítico-reflexiva e a leitura interpretativa.

Segundo Rey (2002, p.31), nesse processo no qual a ênfase recai na reflexão, o conhecimento é uma produção construtiva-interpretativa, que busca compreender e dar sentido ao material levantado assim como às expressões do sujeito estudado, num processo que integra, reconstrói, e apresenta em construções interpretativas diversos indicadores obtidos durante a pesquisa.

Este tipo de estudo enfatiza o processo de leitura, compreensão e construção de idéias e não exige a definição de hipóteses formais, pois não se destina a provar ou verificar, mas a construir.

Incluiu-se neste estudo teórico uma ilustração clínica, a partir de um caso atendido no âmbito da clínica psicológica, com o propósito de aproximar a fundamentação e reflexão teórica da prática e abordagem clínica da questão. Entende-se que o diálogo da teoria com um caso clínico, atendido na abordagem junguiana, pode enriquecer a discussão e ampliar a reflexão sobre o tema.

Este estudo aborda a temática vocacional considerando-se o paradigma da psicologia analítica e seus fundamentos, buscando inserir essa reflexão na sua relação com a contemporaneidade.

A psicologia analítica ou junguiana refere-se ao coerente corpo das idéias e práticas baseadas nas concepções da psicologia de Jung, enriquecidas com as contribuições de outros autores alinhados com sua visão ontológica, epistemológica e metodológica.

A psicologia analítica fundamenta-se na noção dos processos psicodinâmicos, de natureza consciente e inconsciente e na subjetividade do conhecimento. Do ponto de vista da metodologia junguiana, a elaboração simbólica é o caminho pelo qual o conhecimento é alcançado e viabilizado. A elaboração simbólica pela amplificação é o meio através do qual o material simbólico é compreendido na psicologia analítica. (PENNA, 2003, p.214).

Ao iniciar-se este estudo, procedeu-se levantamento das publicações e pesquisas disponíveis ao redor do tema. O material consultado constitui-se de livros, periódicos, teses e dissertações, acessados tanto em sua apresentação impressa como através dos meios eletrônicos e as seguintes bases de dados para busca e pesquisa:

- Biblioteca da PUC de São Paulo. Biblioteca do Campus Monte Alegre: artigos, livros, revistas, Teses e Dissertações.

- Biblioteca base de dados Dédalus da USP: Instituto de Psicologia. Banco de Teses e Dissertações.

- Biblioteca do Instituto de Psicologia da USP: artigos, livros, revistas, Teses e Dissertações.

- Base de dados Lilacs: Bireme: artigos e resenhas de trabalhos acadêmicos.

A pesquisa foi realizada a partir das palavras-chave: adolescência, juventude, orientação profissional, orientação vocacional, psicologia clínica, psicologia junguiana, vocação, considerado o período de publicação entre 1996 e julho de 2006. Apresenta-se um resumo dos dados encontrados, com o intuito de situar o panorama e a produção acadêmica em torno do tema pesquisado, sendo que as informações pertinentes ao tema são detalhadas no corpo do trabalho.

O levantamento constata predomínio do referencial psicanalítico e da psicologia social, com o referencial sócio-histórico (BOCK et al 1995), como relatado no capítulo 1. O tema da vocação também possui pesquisas no modelo religioso,

filosófico e antropológico, nas áreas da antropologia e pedagogia. (BRANDÃO, 2000; FROTA 2001).

Na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC-SP encontram-se as seguintes referências:

Bock (2001) propõe em sua dissertação estudo da orientação profissional do ponto de vista da pedagogia e da abordagem sócio-histórica.

Mansano (2002) realizou pesquisa sobre a escolha profissional de adolescentes e a construção de vínculo com a profissão. Essa dissertação na área de psicologia clínica foi desenvolvida sob o enfoque teórico da psicanálise.

Lisboa (2003) em sua tese discute a orientação profissional no mundo atual de trabalho. Novaes (2003) estabelece como tema para sua tese a pesquisa sobre as determinações sociais no problema da escolha profissional e as contradições e angústias nas opções dos jovens das classes sociais de alta renda que se preparam para o vestibular. Esse trabalho foi desenvolvido na área da psicologia social, com enfoque sócio-histórico.

Barros (2004) apresenta em sua dissertação o processo de elaboração de uma técnica projetiva de interesses, voltada para o trabalho de orientação profissional com adolescentes.

No levantamento feito na USP a busca encontrou os seguintes trabalhos relacionados ao tema da vocação e orientação vocacional:

Souza (1998) apresenta a dissertação *Da adolescência à fase adulta: um ritual de passagem e transformação*, estudo sob a ótica da psicologia junguiana. Seu objetivo, partindo do princípio que existe um impulso para o desenvolvimento, foi investigar bloqueios psíquicos que acompanhariam os momentos de transformação psíquica e de passagem para a vida adulta.

Sant'Anna (2001) estuda a natureza das imagens, suas manifestações e aplicações práticas clínicas a partir do referencial da psicologia junguiana. Seu trabalho *As imagens no contexto clínico de abordagem junguiana: uma interlocução entre teoria e prática* realiza uma discussão teórica dos postulados envolvidos e das aplicações práticas na clínica psicológica.

Voltolini (1999) discute na sua tese a questão da vocação sob o enfoque psicanalítico lacaniano; Matheus (2000) discorre em sua dissertação sobre os ideais e expectativas da adolescência na virada do século, a partir do olhar freudiano. Lemos (2000) em sua dissertação discorre sobre adolescência e propõe o



procedimento de desenho-história de Trinca como estratégia na definição de identidade. Frota (2001) propõe uma compreensão do percurso adolescente através da fenomenologia e do referencial de Winnicott em sua dissertação e Jardim (2004) aborda a questão da adolescência sob um referencial psicanalítico lacaniano na sua dissertação.

Maran (2004) propõe em sua dissertação o uso do Teste BBT-Br e do questionário desiderativo dentro do enfoque psicanalítico e Lehman (2005), citada anteriormente, estuda em sua Tese de Livre Docência a evasão universitária e as implicações no campo da orientação profissional.

No levantamento de bases Bireme, destaca-se um artigo escrito por Silva e Soares (2005), em que consideram a orientação vocacional como um rito preliminar de passagem. Embasam suas formulações na mitologia, tal como Campbell (2003) propõe, adotam a estratégia clínica de Bohoslavsky e a teoria psicanalítica, fazendo apenas uma breve menção à psicologia de Jung.

Levenfus (2004) organiza uma coletânea dos diferentes enfoques e estratégias dentro da abordagem psicodinâmica, em orientação ocupacional.

Millan (2005) apresenta um estudo sobre a vocação médica e afirma que o extraordinário desenvolvimento nos aspectos técnicos e científicos na área médica não alcançou o mesmo patamar nas relações humanas envolvidas na prática médica e na formação dos novos profissionais. Apresenta estudo realizado com estudantes universitários da área médica, abordando a questão vocacional sob o enfoque das teorias psicodinâmicas.

Na tentativa de responder à questão, procedeu-se uma revisão na literatura junguiana com as mesmas palavras-chaves acima citadas, ampliando a busca para outros tópicos que pareceram relevantes aos propósitos deste estudo, relacionados aos conceitos fundamentais da psicologia junguiana, sua visão ontológica e sua compreensão do desenvolvimento psíquico. São relacionados ao longo da dissertação e nas seções nas quais são abordados os fundamentos da psicologia analítica.

Pesquisou-se o tema nas obras de Jung a partir dos índices temáticos em cada volume e das referências feitas pelos autores junguianos.

Iniciou-se por *Memórias, Sonhos, Reflexões*, obra na qual Jung (1993), revela seu caminho de descoberta pessoal e vocacional, exemplificando os fundamentos de sua psicologia com seu próprio processo criativo e de autoconhecimento. A

entrevista *Face a Face* que concedeu à BBC (1959) revelou-se importante fonte, da qual se transcreveram alguns trechos pertinentes a este estudo. Em seguida, procedeu-se a pesquisa do tema nos volumes das Obras Completas de Jung, da versão brasileira publicada pela Editora Vozes.

Foram lidos autores junguianos que contribuíram para ampliação dessa temática, como Von Franz (1999), Hillman (1997), Fordham (2005), entre outros, com a intenção de sublinhar suas referências e entendimentos sobre o chamado, a vocação e o desenvolvimento da personalidade. A visão de Campbell (2003) foi destacada por sua compreensão sobre vocação e a jornada do herói e pela contribuição ao entendimento da perspectiva mitológica e cosmológica do destino humano.

Ao pesquisar-se a visão junguiana sobre os temas da vocação, fica evidente a sua conexão com a concepção da cultura grega arcaica e clássica. Decidiu-se buscar uma compreensão das origens que inspiraram Jung na sua concepção arquetípica, mítica e simbólica da experiência humana. Foram consultadas obras relacionadas ao tema das tradições da Antiguidade e da mitologia.

Para contextualizar o tema da vocação e situá-lo na atualidade, enfoca-se a contemporaneidade como momento histórico, em seus aspectos sociais, econômicos, culturais, que interferem nas relações do homem consigo e com o mundo à sua volta. Para realizar esse propósito, selecionou-se um referencial de autores que abordam a contemporaneidade numa perspectiva próxima de um diálogo com o enfoque junguiano e com a visão clínica da psicologia. Direcionou-se o foco especificamente para a etapa da adolescência, que é a fase onde primeiramente apresenta-se a questão da escolha vocacional e para a qual se volta a abordagem clínica que se pretende pesquisar.

Entendeu-se complementar para esta pesquisa a inclusão de um trabalho ilustrativo da abordagem clínica desta questão. Essa ilustração clínica será apresentada a título de exemplificação, com uma leitura analítica e simbólica dos dados e sua relação com os objetivos deste estudo. Apóia-se essa pretensão na premissa de que o material clínico pode ser apreendido como material de pesquisa, conforme Herrmann (2006, p.27):

Todo analista pesquisa. O trabalho clínico, no dia a dia do consultório é uma das formas mais elevadas de investigação. [...]. Um ensaio teórico apoiado em material clínico ou na análise de certo recorte da sociedade e da cultura, constitui também uma pesquisa. Explorações técnicas, idem. Em suma, pesquisa é algo que os analistas estão sempre a fazer; basta saber como transformar o trabalho diário em pesquisa comunicável.

Guirado (2006) em seu artigo “Vértices da pesquisa em psicologia clínica” também discute a possibilidade de se colocar o discurso clínico em articulação com o acadêmico no momento mesmo de sua produção.

A escolha do caso ocorreu em função dos dados clínicos disponíveis, a qualidade do material expressivo e simbólico e pela possibilidade que oferecia de uma leitura à luz da psicologia junguiana.

Submeteu-se ao participante o termo de esclarecimento e livre consentimento, depois de explicados detalhadamente as implicações e objetivos da pesquisa. Foram atendidas as exigências do Comitê de Ética em pesquisa da PUC-SP, que deu parecer favorável à aprovação do projeto. O participante será nomeado no estudo como Pedro, e será assegurada a preservação da sua identidade. O participante concordou plenamente em fazer parte do presente trabalho.

Optou-se por um relato expositivo das estratégias utilizadas neste atendimento assim como dos indicadores identificados. Foi adotado o conceito de indicadores, como proposto por Gonzáles Rey (2002, p.112), para designar os elementos que adquirem significado a partir da leitura e análise procedida pelo investigador, ou seja: sua significação não é dada *a priori*, nem acessível à experiência.

Será apresentado um registro das informações trazidas pelo participante. Todo o material expressivo e produzido durante a orientação, como os registros correspondentes serão apresentados em anexo.

Foi relatada ao participante a importância dos sonhos, como material significativo para o trabalho, desde o início da pesquisa e lhe foi solicitado que registrasse seus sonhos, a partir de então, e os trouxesse para as sessões.

Serão considerados como material expressivo os diálogos e entrevistas com o participante, as imagens, os desenhos, os relatos dos sonhos. Todo o material expressivo apresentado será focado através de uma compreensão simbólica. A ilustração clínica inclui uma série de desenhos, que serão examinados

qualitativamente segundo a metodologia de Furth (2004) autor junguiano que trabalha com desenhos no campo clínico. Os sonhos enfocados segundo o método simbólico de Jung, conforme detalhado em Gallbach (2000) e Whitmont (1995). A tipologia será enfocada segundo Jung (1991) e Silva (1992). As figuras que o sujeito selecionou a partir de material impresso serão apreciadas segundo o critério de categorização sugerido por Bardin (2004, p.111).

É quando as escolhas nos são oferecidas  
Que nos sentamos com os deuses e  
Nos inventamos.

(BREATHNACH, 2002, p.44)

## **7. ILUSTRAÇÃO CLÍNICA**

Este capítulo tem como objetivo ilustrar a compreensão da abordagem analítica sobre a questão da vocação e seu enfoque prático na clínica psicológica.

Tem havido uma busca específica por parte dos adolescentes para uma ajuda focada na definição vocacional. São adolescentes cursando as últimas séries do ensino médio, pois concluíram recentemente esse grau de ensino, ou então o curso livre preparatório para o vestibular, o famoso “cursinho”. Há também uma crescente demanda por parte de jovens que iniciaram um curso superior e após algum tempo de aula percebem que não se sentem conectados ou satisfeitos com suas escolhas e buscam ajuda para realizar uma segunda escolha mais adequada, assim como também há aqueles que concluíram seus estudos superiores e mantêm dúvidas sobre sua escolha e a sensação de não estar no caminho certo.

Em geral essa busca é carregada de ansiedade, pois o jovem enfrenta uma pressão tanto interna como externa. O desejo de uma definição acontece, por um lado, para atender suas próprias expectativas, nesse momento em que sua identidade está sendo delineada e definida, pois além da escolha de uma profissão é a sua trajetória para a vida adulta que está sendo traçada. Por outro lado, esse jovem carrega a expectativa familiar e cultural de que siga adiante, faça uma escolha acertada e obtenha sucesso.

Foi escolhido um caso como exemplificação do trabalho de orientação vocacional. Essa escolha foi definida por oferecer uma visualização da proposta e estratégias desse trabalho, pela qualidade do material expressivo e simbólico e viabilizar a compreensão e leitura do material clínico à luz da psicologia junguiana.

### **7.1 RELATO DO CASO: PEDRO, 26 ANOS**

#### **O INÍCIO**

Recebi um telefonema de uma pessoa com quem já tivera contato profissional, mãe de dois jovens com os quais já havia realizado, em anos

anteriores, o processo de orientação vocacional. Relata que o motivo de sua atual procura é o sobrinho, Pedro, filho de seu irmão. Diz estar muito preocupada com o jovem, considera que o mesmo esteja vivendo um momento muito difícil e por essa razão lhe sugeriu o atendimento psicológico. O jovem respondeu afirmativamente e lhe pediu que marcasse um horário, com o conhecimento e apoio dos pais. Argumentei que ele próprio deveria entrar em contato para esse agendamento, mas ela preferiu intermediar por considerar o estado do jovem, que a seu ver estava deprimido e sem condições de tomar essa iniciativa. Marcamos a 1ª entrevista para o início do mês de agosto.

Pedro causou-me a impressão de ser um adolescente bem mais jovem que a idade declarada, com longos cabelos desalinhados, até a altura dos ombros, que lhe cobriam o rosto. Suas roupas transmitiam a impressão de certo descuido pessoal. Caminhava com os ombros baixos e arqueados. Tinha um olhar apagado, sem energia.

Iniciei lhe perguntando o que o trazia para esse atendimento. Pedro disse que gostou quando a tia lhe disse que havia algo que o poderia ajudar com a sua decisão sobre o que fazer da vida e que rumo tomar, especialmente porque ela disse que não era um processo demorado. Perguntou como era esse trabalho.

Relatei o processo de orientação, no qual realizaríamos um trabalho focado, por volta de doze sessões. Pedi que relatasse sua história. Pedro iniciou seu relato e de imediato houve um bom contato entre nós.

## **RELATO: ENTREVISTAS COM PEDRO**

Pedro inicia seu relato dizendo que estava perdido, sem saber o que fazer com sua vida. Contou que desde os 18 anos estava matriculado em uma faculdade de engenharia mecânica situada em outra cidade, a cerca de 100 km de sua casa. Relata que teve reprovações sucessivas em algumas matérias, as quais constituíam pré-requisito para que pudesse seguir adiante no curso. Não via qualquer perspectiva de sair dessa situação, não tinha disposição para seguir em frente no curso e nem mesmo para desistir. Estava afastado extra-oficialmente da faculdade desde o final do ano anterior. Segundo suas palavras, estava “empacado” (sic).

Mostrou-se muito preocupado com os pais:

"Eles já investiram muito em mim, estou sendo uma decepção".

Sobre sua rotina de vida, contou que deixara a "república" (sic) onde morava com os colegas de faculdade e voltara para a casa dos pais. Fazia alguns meses que estava sem nada para fazer, e tinha a sensação de ser visto como "um vagabundo" (sic). Passava o seu tempo trancado no quarto, vendo filmes na televisão, ouvindo e compondo música e algumas vezes encontrando-se com amigos antigos, com quem mantinha uma "banda de final de semana" (sic). A sua situação escolar estava indefinida; estava matriculado, mas não freqüentava as aulas desde o início do ano e não sabia o que fazer.

Perguntado sobre a faculdade de engenharia, Pedro mostrou-se confuso. Pensava que seria possível concluir o curso, mas tinha o desejo de abandoná-lo definitivamente. Não pensava em outra opção e não sabia o que dizer para seus pais.

Disse que sua relação com seus pais estava muito difícil. Evitava conversar sobre a faculdade e sobre si mesmo, preferia isolar-se para não ter que dar satisfações ou respostas que não tinha, pois os pais tentavam convencê-lo a terminar o curso de engenharia, usando argumentos tais como: "falta tão pouco; pelo menos você terá o diploma e será um engenheiro". Pensava também em todos os gastos e investimentos financeiros feitos pelos pais e sentia-se em débito e amarrado à situação. Percebia uma ambigüidade nos pais: ora o tratavam como criança, segundo suas palavras "uma criança com problemas", em outros momentos ficavam muito bravos, mostravam-se sofridos e decepcionados, cobrando que se comportasse como adulto.

"Não sei o que sou, meus pais me tratam como criança".

"É difícil com minha mãe, ela fica brava o tempo todo, mas me trata como criança e fica querendo me controlar.

Havia também um conflito entre o casal, com acusações mútuas a respeito do filho, com uma maior cobrança por parte da mãe, inconformada com a situação.

O pai foi descrito por Pedro como pessoa calma, pacata, acomodada, que "aceita muito tudo o que a minha mãe diz". A mãe apresentada como "geniosa, implicante, muito brava, com um temperamento muito difícil, reclama de tudo, é infeliz".



## HISTÓRIA

Pedro é o segundo filho. Tem uma irmã três anos mais velha, casada, advogada, que não exerce a profissão. O pai é proprietário de comércio, no setor de fornecimento de matéria prima; formou-se em ciências da computação em universidade pública e durante anos trabalhou numa empresa estatal. A mãe de Pedro tem um comércio de roupas.

Pedro diz que sempre foi calado, mas uma criança alegre, ativa, dinâmica e bem adaptada. Era bom aluno, tinha um ótimo rendimento escolar, tendo boas notas até o final do ensino médio.

Seus principais interesses na infância eram ligados a movimento e a motores. Bicicleta, *walk-machine*, *skate*, carrinho de rolemã estavam entre seus brinquedos prediletos. Gostava de carros.

Sempre apreciou muito ler e saía-se muito bem nas matérias de conteúdo verbal. Ficou bastante influenciado pelo livro “O mundo de Sofia”, que foi seu livro de cabeceira na adolescência. Descobriu nessa etapa, entre o 2º e o 3º colegial, que queria estudar Filosofia. Durante a infância fez uma visita ao Museu Arqueológico da Usp, que ficou marcada em sua memória.

Na época do vestibular, Pedro inscreveu-se em Filosofia na USP e no curso de Engenharia Mecânica em duas faculdades particulares. Passou nas três. Ao mencionar o curso de Filosofia para a família, o assunto não foi levado a sério e nem mesmo Pedro acreditava ser essa uma opção viável. Sabia que não teria nenhum apoio dos pais para essa idéia. Como gostava de carros, achou Engenharia Mecânica a melhor opção. Imaginava trabalhar na área automobilística. Os pais ficaram muito satisfeitos, demonstraram sua alegria e apoio, e ajudaram prontamente a montar um apartamento onde Pedro iria morar junto com outros colegas.

Encontrou dificuldades desde o início do curso. Não tinha afinidade com as matérias, apresentava dificuldades para acompanhar o conteúdo e resolver as questões propostas e pela primeira vez na vida foi reprovado.

Pedro relatou que não conseguia estudar e envolveu-se no cotidiano das festas que marcaram o início de vida universitária; quando percebeu as exigências da faculdade não conseguiu mais recuperar-se.

"Sabia que a faculdade era difícil, mas não imaginava que seria tanto".

Não encontrava nenhum interesse naquelas matérias, especialmente às que envolviam cálculos, e "ficou cada vez mais difícil". Não considerava a hipótese de largar a faculdade e imaginava que deveria ir até o final.

Relata que todo final de ano era muito difícil, com cobranças e acusações por parte dos pais de que ele não estava levando a sério a faculdade, devido às reprovações sucessivas.

Começou a namorar no início do curso e isso foi uma motivação para seguir em frente. Imaginava-se como um bom profissional, não apenas mediano. Resolveu candidatar-se a um estágio na Alemanha, através de uma agência de Intercâmbio. Fez entrevistas, foi aprovado, tirou o passaporte, estava providenciando sua ida quando saíram as notas do final do segundo ano e seu pai suspendeu a viagem porque Pedro ficara novamente em dependência em algumas matérias. Diz que esse fato foi muito frustrante.

"Se eu não tivesse estudado, mas eu estudei muito, não deu".

Durante o terceiro ano (com matérias ainda do primeiro) conseguiu um estágio numa montadora de veículos e a perspectiva de ganhar uma remuneração o motivou. Relata esse como o melhor período na faculdade, e apesar de não estar satisfeito e de saber que não tinha realmente afinidade e interesse naquele curso, queria seguir adiante e concluí-lo. Ao final daquele ano ficou em outra dependência, apesar de ter estudado muito para as provas. Esse fato acarretou a interrupção do estágio por parte da empresa, pois o contrato empresa-faculdade estava condicionado à aprovação escolar.

"Foi muito difícil ter que deixar o estágio".

Nessa época enfrentou conflitos com a namorada, suspeitava que ela houvesse se envolvido com um colega seu. Começou a fazer uso de drogas (maconha), o qual foi ficando cada vez mais freqüente, até tornar-se diário. Fez uso de outras drogas químicas, como *ecstasy* e cocaína, mas não passou da experimentação, pois não se sentiu "ligado a elas". Fumava cigarros e fazia uso de álcool nas festas e finais de semana, algumas vezes sem moderação.

O namoro, após muitas tentativas, terminou; ao todo, foram cinco anos. Relata que essa foi uma época difícil, pois se sentia emocionalmente dependente dessa relação; envolveu-se em situação de perigo ao associar maconha e álcool. Contou ter sofrido um acidente de carro, no qual estava dirigindo alcoolizado.

Admitiu usar maconha atualmente, mas queria parar porque percebia que ela acentuava seu desânimo.

"Quero parar, eu sempre fui saudável, nem cigarro eu fumava. Agora...".

Seu relato era um misto de decepção, angústia, medo e certo alívio por finalmente estar fazendo algo diferente em relação a esse assunto:

"É a primeira vez que consigo falar assim disso, faculdade, maconha".

Sentia-se desanimado, sem vontade de fazer nada, passando cada vez mais tempo em seu quarto. Saía algumas vezes à noite e nos finais de semana para encontrar os amigos, que mantinha desde a época do colegial.

"Estou perdido, disse Pedro, ao descrever seu estado de ânimo".

Pedro relata que buscara atendimento psicológico alguns meses antes, como também um atendimento psiquiátrico, por sugestão da mãe, mas não dera continuidade aos tratamentos, interrompera após algumas sessões. Não conseguiu estabelecer nenhum vínculo e achava que a mãe o estava pressionando e encarou esses atendimentos como parte da pressão. Apesar do profundo desânimo havia a questão urgente do que fazer com o curso de engenharia, se deveria voltar e tentar novamente ou buscar algo novo. Não sabia o que fazer, e essa questão tinha primazia sobre todas as outras, por esse motivo concordou com a orientação vocacional.

## **7.2 PESQUISA DE DADOS**

Após a realização das entrevistas, nas quais Pedro relatou livremente sua história, outras estratégias foram escolhidas para a pesquisa de dados, com o objetivo de estabelecer o perfil psicológico de Pedro, sua tipologia, seus interesses, e seu perfil vocacional.

Foi solicitado a Pedro que ficasse atento aos seus sonhos e os anotasse. Foi esclarecida sua função e importâncias no contexto do trabalho.

O material expressivo produzido ou selecionado por Pedro foi incorporado ao processo de orientação, e trabalhado no momento em que foi produzido ou apresentado. O material constitui rica possibilidade diagnóstica para o estabelecimento de uma hipótese vocacional e é entendido como um material simbólico, vivo, pois carrega conteúdos tanto conscientes como inconscientes.

O tratamento do material expressivo obedeceu aos mesmos critérios adotados para o trabalho onírico, ou seja: associação feita pelo participante, explicação e amplificação, segundo o modelo adotado por Withmont e Perera (1995, p.45). O material e as associações, explicações e amplificações serão apresentados na mesma seqüência em que ocorreram no processo de orientação.

Apresenta-se um breve esquema de como ocorreu a utilização e análise desses materiais neste caso.

Há um elenco de técnicas e recursos disponíveis para a orientação vocacional, mas não um esquema definido *à priori*, pois sua escolha acontece no decorrer do processo e tem como foco principal o favorecimento da expressividade e da emergência do material simbólico em cada caso. Essa estratégia tem o propósito de favorecer a escolha vocacional, baseada em critérios, não apenas racionais, mas que considerem a totalidade da psique.

As etapas desenvolvidas com o orientando foram as seguintes:

- Entrevistas.
- Pesquisa de dados:
  - Desenhos
  - Seleção e categorização das figuras
  - Investigação dos interesses e aptidões
- Investigação do tipo psicológico
- Relato dos sonhos
- Etapa da elaboração e da escolha
- Encerramento

### **7.2.1 MATERIAL EXPRESSIVO: DESENHOS**

Propus que desenhasse livremente. Pedro mostrou-se inibido,

"Não sei o que fazer. Diga algo que eu possa desenhar".

A resposta de Pedro demonstra seu receio diante das expectativas e seu acumulado sentimento de incapacidade; penso que seria bom começar por algo que lhe traga "chão", e que se sinta capaz de realizar.

Parece ficar mais tranqüilo e um pouco mais à vontade. Entrego-lhe papel, e coloco à sua frente lápis preto, borracha e uma caixa de lápis colorido.

Peço-lhe então que desenhe uma casa, a partir das seguintes instruções verbais:

“Você pode desenhar uma casa? O desenho que você fizer estará certo, porque não haverá um crivo de correção, e sim uma leitura para compreender seu desenho como uma forma da sua expressão e linguagem”.

Pedro aceita e comenta:

"Parece coisa de criança".

Respondo: “Também, é uma vantagem pensar assim porque, em geral, as crianças não têm medo de errar com seus desenhos”.

Pedro sorri e inicia seu desenho.

Em seguida peço que desenhe uma árvore e uma pessoa.

Pedro aceita prontamente e após a conclusão dos desenhos, pedi que comentasse livremente cada um.

Pedro mostrou-se introspectivo durante a realização dos desenhos.

Os desenhos estão no Anexo A.

A seguir os comentários e associações de Pedro:

### **DESENHO: CASA**

"Bem pequena. Meio afastada dos grandes movimentos. Mas é acolhedora, aconchegante".

"É uma casinha que está abandonada, tem aparência de abandonada. Pequeninha por fora, mas grande por dentro. A fachada é bem pequena, mas por ser antiga é grande. Tem pé direito alto. Apesar de antiga, é bem robusta".

### **DESENHO: ÁRVORE**

"Ramificações de galhos. Muitos galhos".

"No tronco desenhei um fungo, para mostrar que o ar é limpo. Só as árvores em ambiente com bastante oxigênio desenvolvem esse fungo no tronco.

Um tronco sólido, forte.

Ela ficou meio apagada.

Está no chão com as raízes, direitinho".

## **DESENHO: PESSOA**

"Eu quis desenhar uma pessoa feliz!"

"E conseguiu?", Perguntei.

"Não!" (Risos).

"Ficou desproporcional, o tronco e as pernas".

"Não ficou tão feio como eu achava. Tem entre 20 e 30 anos".

## **ANÁLISE DOS DESENHOS**

### **CASA**

Furth (2004, p.83) propõe que o psicólogo perceba sempre a primeira impressão que o desenho lhe causa e o sentimento que comunica. Para o autor há uma imagem que se revela para o observador que olha atentamente, além da imagem concreta que está no papel.

Ao olhar para o desenho, a primeira impressão que tenho é a de ser uma pequena igreja, no alto, que parece estar saindo do papel. Parece uma casa voadora, uma miniatura, sendo levada pelo vento.

Pode-se questionar se Pedro não está distante da realidade concreta, refugiando-se no mundo de idealizações e fantasias, reforçando aspectos da função pensamento, mentais e intelectuais, afastando-se da conexão com o elemento mais primordial, representado pela terra.

A porta ganha um destaque no desenho: tem degraus que fazem a ligação entre interior e exterior, o que pode expressar a sua introversão, representando sua dificuldade em estabelecer contato com o mundo exterior. Destaca-se no desenho o espaço de passagem, um vestíbulo ou umbral, como um espaço intermediário entre interior e exterior.

A maneira como Pedro vê a si mesmo revela-se através da imagem da casa: pequena, um pouco isolada, abandonada. "Parece menor vista de fora do que por dentro" diz Pedro, pois tem uma estrutura grande, robusta, com espaço interno. "A fachada é bem pequena, mas por ser antiga é grande". A imagem externa de si mesmo não corresponde ao potencial de desenvolvimento e a história que carrega.

Apesar de um pouco isolada, "afastada, é acolhedora, aconchegante", há vida no seu interior. Os aspectos internos da personalidade são vistos de forma positiva, ainda que não consigam expressar-se externamente. Do ponto de vista psicológico, podemos pensar que o Ego não encontrou ainda uma adequada forma de se mostrar ao mundo, e está em busca da definição de uma persona adequada. A casa é apenas parcialmente visível, quase saindo do papel, como o próprio Pedro, de quem não se consegue ver completamente o rosto, escondido num emaranhado de cabelos.

A casa tem uma pequena sacada, fechada, mas demonstra uma possibilidade de abertura para o mundo externo. Olhando mais atentamente para a sacada, outra imagem aparece, e torna-se visível um pequeno livro aberto. Poderia ser um indicador da importância dos livros e da esfera intelectual na vida de Pedro?

O telhado representa o nível intelectual e do conhecimento e aparece no desenho bastante desordenado, sem um encaixe adequado: os pensamentos estão lá, mas estão desordenados, caindo do telhado. Um olhar detalhado permite perceber as telhas rabiscadas como pequenos espinhos, o que permite pensar

No desenho há “ramificações de galhos, muitos galhos”, o que pode representar a intensidade de idéias e pensamentos de Pedro, mas sem um contorno e direção.

As folhas, no desenho da árvore, podem ser representações da vitalidade, realização e contato com o mundo externo; na árvore desenhada por Pedro não há nenhuma folha, indicador da ausência ou bloqueio nessas esferas do desenvolvimento psíquico. A energia psíquica parece fixada nos pensamentos, nos muitos galhos, mas não flui, não realiza a função criativa da árvore.

"Com o que você associa esses galhos?" Pergunto.

"Com as dúvidas, tenho muitas dúvidas". Respondeu Pedro.

Pedro diz que há vida na árvore. O desenho revela que, juntamente com as dúvidas, existem possibilidades na dimensão intelectual, pois os galhos estão vazios como na mudança de estação. O sinal de vitalidade, como o fungo no tronco, indica que o ar é limpo, que não há poluição, que há oxigênio suficiente.

"Você sabia que essa marca vermelha de fungo só aparece quando tem bastante oxigênio?". Pergunta Pedro.

"O tronco é sólido, forte".

Apesar das dificuldades atuais, a percepção de que há uma estrutura psíquica, com força e saúde, capaz de dar suporte no estabelecimento da identidade e persona:

"Ela ficou meio apagada".

Entende-se que Pedro percebe a si mesmo como uma estrutura sólida, forte, mas que ficou apagada, desvitalizada, sem energia. Descreve a árvore como “meio apagada”. A expressão utilizada (meio) possibilita a compreensão de que exista uma outra parte não apagada, a polaridade visível e expressiva, que permanece inconsciente na psique.

“Está no chão com raízes, direitinho”.

Há conexão com a natureza, com as raízes, com os nutrientes, com a terra. A ligação com o arquétipo materno aparece de modo positivo, indicando que “a planta tem condições de crescer no solo em que foi plantada”, um sinal da adaptação do indivíduo para Jung. (1991, §855, p.427).



## PESSOA

“Eu quis desenhar uma pessoa feliz”.

O desejo de desenhar “uma pessoa feliz” pode revelar, na realidade, uma pessoa triste, que num movimento compensatório da psique busca encontrar o seu oposto. Esse entendimento fundamenta-se na teoria dos opostos de Jung (1991, §795, p405).

A primeira impressão que este desenho causa neste observador é a de estar diante de uma pessoa com raiva, que mostra os dentes e ao mesmo tempo os olhos tristes. Parece dizer: “Olhe para mim, está me vendo? É assim que eu sou”. No aspecto físico lembra o *Frankenstein*, personagem monstro que vive a dualidade entre o bem e o mal, o criador e a criatura, instintiva e destruidora.

“Ficou desproporcional, o tronco e as pernas”. Afirma Pedro.

A desproporcionalidade entre os membros inferiores e superiores reflete seu senso de inadequação: os braços são pequenos demais, finos demais, em relação às pernas. As mãos também chamam a atenção, a mão direita parece um gancho, encaixada no antebraço e a esquerda parece uma tesoura.

A ausência das mãos pode indicar um sentimento de inadequação e uma impossibilidade de vincular-se de forma adequada, pois as mãos são instrumentos fundamentais para o contato e a ação no mundo. As formas agressivas, pontiagudas, sugerem agressividade. Levanta-se a hipótese de que a agressividade, inconsciente e não expressa, volte-se para dentro de Pedro, assumindo características de depressão.

Os detalhes da roupa, como o cinto, uma pequena pala no decote, as longas calças e mangas, demonstram uma preocupação com a aparência que não correspondem ao modo desleixado como se apresenta. Os traços masculinos, assim como o porte e o formato do corpo, evidenciam uma identidade de gênero, com sinais claros de masculinidade. O sutil esboço na calça parece sugerir o órgão sexual masculino, o que pode ser um indício da existência da temática sexual, esperada nessa fase do desenvolvimento.

A confusão que aparece no telhado da casa e nos galhos da árvore, surge novamente nesse desenho através do emaranhado de cabelos da figura humana.

Durante a análise do desenho, Pedro relata sua condição de daltônico parcial e de portador de nistagmo, quadro oscilatório, involuntário, de movimentos

repetitivos e rítmicos dos olhos. Conta que o nistagmo era mais evidente na infância, e essa condição era difícil, pois chamava muito a atenção para si; não interfere mais no seu dia-a-dia, sendo praticamente imperceptível atualmente e somente aparece quando está fisicamente estressado. Relata que precisa usar óculos por hipermetropia e astigmatismo, mas não gosta de usá-los e quase não o faz; quando criança se achava muito feio por causa dos óculos.

No desenho, os olhos, que chamam a atenção por serem diferentes um do outro (o esquerdo mais fechado que o direito), podem indicar essa peculiaridade visual, que apesar de funcionalmente não lhe trazer conseqüências, como afirma, é um dado presente no seu histórico de desenvolvimento.

Pedro parece surpreender-se positivamente com sua imagem, “não está tão feio como eu achava”, algum aspecto positivo inconsciente o surpreende. Um *Narciso* ao contrário, precisando de um espelho para descobrir em si alguma beleza.

“Tem entre 20 e 30 anos”, afirma Pedro sobre a idade da pessoa que desenhou. Tal afirmação permite a compreensão de uma outra similaridade entre o participante e o desenho, já que Pedro se percebe ora como um adolescente, e ora como um jovem mais amadurecido, perto dos 30 anos, e sua identidade parece oscilar, sem estar devidamente ancorada.

### **7.2.2 AS FIGURAS**

Entreguei para Pedro uma pilha com seis revistas semanais, de assuntos variados. A instrução dada foi a seguinte:

“Você vai olhar essas revistas, buscando encontrar figuras que, de alguma maneira, representem quem você é. Suas características, interesses, ideais. Gostaria que você fizesse sua autobiografia através das imagens, para comunicar como você é, com o que se identifica o que lhe chama a atenção e quais são seus interesses. Encontre entre seis e vinte figuras. Temos 40 minutos para que você realize este trabalho”.

Pedro entregou-se à tarefa prontamente. Ao final de 40 minutos, apresentou suas figuras. Foram 16 figuras no total, que estão descritas abaixo, com as associações livres que Pedro fez.

Pedi que as dispusesse no chão, sobre um papel branco. Pedro fez a colocação das figuras em círculo e deixou o centro vazio. Em seguida, falou sobre cada figura, nomeando-as e fazendo associações livres.

As imagens estão no Anexo B<sup>2</sup>.

## **APRESENTAÇÃO DAS FIGURAS**

Comentários de Pedro ao apresentar e nomear cada figura:

**Figura a:** “Instrumentos musicais: adoro música, adoro tocar”.

**Figura b:** “Orquestra Sinfônica: pelo gosto, acho muito bonito”.

**Figura c:** “Desenho abstrato: minha cabeça: um emaranhado”

**Figura d:** “O mapa do Brasil; queria viajar sair, conhecer o Brasil”.

**Figura e:** “Cds de músicas de sax e trompete: meu gosto musical”.

**Figura f:** “A superfície da lua: tem a ver comigo, até os buracos”.

**Figura g:** “Um desenho tribal com um coração; achei bonito, interessante. Não é um desenho óbvio”.

**Figura h:** “A palavra Amor, pendurada no varal com prendedores de roupa: nem precisa falar”.

**Figura i:** “Um casal de periquitos: gostei da imagem, da união”.

**Figura j:** “Uma jovem bonita: uma mulher linda”.

---

<sup>2</sup> As figuras em anexo foram selecionadas e recortadas de exemplares de revista semanal, com o título de “Revista Veja”, da Editora Abril, publicadas em São Paulo, no período de jan. a out.de 2005.

**Figura k:** “Uma praia e o mapa: gosto demais de praia”.

**Figura l:** “Um carro: um carro legal, eu adoro carros. Novo, possante, tem um combustível especial”.

**Figura m:** “Um casal de namorados: o casal, carinho, amor”.

**Figura n:** “Um carro de corridas, com o slogan da “FEDEX”, (risos). Parece que tem pressa”.

**Figura o:** “Um casal de namorados”. Nem “ficar” eu estou conseguindo, não tem graça.

**Figura p:** “Arnaldo Antunes e a camiseta com a estampa “ESPERANÇA”: a imagem já fala, não? Achei forte”.

## **CATEGORIZAÇÃO**

Bastante interessado na atividade, Pedro envolveu-se totalmente na pesquisa das figuras. Olhava atentamente as revistas, selecionando cuidadosamente cada figura. As figuras escolhidas expressam aspectos da temática presente em sua vida, aspectos conscientes e inconscientes, e optou-se por considerá-las em categorias para compreensão dos conteúdos representados, conforme Bardin (2004, p.111). As categorias foram estabelecidas como grupos de interesse, segundo os valores que foram expressos, anunciados, explícitos ou estão implícitos na justificativa da escolha de cada figura.

**Categoria A:** Valores ligados aos interesses e gostos específicos ligados ao lazer:

**Fig.a; b; e:** Pedro evidencia um refinado gosto musical. Seu interesse é bem eclético: da banda de rock à música instrumental, ao *jazz* e *blues* e à orquestra.

**Categoria B:** Valores do Ego e da Identidade:

**Fig.c:** Minha cabeça, um emaranhado: o reconhecimento do estado do Ego, de se sentir confuso e perdido; há pensamentos, mas não consegue decifrá-los.

**Fig.f:** a superfície da lua: reconhecimento de sua natureza lunar, sensível, canceriana, seu signo astral. Há buracos na superfície da lua, com o que se identifica.

**Fig.d e fig.k:** Novos territórios: O mapa do Brasil e uma praia com o mapa: expandir o autoconhecimento, estabelecer um novo contorno, um mapa para o Ego. Desejo expresso de sair, conhecer, expandir, de ser mais livre e descobrir novos rumos e caminhos. Um mapa também para o mundo exterior.

**Fig. l e n:** Carros: Liberdade para ir e vir, o carro é novo, possante, veloz, com um combustível especial. O segundo carro é um carro de corridas, muito veloz e com o *slogan* da FEDEX, sigla em inglês que significa *Federal Express*, uma empresa de entregas rápidas. Autonomia, rapidez, velocidade, eficiência: desejos compensatórios à maneira habitual como Pedro se apresenta. A questão do tempo também aparece: Pedro afirma que não quer mais perder tempo e que gostaria de recuperar o tempo perdido.

**Categoria C:** Valores emocionais e sociais: o afeto e a alteridade:

**Fig. g; h; i; j; m; o.** o amor representado pelo coração, mas um coração com um desenho único, criativo, com inspiração nos símbolos do hinduísmo, ou seja, um amor diferenciado. O amor pendurado no varal. O desejo do amor no cotidiano, singelo, balançando ao vento junto com as meias, as roupas de todo dia, secando ao sol, ficando pronto para o uso. Um amor lavado, purificado. O casal de periquitos: a imagem fala por si só. A união e a realização de um ninho. O sonho de encontrar uma companheira e ter uma família. Os casais humanos: carinho, troca, desejo da alteridade.

**Categoria D:** Valores ligados a crenças e ideais:

**Fig.p:** vestir a camisa da Esperança, o jovem ídolo, músico, poeta, inteligente, realizado.

## ANÁLISE DAS FIGURAS

A atividade com as figuras foi incluída na orientação vocacional pela possibilidade que oferece de estimular a atividade simbólica e a fantasia. Pedro demonstrou, no início da pesquisa de dados, com os desenhos e associações, certo

bloqueio em sua capacidade de simbolizar e fantasiar. Repetia muitas vezes não ter idéias do que fazer, como se todas as respostas viessem somente da elaboração intelectual. Apresentava intensa atividade mental, mas era uma preocupação que não se transformava em criação.

A proposta para esta atividade buscou embasamento no trabalho de Bovensiepen (2002, 243) com fantasias de crianças e jovens. O autor sugere que o trabalho clínico pode ajudar crianças e jovens a recuperar sua capacidade de simbolizar, independente de quão precariamente desenvolvida ou bloqueada ela esteja.

O trabalho com as figuras parece reconectar Pedro com sua capacidade imaginativa. Mostra-se inicialmente surpreso com a conexão das figuras à sua realidade interior e aos poucos comenta cada figura, atribuindo-lhes significado. As figuras que poderiam ficar apenas no nível do signo, como representação do seu significado explícito, assumem uma qualidade mais ampla, pois se tornam símbolos, ao juntar conteúdos inconscientes com um excedente de significados além do signo.

Evidencia um nível refinado de elaboração mental e capacidade de síntese, ao nomear e compreender as figuras. Pedro mostrou-se satisfeito com a atividade, parecia realizar uma tarefa importante.

O trabalho consistiu em três etapas: inicialmente escolheu e recortou as figuras, em seguida apresentou-as, dando um título e um enunciado para cada uma. Na etapa seguinte refletiu sobre o seu significado. Trabalhou-se com o conteúdo das figuras abordando-as como imagens que carregam um duplo sentido: o manifesto e o latente: buscando a ampliação de seu significado, o aprofundamento da compreensão e sua ligação com conteúdos inconscientes, o que pode lhes atribuir à condição de imagens simbólicas.

### **7.3 TIPOLOGIA PSICOLÓGICA**

Buscou-se a determinação do tipo psicológico de Pedro através de observações clínicas, dados de entrevistas e como instrumento auxiliar, aplicação do questionário de tipologia para a orientação vocacional publicado em Silva (1992, p.111). Esta tipologia é baseada nos tipos psicológicos que foram estudados e caracterizados por Jung. (1991).

Pedro respondeu às questões prontamente, mostrando interesse na definição do seu tipo. Define-se seu tipo como Pensamento introvertido, função auxiliar intuição.

O tipo apontado pelo questionário de Silva (1992, p.111) foi: Introvertido Pensamento Intuição Percepção (INTP – Precisão). Relata-se a seguir o perfil de Pedro com as características dessa tipologia, definidas por Silva (1992, p.125), no seu trabalho de aplicação da tipologia junguiana em orientação vocacional, acrescido das observações clínicas.

Fica evidenciada a tendência introvertida de Pedro.

A natureza reflexiva e pensativa é um dos principais sinais de introversão num adolescente. O indivíduo introvertido pode comportar-se de uma maneira defensiva em relação ao meio, pois experimenta os objetos como se estes tivessem um poder sobre ele, do qual busca proteger-se. Parece ser o caso de Pedro. "Seu mundo propriamente dito é seu interior, seu sujeito." (JUNG, 1991, §962, p.476).

O tipo pensamento propõe questionamentos e teorias, abre horizontes, mas mantém comportamento discreto e reservado em relação aos fatos, pois estes são importantes, segundo sua maneira própria de perceber o mundo, mas os fatos não vão predominar. Pode agir como se a subjetividade pudesse abarcar a compreensão dos fenômenos e tivesse o caráter da universalidade e pudesse representar o pensamento da humanidade. Quando essa crença não se confirma, ressent-se e apela para suas defesas, recolhendo-se para sua interioridade.

Este tipo de personalidade tem como características a precisão do pensamento e da linguagem. A força motriz que o impulsiona é a busca contínua do conhecimento do universo e das leis naturais. Possui ainda grande capacidade para concentrar-se e para selecionar o que é relevante e pertinente aos assuntos em questão. Atento especialmente às argumentações e coerência, privilegia a lógica em suas conclusões.

A somatória das características do tipo pensamento, que valoriza a inteligência e a racionalidade na abordagem das questões, com o tipo intuição que é aberto a novas possibilidades pode levá-lo a tornar-se diletante, pois há um desejo insaciável por idéias e princípios.

Uma das características que esta tipologia apresenta é a dificuldade para expressar verbalmente as emoções. Facilmente isola-se e recolhe-se, sendo mais observador que expressivo. Em geral é tímido, exceto com os amigos íntimos.

Facilmente adaptável, desde que seus princípios não sejam violados. No campo profissional coaduna-se com todas as atividades que envolvem arquitetura de idéias. Pode, portanto dedicar-se aos campos da lógica, da filosofia, da matemática e das ciências. Pode ser, também, excelente professor, especialmente nos níveis superiores de ensino, muito apreciado pelos alunos. Seja qual for a profissão, trabalha melhor sozinho e quando não há interrupções.

O tipo pensamento introvertido tem como função inferior o sentimento extrovertido. "A função inferior é um canal propício à expressão da sombra especialmente quando o indivíduo está sob pressão (estresse, em depressão, doente, com exaustão emocional e/ou física)". (RUBY, 1998, p.43).

Sentimento extrovertido é sua função inferior, e dessa maneira o senso de harmonia e a busca de contornar conflitos, características predominantes dessa tipologia, permanecem no nível inconsciente, tornando o contato com o mundo à sua volta uma área de difícil trânsito. Pedro também apresenta dificuldades para avaliar e atribuir valor, funções do sentimento, relatando muitas vezes não saber o que



No enfoque da escolha vocacional, essa tipologia é voltada, como destaca Silva (1992, p.26) para a "arquitetura de idéias". Mas o próprio termo define: idéias que leve a alguma construção, a algum resultado, pois são muitas as idéias de Pedro, mas estão num "emaranhado".

## **7.4 OS SONHOS**

O trabalho iniciou-se no mês de agosto de 2005. Em outubro, dois meses depois do início da orientação, Pedro trouxe seu primeiro sonho. O 2º sonho foi trazido 3 semanas depois. O último sonho foi trazido no término da orientação vocacional.

### **SONHO Nº1**

"Eu morava num apartamento no centro da cidade. Havia me mudado para lá.

O apartamento não era convencional, era antigo, e tinha um desnível, um degrau no meio do apartamento. Estava em reforma, o prédio estava em reforma.

Meus pais não eram os meus pais, eram outras pessoas, diferentes.

Eu estava conhecendo as pessoas daquele lugar.

Havia gente ainda trabalhando no prédio, eu estava ajudando, estava trabalhando. Estava consertando algumas coisas, estava com uma máquina de solda na mão. Andava pelos andares, ajudava alguns homens. Os homens estavam trabalhando.

O prédio era legal, havia um jardim em cima, uma praça arborizada, com árvores frutíferas. O jardim era na cobertura, ocupava toda a área".

### **COMENTÁRIOS SOBRE O SONHO**

Pedro diz que nenhuma das pessoas que aparecem no sonho lhe é familiar. Peço-lhe que faça algumas associações acerca do sonho. A primeira coisa que diz é que acha estranho estar no centro da cidade, um lugar a que vai muito pouco. O prédio no sonho fica próximo da praça central, mas não existe de fato.

Seus pais são, no sonho, muito diferentes da realidade. "São outras pessoas. Meu pai era negro, a minha mãe loira, completamente diferente do jeito que eles realmente são".

"Há um degrau no meio do apartamento: um desnível".

"O apartamento não era convencional, era antigo e estava em reforma":

"Gosto daquilo que estou fazendo, estou com uma solda nas mãos. Vou consertando, soldando coisas. Subo e desço os andares, vou ajudando aqueles homens".

"O melhor é o jardim que existe em cima, é muito legal, cheio de árvores, agradável. Imagine um jardim em cima de um prédio!".

## **ANÁLISE DO SONHO**

"Morava num apartamento no centro".

A referência ao centro parece ser uma indicação ao arquétipo central, como uma tendência de que as partes separadas e parciais da psique possam ser reunidas num todo que as contenha. Há um novo contato com o centro ordenador, uma mudança em direção ao centro.

"O apartamento não era convencional, era antigo. E tinha um desnível, um degrau no meio do apartamento".

O apartamento expressa a singularidade e a preservação dos valores, a polaridade entre descobrir o que é singular, individual e os valores a serem preservados, o que faz parte de sua herança familiar e cultural. O degrau, o desnível, pode estar expressando a questão do desenvolvimento que foi interrompido e está sendo retomado, como também a sua separação dos pais. Pedro disse que no sonho os pais estavam em um nível e ele em outro.

"Meus pais não eram meus pais".

Os pais idealizados da infância precisam ser transformados. No sonho, os pais assumem características opostas às reais, uma vez que aspectos sombrios, antes inconscientes, começam a aparecer. A partir da compreensão de que no sonho, todos os elementos fazem parte da psique do sonhador, pode-se pensar na possibilidade que a transformação na identidade de seus pais represente o surgimento de uma nova identidade para Pedro.

A mudança tão radical na aparência dos pais pode também ser compreendida como um desejo de mudança, com a introdução de aspectos novos na área dos complexos paterno e materno. Os complexos são centros de energia construídos em torno de um núcleo emocionalmente carregado, originados de uma situação dolorosa ou de um confronto com o meio ambiente e podem ser ativados cada vez que a temática e a emoção contida em seu núcleo for novamente acionada. Perguntado sobre quais características gostaria de ver modificadas nos pais, Pedro responde:

"Gostaria que meu pai desse mais sua opinião, fosse mais firme, e a minha mãe, que fosse mais compreensiva, mais calma, mas não tem jeito...".

As imagens no sonho indicam a mesma direção, com imagens que aparecem compensatoriamente: a imagem do pai "negro" pode ser compreendida como manifestação de aspectos de sua sombra, depositária provável da força e da firmeza ausentes, segundo o olhar do filho, em sua atitude consciente. E a mãe "loira", clara, assumindo uma atitude mais luminosa, mais consciente, mais disponível afetivamente, que provavelmente está guardada na sombra.

"Em reforma, o prédio estava em reforma".

Uma reforma promove uma mudança para melhor, uma atualização, mantendo-se os aspectos antigos, que funcionam e têm valor, sem precisar descartá-los. Dessa forma, psicologicamente a reforma objetiva a adequação da persona, preservando as características positivas da personalidade.

"Eu estava conhecendo as pessoas daquele lugar. Com uma máquina na mão, eu ajudava os homens".

O jovem que não fazia nada, que via a si mesmo como "vagabundo" (sic), trabalha no sonho, sobe e desce escadas, com uma solda na mão. Escadas podem representar o restabelecimento do desenvolvimento psíquico, da ligação entre o nível mais alto, da consciência e do desenvolvimento espiritual, com os conteúdos inconscientes. Pedro relatava uma estagnação, uma falta de movimento. O subir e descer a escada indica a psique em movimento, a progressão e a regressão da energia psíquica operando como mecanismos saudáveis de auto-regulação. O Ego sonhador parece sonhar com aquilo que o Ego real não consegue fazer. Em um movimento compensatório da psique, põe esse jovem forte e cheio de vida para trabalhar na reforma de um prédio. Engajado na própria obra se põe a soldar partes, peças, objetos partidos, cindidos, como algumas partes de si mesmo.

A solda pode ser entendida como um símbolo da ligação psíquica entre as partes. Através do fogo, elemento que une, purifica, transforma, as experiências são unidas, integradas. O fogo é compreendido pela mitologia como elemento purificador, regenerador.

"O fogo, na qualidade de elemento que queima e consome, é também símbolo de purificação e de regenerescência. Reencontra-se, pois, o aspecto positivo da destruição: nova inversão do símbolo". (CHEVALIER, 1988, p.443).

Jung (1986d, §182, p.112), faz referência mitológica a um instrumento, uma varinha mágica fálica, um símbolo da transformação da libido como pode ser entendida a máquina de solda na mão de Pedro.

Jung usou as imagens do processo alquímico da transformação dos elementos como uma representação do processo de psicoterapia profunda, que é idêntico ao processo de individuação. (EDINGER, 2002, p.22). O simbolismo do fogo pode ser associado à *calcinatio*, operação alquímica ligada ao elemento fogo. As outras são *solutio*, água; *coagulatio*, terra; *sublimatio*, ar.

"Com alguns homens..."

A iniciação precisa ser vivida no grupo; um homem precisa ser recebido por outros homens, confirmado por eles.

Como diz Lima Filho (2002, p.214):

"A dificuldade de transposição da psicologia do menino para a psicologia do homem se deve à falta de rituais apropriados em nossa sociedade".

Essa iniciação que não ocorreu no tempo da adolescência, acontece agora no sonho: o jovem é aceito pelos outros homens, recebe deles um ofício: ligar, consertar, reparar, transformar e criar. No sonho, se faz a iniciação. O rito precisa ser testemunhado, validado. Seu relato lhe confere esse significado como uma das funções da orientação em si mesma.

Pedro demonstra muita satisfação com a imagem que aparece no final do seu sonho, "um jardim no topo do prédio".

Chevalier (1988, p.512) descreve o jardim como "um símbolo da natureza restituída ao seu estado original, convite à restauração da natureza original do ser." Faz referência a um jardim mais elevado como um símbolo de cultura em oposição à natureza mais instintiva, da consciência por oposição ao inconsciente, da ordem por oposição à desordem. Em relação ao jardim com um pequeno muro a cercá-lo, como é o jardim do sonho de Pedro, em cima do prédio, diz que "o muro do jardim

mantém as forças internas, que florescem". As árvores frutíferas podem representar a evolução psíquica que alcança uma riqueza interior, um sinal da vitalidade da psique.

Pode representar também, no caso de Pedro, o resgate da vitalidade e fluxo criativo para a função pensamento. Essa área mental, um "emaranhado", conforme a descrição de Pedro, representada no desenho que fez da árvore como um conjunto de galhos secos, transforma-se em "árvores frutíferas", o que pode ser compreendido como um indicador prospectivo do desenvolvimento psíquico.

AMMANN (2005, Informação verbal)<sup>3</sup> afirma que o jardim pode ser compreendido como uma espécie de vaso alquímico onde as transformações psíquicas vão acontecer. Para o menino o jardim tem o significado do lado feminino de sua alma; crianças e adolescentes precisam de uma cerca ao redor de seu jardim, significando um espaço reservado, protegido.

## **SONHO Nº2**

"Eu estava dormindo.

O Lucas me acordou.

Passei, passei, ele entrou falando alto, me acordou.

Ele tinha passado na faculdade. Estava com a cara pintada, o cabelo raspado".

## **COMENTÁRIOS SOBRE O SONHO**

"O Lucas é meu primo, está na realidade esperando o resultado do vestibular. É seu segundo ano de cursinho. Ele é super estudioso, quer entrar na faculdade de medicina".

"Ele estava muito alegre no sonho, chegou muito feliz!".

---

<sup>3</sup> AMMANN, R. Aula proferida no curso de pós-graduação em Psicologia Clínica do Núcleo de Estudos Junguianos da PUC-SP, em 1 abr. 2005.

## **ANÁLISE DO SONHO**

Lucas representa um aspecto da personalidade de Pedro: o aspecto que quer estudar e conquistar um novo papel, uma nova identidade. Um aspecto de sua psique que aparece projetado no primo, visto como estudioso e capaz de realizar os próprios sonhos.

"Eu estava dormindo".

O estado psíquico de Pedro: estava dormindo para a vida, nada acontecia, não havia energia para a criação; pode representar também seu estado psíquico mais voltado para o mundo inconsciente, profundo, talvez até identificado com esses aspectos.

"O Lucas me acordou".

O aspecto arquetípico ativado na psique de Pedro foi o arquétipo do curador. Um aspecto do sonhador está "entrando na medicina", o que possibilita a hipótese de que estaria ativado contato com o nível psíquico que rege as possibilidades terapêuticas e de cura. Ammann (2004, p.64) declara que "toda criança e adolescente tem em seu inconsciente um saber sobre o seu potencial anímico e suas possibilidades de cura".

"Ele tinha passado na faculdade".

A representação de um fato novo, um novo curso para a vida, motivo de alegria. A figura do estudante aplicado, com vontade e energia de ação, que estava na sombra aparece contando da sua conquista e realização.

"Estava com a cara pintada, o cabelo cortado": imagens ligadas ao ritual de iniciação, da passagem da infância à vida de adolescente, no caminho de se tornar um homem. No sonho a transformação física indica a realização do ritual; o corte dos cabelos, usados na realidade quase como uma "cortina" que separa Pedro do mundo é cortado, indicando a mudança de fase.

O sonho parece indicar um aspecto prospectivo na psique de Pedro.

### **7.5 ETAPA DA INVESTIGAÇÃO DE INTERESSES E APTIDÕES**

Questionado sobre seus interesses e as áreas nas quais reconhecia seus talentos e aptidões, Pedro disse que seus maiores interesses sempre estiveram relacionados com leitura e carros. Gosta de ler livros e revistas de atualidades e de

carros. Distingue atualmente esse interesse por carros como lazer e recreação, pois sua passagem pela engenharia automobilística mostrou-lhe que pode gostar de carros sem precisar ser um engenheiro.

Reconhece também que a área das ciências matemáticas e de cálculos avançados é extremamente difícil para ele e que não quer mais esse estudo como prioritário em sua vida.

Sobre os autores ou livros prediletos, cita João Ubaldo Ribeiro, que leu recentemente e *O Mundo de Sofia*, que o acompanhou na adolescência. Afirma gostar muito de cinema, especialmente de “drama com um lado mais verídico”, como *O gênio indomável* e de filmes de ação.

Na escola, sua matéria predileta era Português, especialmente Literatura e tinha também facilidade em Biologia. Teve Filosofia como matéria no curso de Engenharia, “era o que eu mais gostava”.

Sempre gostou de esportes, jogava basquete e nadava, na adolescência.

Conclui contando seu grande interesse por música, e que aos 10 anos iniciou seu aprendizado musical, com aulas de teclado. Em seguida aprendeu violão, guitarra, baixo e bateria. Gosta muito de tocar, e toca em uma banda com os amigos.

Lembra-se que na adolescência gravava fitas e produzia desde as músicas até as capas, com ilustrações e gravuras.

Reconhece como seus maiores interesses o gosto pela música, pela leitura e pelo tema dos carros.

Na sessão seguinte Pedro trouxe um disco gravado por ele em conjunto com a sua banda, e explicou:

"Para você saber que tipo de música eu faço".

Foi realmente surpreendente. Pedro aparece cantando, o som é harmônico e agradável e o que mais chamou a atenção foram as letras, criadas por ele. Letras sensíveis, com uma mensagem compreensível e bem elaborada. Relato a Pedro as impressões positivas que o disco causou. Pedro sorri muito satisfeito.

Questionado sobre esse talento para música, Pedro afirma:

“Gosto muito, acho que a música sempre vai fazer parte da minha vida, mas é como *hobby*, uma coisa que eu gosto muito de fazer. Gosto de pensar nas letras, nos temas, de tocar com meus amigos, mas não tenho uma aptidão especial, não sou um músico acima da média, é mais para eu me divertir”.

Diz ter percebido que o mesmo critério aplica-se aos seus interesses pelos carros. Desde criança coleciona carrinhos de ferro e revistas especializadas em automobilismo, muito estimulado pela história do bisavô materno, que foi piloto de corridas, e pelo irmão do pai, engenheiro que também gosta muito de carros.

Pedro realizou uma pesquisa detalhada sobre cursos e profissões. Optou por pesquisar cursos na área de ciências humanas. Foi definido um roteiro para que levantasse informações importantes sobre os cursos, sobre as faculdades e informações profissionais. Pedi que elaborasse algumas perguntas que seriam formuladas a estudantes e a profissionais da área, com o intuito de esclarecer todas as suas dúvidas.

Os cursos que Pedro escolheu para a pesquisa foram: publicidade e psicologia.

## **ETAPA DA ELABORAÇÃO E DA ESCOLHA**

Pedro trouxe o material pesquisado e juntos realizamos o processamento das informações e a discussão sobre as aproximações com seu perfil psicológico, interesses e com o conteúdo esclarecedor vindo do material simbólico.

Os dados mais importantes do processo foram retomados e encadeados com Pedro para destacar seu significado e a possibilitar uma síntese.

O orientando escolheu o curso de psicologia, o que foi motivo de grande alegria para ele.

A escolha parece realmente favorecer os aspectos mais importantes da sua personalidade e promove o realinhamento no caminho das ciências humanas, dos estudos filosóficos e da alma, assim como um interesse cada vez mais emergente nos processos de desenvolvimento humano.

Pedro fez uma observação que sintetiza sua compreensão acerca da sua tipologia e funcionamento: "eu preciso estudar alguma coisa que eu goste e possa aplicar na prática e que me dê possibilidade de trabalho". Percebe que o curso de filosofia, que escolheu anos atrás, o deixaria muito "nas nuvens".

O encerramento do processo de orientação coincidiu com o final do ano. Pedro estava decidido a prestar vestibular para o curso de psicologia.

Marcamos uma entrevista para o início de fevereiro, para o encerramento do processo.



## TATUAGEM

Uma informação nova foi trazida por Pedro nessa etapa de elaboração.

Durante a síntese de dados, em que as figuras escolhidas e seu significado estavam sendo retomados, Pedro observa que os aspectos ligados ao relacionamento amoroso têm grande importância para ele. Ao confrontar-se com as figuras que fazem referência a esse tema, na categoria do afeto e da alteridade, lembra-se de um dado significativo, que relata da seguinte forma:

"Há algum tempo atrás, antes do início da orientação, passei por uma fase em que eu estava muito mal, não tinha nem mais vontade de viver. Achei que não ia conseguir, estava tudo muito difícil. Um dia pensei: acho que não consigo mais. Naquele dia eu resolvi que tinha que fazer alguma coisa, uma atitude, porque senão eu não iria agüentar. Resolvi fazer a tatuagem. Eu já queria fazer uma tatuagem com a lua. Mas não queria uma lua comum, feminina. Queria um círculo com a lua, mas com um fundo diferente."

Pedro mostra a sua tatuagem, feita na parte superior das costas.

Pergunto-lhe se sabia o que era uma mandala. Pedro responde que não, que nunca tinha ouvido falar.

"Mandala, palavra que em sânscrito indica círculo, é um símbolo da completude e do ser perfeito, é uma expressão muito difundida do céu, do sol, e de deus; expressa também a imagem primordial do homem e da alma". (SHARP, 1993, p.133).

Fotografo a tatuagem de Pedro e peço que olhe a sua imagem e comente o que vê.

"Resolvi que ia fazer a lua e para o outro lado do círculo encontrei um desenho maori, tribal. Esse desenho é usado pelos homens, os maoris da Nova Zelândia. Assim, não ficaria somente a lua feminina, mas a lua e um desenho masculino, dentro do círculo".

Ramos (2006, p.318) apresenta estudo sobre motivações e representações simbólicas no comportamento de tatuar-se, sendo que os resultados preliminares da pesquisa indicam como motivações básicas o desejo de mudança de identidade e marcas de transformação, dois aspectos presentes em Pedro.

O motivo da tatuagem foi desenhado por Pedro, um desenho original, contendo os aspectos significativos para ele: a lua e o símbolo masculino dos maoris.

Birman (In CARDOSO, 2006, p.42) apresenta sua compreensão sobre o significado da tatuagem nos adolescentes:

A cultura da tatuagem que hoje se dissemina é uma das formas de singularização buscada atualmente pelos jovens, diante da invisibilidade identitária que os marca a ferro e fogo. Tal como os antigos marinheiros, lançados que eram na aventura de atravessar os incertos oceanos tempestuosos, sem lenço nem documento, com efeito, a juventude marca o seu corpo com tatuagens como formas desesperadas para adquirir alguma visibilidade, isto é, para ser identificada e singularizada. Ao lado disso procuram se reinscrever em outras linhagens e ascendências imaginárias, denunciando deste modo a fragilidade presente no seu sistema de filiação.

A tatuagem é considerada, no presente estudo como uma representação simbólica. A compreensão consciente sobre seu significado não esgota seu valor simbólico, indicando a existência de conteúdos também inconscientes, que querem se manifestar.

A foto da Tatuagem será apresentada no Anexo C.

## **ENCERRAMENTO**

Pedro voltou no início de fevereiro para a última sessão do processo de orientação vocacional. Contou que algumas semanas antes, fora aprovado no vestibular. As aulas começariam na próxima semana.

Foi surpreendente encontrá-lo: tinha cortado os cabelos, seu rosto estava visível, seus olhos brilhavam.

"Acho que eles vão cortar meu cabelo, então eu quis fazer por mim, resolvi cortar antes".

Contou que teve um sonho, duas noites atrás. Relata seu sonho.

## **SONHO Nº3**

"Estava passando na frente da faculdade".

Resolvi entrar para perguntar o dia em que começariam as aulas. Eu sabia, no sonho, que seria no dia 13, mas resolvi perguntar.

Disseram que era no dia 6. Naquele mesmo dia, à noite. Fiquei surpreso!

Então vou voltar, ainda bem que eu perguntei, pensei.

Minha carteirinha de estudante estava pronta, me entregaram.

Fiquei alegre.

Fui embora, para voltar à noite".

## **COMENTÁRIOS SOBRE O SONHO**

"Foi bom esse sonho. Deu uma sensação boa, estava de verdade com um pouco de medo, mas o sonho me acalmou. Foi legal ver minha carteira de estudante. Então não vou chegar atrasado, ainda bem que eu passei aqui, pensei. O mais estranho é que sonhei no dia 6, e minhas aulas começam mesmo dia 13, na próxima semana."

## **ANÁLISE DO SONHO**

"Estava passando na frente da faculdade".

O Ego sonhador assume sua persona de estudante, dirigindo-se para o local certo, a porta da frente, pela qual sua persona real precisa passar para assumir sua nova vinculação com a realidade.

"Resolvi perguntar".

Qualquer jornada deve conter os dois elementos que aparecem no sonho de Pedro: a curiosidade, a formulação da pergunta, o entusiasmo e a alegria de encontrar a resposta para sua busca.

As aulas iam começar naquela mesma noite. Há certa ansiedade e apreensão, naturais e positivas ao considerar-se todo o percurso de Pedro. Chegar à faculdade, uma semana antes, pode significar a recuperação do tempo existencial, representado pelo ciclo semanal. O tempo de *kairós*, o tempo oportuno, é elemento simbólico presente nesse sonho de Pedro. Parece importante que Pedro restabeleça sua ligação com o tempo: a sensação de que "perdeu" tempo é muito forte, refere-se muitas vezes a esse fato como uma perda irreparável para sua consciência. No sonho encontra-se o elemento compensatório, pois Pedro "recupera o tempo", ao

adiantar-se sete dias, o que pode ser entendido como uma possibilidade de reparação psíquica para a experiência que esse jovem viveu como uma perda real.

A psique parece animada.

"A *anima anima*", como lembra Paulo Ruby (1998, p.64), pois dá ao indivíduo a alegria de viver. A conexão com a vida promove o indivíduo e a disposição favorável para a execução de tarefas; isto significa estar dentro da dinâmica da vida e, portanto, inserido no processo de viver.

"Minha carteirinha de estudante estava pronta".

A partir dessa representação onírica, é possível pensar que a persona de estudante, a prontidão para exercer esse papel no mundo, está pronta. O importante reconhecimento do mundo externo acontece no sonho: "me entregaram a carteirinha". É a oficialização da sua aceitação no mundo do "pai", a carteira representa a nova identidade, a nova persona, que é vista e assumida por Pedro.

A escolha vocacional e o retorno aos estudos parecem referendados pelo Self, pois o Ego onírico está confiante, chega adiantado, desperto e recebe a confirmação de sua nova identidade.

## **TEXTO ESCRITO POR PEDRO**

Nessa última sessão de encerramento da orientação, pedi a Pedro que escrevesse uma síntese de como se sentia diante da nova escolha vocacional.

Transcrevo o texto de Pedro:

"Ao olhar para trás, algo que tento não fazer muito devido ao tempo perdido, em alguns momentos não consigo me enxergar nas situações que passei e enfrentei".

A distância entre o que sou e como estava é tão grande que não é possível descrever cada detalhe. As escolhas erradas foram se somando e me distanciando do meu centro, me fazendo vestir uma fantasia que não me cabia.

Agora com novas escolhas e um novo caminho sendo seguido, a paz e a tranquilidade se somam à vontade de progredir e minimizar o tempo perdido.

O que muitos veriam como derrota eu vejo como uma fase a qual eu tinha que passar e superar, me conhecer melhor e separar quem realmente queria me ajudar e quem não se importava comigo.

A muitos tenho que agradecer pois sem ajuda e amor verdadeiro não teria conseguido, mas pessoas boas que acreditam em mim e no meu potencial me ajudaram e hoje sou "eu" recomeçando e vivendo intensamente e com, o que é mais importante, vontade de viver a minha vida sem fugas e falsas ilusões".

## **ILUSTRAÇÃO CLÍNICA: COMPREENSÃO E ANÁLISE**

Nas seções anteriores foi realizada uma análise parcial do material expressivo do orientando. Pretende-se aqui destacar aqui os elementos mais importantes desta coleta de dados para a análise e compreensão dos mesmos.

O processo de orientação vocacional reuniu as informações que pouco a pouco integraram um painel sobre Pedro. A síntese dos dados demonstrou aspectos conscientes e inconscientes da psique, reveladores da singularidade desse indivíduo. Levar à possibilidade de escolha refletida e consciente

A psicologia analítica fundamenta-se na noção dos processos psicodinâmicos, de natureza consciente e inconsciente e na subjetividade do conhecimento. Do ponto de vista da metodologia junguiana, a elaboração simbólica é o caminho pelo qual o conhecimento é alcançado e viabilizado. A elaboração simbólica pela amplificação é o meio através do qual o material simbólico é compreendido na psicologia analítica. (PENNA, 2003, p.214).

A ampliação da consciência, através da elaboração simbólica, fundamenta esta análise de dados e das estratégias escolhidas, tais como os desenhos, as figuras e os sonhos.

Quem sou eu? Qual é o meu caminho? Essas foram as perguntas que deram início à jornada de descoberta de Pedro.

Ficou evidente desde o início do processo que havia um bloqueio dificultando o desenvolvimento de Pedro. As imagens iniciais eram de uma pessoa estagnada em sua evolução, com um represamento da energia psíquica e sinais de depressão.

A atividade mental e imaginativa estava reprimida ou bloqueada: nenhuma idéia, nenhum plano ou projeto de vida consciente, apenas a desesperança e a busca de um alívio momentâneo para essa situação. Entende-se o uso da droga, nesse caso específico, como uma busca de anestesia, uma saída para aliviar a dor, a angústia e a necessidade do enfrentamento da realidade e do mundo externo.

Jung (1999a, §315, p.18) sobre o processo analítico afirma que:

Quem se dedica ao tratamento analítico, acredita, implicitamente, no sentido e no valor da tomada de consciência, que faz com que partes, até então inconscientes da personalidade, sejam submetidas à opção e à crítica conscientes. O paciente é assim colocado diante dos problemas, e incentivado a dar sua opinião e a tomar decisões conscientemente.

Um dos primeiros aspectos que se destaca nesta análise é a relação de Pedro com os pais e a constelação dos complexos parentais. Pedro estava em evidente falta de sintonia com os pais, sem conseguir estabelecer contato com eles. O reflexo dessa falta de comunicação aparece ao redor dos temas que envolvem as figuras parentais, criando os centros de energia, com alta carga emocional, que são os complexos, os quais determinam a sua disposição psíquica.

No caso de Pedro, os complexos estavam, desde o início, intensamente mobilizados, o que se pode afirmar pela manifestação emocional intensa ao redor da temática parental; essa atividade representava, entretanto, imagens de inibição e de retirada do ambiente, levando a pensar que a energia do Ego estava sendo drenada, criando uma situação de vulnerabilidade e fraqueza para a própria consciência.

A atitude de Pedro em relação a si mesmo estava acentuadamente negativa: "não consigo, não sou capaz, acho que não vai ter jeito", eram expressões presentes em seu repertório, afetando profundamente sua percepção e sua disposição para a vida. A aparência física e a configuração psíquica do orientando indicavam seu desânimo, desencorajamento e predomínio sombrio ao redor de suas escolhas e decisões conscientes.

Todo complexo, assim como todo arquétipo que está em sua base mais profunda, contem a dupla polaridade, positiva e negativa. Dessa forma, os complexos estavam constelados nas suas polaridades de avanço e retrocesso, saúde e doença, estagnação e criatividade. Todas as leituras que foram feitas com o material expressivo de Pedro levam em conta essa compreensão.

A estimulação de imagens e da imaginação provoca uma redistribuição de energia. Esse pode ser um dos objetivos da orientação vocacional: o próprio processo é percebido como fator positivo no movimento prospectivo da psique.

Destaca-se a qualidade das imagens e a riqueza do material simbólico. Para um adolescente inibido, com uma franca estagnação da libido, como Pedro, o processo revela-se uma possibilidade de desvendar para si mesmo o cenário

interno, de imaginação e fantasias, que estava inibido, interdito. O termo inibição é usado neste contexto para designar um estado de não movimento, de retirada da motivação e da ação criativa.

As imagens dos desenhos expressam conteúdos até então inconscientes. Baseia-se esta compreensão na visão de Furth (2004, 64), que afirma que "não importa o tipo de desenho que foi feito, já que todos os desenhos levam a conteúdos do inconsciente ou da psique do indivíduo."

Os sonhos foram incluídos pela importância que têm dentro da psicologia analítica, como rico material para a compreensão simbólica do inconsciente .

Gallbach (2000, p.13) afirma que, a mensagem do sonho se encontra no interior de cada um, enquanto "mensagem única para um sujeito único". Importante frisar que apesar da intenção e desejo de uma elaboração ampla do material trazido através dos sonhos, reconhece-se que não é possível apreender todos os seus significados, pois como símbolo é um fenômeno vivo, que não se esgota.

"Os sonhos são de fato a fonte de todo o nosso conhecimento sobre simbolismo". (JUNG, 2000a, §431, p.194).

As imagens nos sonhos de Pedro possibilitaram a elaboração sobre o seu processo de desenvolvimento e escolha vocacional, e foram detalhadas nas seções correspondentes. Algumas imagens, entretanto, são destacadas pela sua amplitude simbólica, por seu caráter arquetípico e para ampliar o campo de discussão e compreensão.

Compreende-se o simbolismo do fogo, presente no 1º sonho relatado, como elemento transformador e purificador, como exposto acima. Seu significado, entretanto, parece traduzir uma maior amplitude que aquela que lhe foi atribuída na análise com Pedro. Sua amplitude confirma seu significado simbólico, parece que os símbolos não são esgotados, sempre há mais um aspecto, uma nuance para uma nova compreensão. A psicologia analítica considera o símbolo como um elemento vivo na psique.

A amplificação é o método adotado por Jung para o trabalho com o material inconsciente, que consiste em estabelecer paralelos significativos, ampliando seu alcance e compreensão. (JUNG, 2000a, §173, p.96).

Pode-se ampliar a compreensão dos símbolos presentes nos sonhos, fazendo-se analogias com material mitológico.

O Mito de *Hefesto* "o mito do criador ferido" parece evidenciar alguns aspectos presentes no material simbólico de Pedro. (PALOMO, 2007, p.427).

Para Chevalier (1988, p.485) *Hefesto*, filho de *Zeus* e *Hera*, era mestre das artes do fogo, e governava os ferreiros, os ourives e os operários e era senhor dos elementos ígneos e dos metais:

*Hefesto* é o deus do fogo, filho de *Zeus* e *Hera*, feio ao nascer, foi rejeitado por pai e mãe, e jogado do Olimpo para o oceano. Como era imortal, sobreviveu à queda, mas ficou coxo. Foi amparado por duas deusas do mar e passou nove anos numa gruta submarina, sob os cuidados dessas mães adotivas. Nesse período, *Hefesto* aprendeu as artes da forja, de transformar elementos através do fogo. *Hefesto* é o único deus trabalhador. Aprendeu as artes da forja, utilizando ferro e metais preciosos na produção de belos e mágicos objetos.

Um aspecto do mito que se destaca é a constelação do arquétipo da rejeição, "aqueles aspectos da nossa alma que constelam as eternas e incontáveis feridas que pouco a pouco desenham o nosso caminho". (PALOMO, 2007, p.427).

O mito de *Hefesto* reflete o arquétipo do criador ferido, e sua humanização pode ser o caminho para o resgate daqueles aspectos rejeitados, depreciados, atirados ao mar, pelos pais e depois, pelo próprio indivíduo, e a transformação desse potencial negativo em potencial criativo.

*Hefesto* carrega em si a contradição entre perfeição e erro, inconcebível a uma divindade, mas inerente ao homem. Sua história alude a uma experiência de dor e rejeição, mas também de resgate da capacidade criativa e do despertar dos próprios talentos e da vocação pessoal.

## **CONCLUSÃO DO CASO**

A orientação vocacional de Pedro foi concluída com a sua escolha pelo curso de psicologia. A etapa da análise envolveu a integração de todas as informações obtidas ao longo do processo, que chamamos de indicadores vocacionais.

Pedro mostrou-se entusiasmado com o caminho escolhido, resultado da escuta e da reflexão pessoais. Afirma ter sentido um grande alívio por assumir, finalmente, que seus interesses e tendências estão na área das ciências humanas, informação que "intuíra", mas que não considerava como norteadora de sua escolha vocacional. À volta para os livros e para o caminho da filosofia parece muito



animadora. Animador é algo que anima, que desperta a *anima*. Parece acontecer no caso de Pedro.

Pedro relata um senso de que a sua escolha está na direção certa. Está entusiasmado com o início das aulas, mostra-se interessado pela psicologia, pelos livros, pelos filmes, pela parceria amorosa... O ânimo e o *pathos* parecem presentes. Uma reconexão com o caminho de *Eros* parece acontecer.

A imagem da tatuagem-mandala indica o desejo da vivência e da integração, ainda em um plano inconsciente, entre os aspectos masculinos da sua consciência e os aspectos femininos da sua *anima*.

Há planos para o futuro, projetos, idéias.

O desenvolvimento que parecia interrompido, bloqueado, percebe-se novamente em ação. O eixo Ego-Self mostra-se restabelecido, e a comunicação com o inconsciente, mais vivificada. Entende-se como exemplo de realinhamento com o processo de individuação.

Pedro pode agora, finalmente, olhar para seu longo percurso na tentativa de realizar o curso de engenharia e entender o que representou o fracasso daquele objetivo, tão arduamente perseguido. O seu modo de enfrentar a difícil situação foi isolar-se, como fuga do enfrentamento.

Jung (2002b, §73, p.36) tem uma compreensão libertadora a respeito dos fracassos:

"Os fracassos, ao invés, são experiências preciosíssimas, não só porque através deles se faz a abertura para uma verdade maior, mas também porque nos obrigam a repensar nossas concepções e métodos."

O uso de drogas também foi refletido e Pedro admite a idéia que serviu como alívio para a situação insuportável de conflito e uma tentativa de preenchimento para o imenso vazio e falta de significado em sua vida.

O entendimento de Zoja (1992, p.35) de que as drogas podem representar uma iniciação negativa, destrutiva e inconsciente e que seu uso não inaugura novas condições e encontra na pura perda a sua realização e o seu acabamento, parece adequado ao caso em questão. Fica evidente a validade dessa interpretação, pela reação de Pedro a essa abordagem:

"Não estou fumando mais maconha, não sinto nem vontade, quero parar totalmente." Essa questão acerca do uso, que foi trazida no início da orientação, volta a ser abordada no encerramento e o encaminhamento de solucioná-la partiu do

próprio orientando. A energia psíquica parece ter encontrado seu curso numa direção mais positiva e prospectiva de vida.

As mudanças físicas também são evidentes, revelando uma face mais luminosa de Pedro.

O encerramento do caso incluiu uma entrevista com os pais. Durante a elaboração dos dados Pedro manifestou a vontade que seus pais viessem para inteirar-se do processo de orientação, expressando ser esse também desejo dos pais. Escolheu não participar da entrevista, queria deixar os pais livres para questionar e contava com a psicóloga para traduzir sua escolha.

Essa opção foi entendida como uma necessidade de autoproteção, diante do longo desgaste que esse assunto representou para a família. Os pais entenderam a escolha de Pedro. Afirmam que gostariam realmente que ele terminasse o curso de engenharia, mas admitem que seu caminho vocacional possa ser outro, diante das inúmeras tentativas sem sucesso que foram feitas. Outro dado importante para a aceitação da escolha de Pedro foi à percepção dos pais de que Pedro está "melhor, mais alegre, mais comunicativo".

O processo de Pedro está também refletido nos pais. Da atitude unilateral dirigida pelo Ego, surge uma possibilidade, um "Será? É, pode ser... que a vocação dele seja mesmo na área de humanas, ele sempre gostou." Surge uma atitude mais valorizadora do automorfismo, da autonomia do filho, a escuta da sua opção e escolha de vida.

Byington (1983, p.45) afirma que no método simbólico é o símbolo que deve explicar ao analisando e ao analista o que ele, símbolo, quer dizer, como intérprete que é do Eixo Ego-Self, na sua função estruturante dos fenômenos da psique.

No caso de Pedro, os símbolos tornaram-se os guias do caminho, apontando, esclarecendo, orientando.

A inclusão do mito de *Hefesto* foi realizada pela possibilidade que oferece do entendimento da dimensão arquetípica e mitológica na vivência humana. A escuta dos relatos de Pedro, trouxe a lembrança do mito pela semelhança da vivência em muitos aspectos.

Pedro era o menino que se sentia feio, pela dificuldade física provocada pelo nistagmo e pelo daltonismo. Viveu uma dificuldade de aceitação por parte dos pais, e como proteção a essa vivência "refugiou-se na caverna subterrânea", por longos anos, isolado do mundo, buscando proteção.

Até mesmo na ferida *narcísica* existe semelhança com *Hefesto*: sua maior mágoa foi a "traição" que imagina ter acontecido, entre a namorada e o amigo.

A imagem do sonho nº. 1, restabelece o caminho. Como o deus, presente de alguma forma na sua psique, Pedro realiza através do fogo a sua ação criativa e regeneradora. E através do trabalho de ligar os metais, processa a ligação interna.

A orientação vocacional pode ser representada pela imagem do vaso alquímico, onde as transformações são operadas. O orientador vocacional trabalha com o conflito e a angústia emergentes diante de uma escolha importante e muitas vezes difícil.

O processo de orientação vocacional estabelece a possibilidade de oferecer ao Ego um espelho para que avalie suas atitudes e escolhas. Ao colocar a ênfase no Self, o arquétipo central, como centro ordenador da psique, oferece ao Ego e à consciência do orientando, um modelo de atitude correta, de valorização da totalidade da psique. O Ego tem a oportunidade de se colocar dialeticamente com o Self.

A orientação vocacional valoriza a escuta interior: todas as informações são importantes e bem-vindas, consideradas como indicadores. Pode ser vivido como um *locus*, um espaço privilegiado, um espaço sagrado. A orientação acompanha processos muitas vezes curtos, mas intensos, pois são carregados de um grande potencial psíquico e criativo, buscando seu encaminhamento. Ao mesmo tempo, propicia uma oportunidade para o ritual de iniciação, a vivência do limiar como tempo de passagem, o preâmbulo da vida adulta. O orientador nesse processo também está inserido na dimensão arquetípica. O arquétipo do mestre-aprendiz pode ser reeditado da mesma maneira como acontecia na Paidéia, onde os mistagogos, os mestres orientavam os adolescentes em seu processo de descoberta.

Pedro retornou algum tempo depois de encerrado o processo de orientação vocacional. Estava entusiasmado com a nova faculdade, estudava à noite e trabalhava durante o dia. Sua vida estava com novos contornos.

O início do curso de psicologia o estava instigando a conhecer-se melhor. Gostaria de continuar, agora em um processo terapêutico. Disse-lhe que era bem-vindo.

Como tarefa da faculdade, precisava ler um livro. Pediu o livro emprestado: *Cartas a um jovem terapeuta*. (CALLIGARIS, 2004). O ritual de passagem estava em andamento.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Investigar a vocação na perspectiva da psicologia analítica e sua abordagem na clínica de adolescentes foi a questão que deu origem a este estudo. A temática da vocação é objeto de interesse e estudo por diferentes escolas psicológicas, assim como a orientação vocacional é campo de pesquisa e aplicação da psicologia clínica.

Determinar a especificidade da abordagem junguiana sobre o tema da vocação em sua dimensão teórica e no manejo clínico com adolescentes foi objetivo desta dissertação.

A aproximação com outras teorias possibilitou algumas constatações. As escolas psicodinâmicas e a escola sócio-histórica e sócio-cognitiva têm uma compreensão e tratamentos específicos sobre a questão da vocação, em alguns aspectos dissonantes com a psicologia analítica.

As abordagens psicodinâmicas entendem a vocação dentro de sua

Como diferencial de especificidade entre a psicologia analítica e as outras abordagens em orientação vocacional, aponta-se o seu entendimento do Self como organizador do desenvolvimento psíquico. Para Byington (2003, p.33), o arquétipo central, regulador e totalizador da psique, inclui a consciência e o Ego, o centro da consciência. As escolhas orientadas predominantemente pelo Ego e pelas funções lógicas e intelectuais, consideram parcialmente a personalidade. A psicologia analítica propõe que a escolha seja orientada pelo Self, no seu sentido mais profundo e ordenador, no qual estão incluídos o Ego e todos os aspectos adaptativos.

Enfatiza o processo de desenvolvimento do indivíduo e ao mesmo tempo a sua inserção na coletividade, como indivíduo ético e social. O encontro com a vocação é compreendido como a escuta de um chamado à personalidade integral, revelando a missão e o destino que esse indivíduo veio cumprir, na dimensão da sua vocação pessoal e na sua inclusão à coletividade.

Orientação vocacional, como entende este estudo, inclui como etapa do processo de desenvolvimento, a descoberta de um caminho profissional: o alinhamento vocacional ajuda o adolescente a realizar a escolha profissional. Esse sentido de direção para a vida é estruturante e fundamental no encaminhamento para a vida adulta. Como diz Campbell (2003, p.132) "descubra qual vai ser a sua profissão e aprenda a fazê-la bem". Privilegia a escuta do que tem significado para o indivíduo. Implica o sentido de processo, pois mais que um fato, é uma atitude permanente de busca.

A individuação aproxima-se da areté, o conceito grego do desenvolvimento pleno do homem como obra de arte, ético e criador. A psicologia de Jung e a Paidéia têm uma grande afinação. O chamado pessoal, o *daimon*, a escuta da voz interior, são conceitos presentes nas duas concepções. Os talentos, carismas, dons são equivalentes à energia psíquica, à libido na compreensão junguiana.

A psicologia analítica alinha-se com a proposta de Campbell (2003), que lembra ao homem seguir a sua bem-aventurança, a *bliss*, que vivifica o ser e faz o olho brilhar. Essas manifestações são sinais da orientação do homem para sua vocação.

Uma ilustração clínica foi apresentada com a finalidade de exemplificar a abordagem da orientação vocacional na concepção da psicologia analítica e demonstrar a utilização do que se denomina o paradigma metodológico de Jung,

segundo o entendimento de Penna (2003). O processo de individuação como o eixo norteador da vida individual e a profunda conexão com o Self, trabalhando para a realização plena dos dons e carismas de cada pessoa, foi o roteiro para a leitura do caso. Através dessa explanação, procurou-se evidenciar esse dinamismo na vida e na expressão da escolha vocacional, feita por um adolescente, que viveu tanto o desencontro como a possibilidade do realinhamento com seu caminho.

Duas questões fundamentais eram norteadoras para o homem, na cultura clássica grega e continuam atuais, se compreendidas na perspectiva do Eixo Ego-Self e do processo de individuação, o desenvolvimento do homem em direção à sua realização plena:

"Conhece-te a ti mesmo" e "descobre o gênio imortal que te habita, o teu *daimon*, aquela energia apaixonada que te torna em algo e te impulsiona na direção da tua missão aqui na Terra". (SALIS, 2002, p. 27).

A realização deste estudo significou uma oportunidade especial em meu caminho pessoal e profissional. Familiarizada com a prática clínica e com os estudos voltados a essa dimensão, mais do que com o ambiente acadêmico, desenvolver esta dissertação representou um desafio e uma grande oportunidade.

A temática da vocação foi tornando-se cada vez mais interessante, revelando-se muito abrangente ao longo do trabalho.

Há relativamente poucos estudos sobre a adolescência na abordagem clínica junguiana, em nosso contexto. Essa é uma área que, pela multiplicidade de fatores envolvidos e suas implicações na contemporaneidade, convida a outras pesquisas.

Participar como aluna do Núcleo de Estudos Junguianos na PUC-SP foi uma inestimável alegria e realização. Jung na universidade é a oportunidade de difundir a apaixonante psicologia analítica, voltada à plena realização do homem e da sociedade.

O destino humano envolve um paradoxo: parte de um chamado irrevogável do *daimon* ao indivíduo, mas depende da sua vontade e escolha para realizá-lo. Não se impõe, mas convida, chama. Esse é o sentido da vocação. Cabe ao homem descobri-lo e realizá-lo em sua própria vida.

## REFERÊNCIAS

ABERASTURY, A. **La adolescência normal**: um enfoque psicanalítico. Buenos Aires: Paidós, 1974.

ABRÃO, B.S. **História da filosofia**. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

ALFREDO, R.A. **Aproximações explicativas a partir da análise de sentidos e significados constituídos em espaços/momentos/situações de escolha na escola**. Dissertação (Mestrado em Psicologia da Educação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006.

AMMANN, R. **A terapia do jogo de areia**. São Paulo: PAULUS, 2002.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6024**: informação e documentação – numeração progressiva das seções de um documento escrito – apresentação. Rio de Janeiro, 30 jun. 2003.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6028**: informação e documentação – resumo – apresentação. Rio de Janeiro, 29 dez. 2003.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6034**: informação e documentação – índice – apresentação. Rio de Janeiro, 31 jan. 2005.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 14724**: informação e documentação – trabalhos acadêmicos – apresentação. Rio de Janeiro: 30 jan. 2006.

BARCELLOS, G. **Vôos e raízes**. São Paulo: Agora, 2006.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2004.



BARROS, D. **Estruturação de uma técnica projetiva de interesse para**

BREATHNACH, S.B. **Algo mais**. Rio de Janeiro: Sextante, 2002.

BYINGTON, C.A.B. O desenvolvimento simbólico da personalidade. Os quatro ciclos arquetípicos. **Junguiana: Revista da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica**. São Paulo: SBPA, n.1, 1983.

BYINGTON, C.A.B. Adolescência e Interação do *self* individual, familiar, cultural e cósmico. Introdução à psicologia simbólica da dinâmica familiar. **Junguiana: Revista da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica**. São Paulo: SBPA, n.6, 1988.

BYINGTON, C.A.B. **A construção amorosa do saber**: o fundamento e a finalidade da pedagogia simbólica junguiana. São Paulo: Religare, 2003.

BYINGTON, C.A.B. Transcendência e totalidade. **Viver mente e cérebro. Coleção memórias da psicanálise. Jung: a psicologia analítica e o resgate do sagrado**. Vol. 2, p.9, 2006.

BYINGTON, E. **O homem que leu a alma**: entrevista com James Hillman. Rio de Janeiro, Disponível em: <<http://www.rubedo.psc.br/Entrevis/entrhilm.html>>. Acesso em: 18 out. 2005.

CALLIGARIS, C. **A adolescência**. São Paulo: Publifolha, 2000.

CALLIGARIS, C. **Cartas a um jovem terapeuta**. Rio de Janeiro: Alegro 2004.

CAMARGO, L. **Orientação profissional – uma experiência psicodramática**. São Paulo: Agora, 2006.

CAMPBELL, J. **O poder do mito**. São Paulo: Palas Athena, 1990.

CAMPBELL, J. **O herói de mil faces**. São Paulo: Cultrix, 1995.

CAMPBELL, J. **A jornada do herói: Joseph Campbell vida e obra.** São Paulo: Agora, 2003.

CAMPBELL, J. **As máscaras de Deus.** São Paulo: Palas Athena, 1992.

CARDOSO, M.R. (Org.) **Adolescentes.** São Paulo: Escuta, 2006.

CAVALCANTI, G. O arquétipo, o caminho e o caminhar da alma. Monografia (M-059). **Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica.** Rio de Janeiro: SBPA, 1997.

CERVO, A.L.; BERVIAN, P.A. **Metodologia científica.** São Paulo: Makron Books, 2002.

CHARLOT, B. (Org.) **Os jovens e o saber.** Porto Alegre: Artmed, 2001.

CHEVALIER, J.; GHEERBRANT, A. **Dicionário de símbolos.** Rio de Janeiro: José Olympio, 1988.

COSTA, L. A. F. **O olhar do jovem para o futuro profissional: descrença ou esperança?** (Um estudo de caso junto à Escola de Aplicação FEUSP). Dissertação (Mestrado em História e Filosofia da Educação) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

D'AUREA - TARDELLI, D. **A manifestação da solidariedade em adolescentes: um estudo sobre a personalidade moral.** Tese (Doutorado em Psicologia Escolar e do desenvolvimento) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

DEITCH, J. **Post Amam Exhibit Catalog Essay 1992-93,** Disponível em: <<http://www.art.edu/~pcarroll/PostHuman.html>>. Acesso em: 26 mai. 2005.

DIMENSTEIN, G. A descoberta do antídoto contra a violência. **Folha de São Paulo,** São Paulo, 1 jun. 2003. Caderno Cotidiano, p. C10.

DIMENSTEIN, G. Os heróis anônimos. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 8 jun. 2003. Caderno Cotidiano, p. C10.

DOWNING, C. (Org.) **Espelhos do Self**. São Paulo: Cultrix, 1994.

EDINGER, E.F. The Ego-Self Paradox. **The Journal of Analytical Psychology**, nº5: 1, p.3-18, 1960.

EDINGER, E. F. **A criação da consciência**. São Paulo: Cultrix, 1996.

EDINGER, E. **Anatomia da psique**. São Paulo: Cultrix, 2002.

ELIADE, M. **Mitos, sonhos e mistérios**. Lisboa: Edições 70, 2000.

ELIADE, M. **Mito e realidade**. São Paulo: Perspectiva, 2004.

ENNE, A. L. S. O “defensor do indivíduo”: Hermann Hesse e o processo de massificação nas primeiras décadas do século XX. **Revista Alceu**. Vol.5 - nº10 - p.94 a 115, jan. a jun. 2005. Disponível em [www://publique.rdc.puc-rio/revistaalceu](http://www://publique.rdc.puc-rio/revistaalceu). Acesso em 18 out. 2006.

FARIA, D. L. **O pai possível**. São Paulo: EDUC, 2003.

FEINSTEIN, D.; KRIPPNER, S. **Mitologia pessoal**. São Paulo: Cultrix, 1994.

FELDMAN, B. Identity, Sexuality and the Self in late adolescence. **The Journal of Analytical Psychology**, nº 41, p. 491-507, 1996.

FELDMAN, B. The Lost Steps of Infancy: Symbolization, Analytic Process and the growth of the Self. **The Journal of Analytical Psychology**, nº 47, p. 397- 406, 2002.

FELDMAN, B. A Skin of Imaginal. **The Journal of Analytical Psychology**, nº 49, p.285-311, 2004.

FELDMAN, B. **Infancia y niñez: un punto de vista post-Fordham**. Disponível em <http://www.rubedo.psc.br/artigosb/infinez>. Acesso em: 1 mai. 2006.

FERREIRA, A.B.H. **Dicionário Aurélio básico da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

FERREIRA, I.B. **A orientação vocacional clínica – para um mundo em transformação social e tecnológica**. Dissertação (Mestrado em Psicologia do Desenvolvimento Humano) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003.

FERRETI, C. A escolha profissional em questão. **Revista Labor**. São Paulo, Edição nº. 0, p. 125-132, out.2001.

FORDHAM, M. **A criança como indivíduo**. São Paulo: Cultrix, 2001.

FRANKEL, R. **The Adolescent Psyche**. Essex: Routledge, 2005.

FREITAS, L. V. **Psicoterapia como um rito de iniciação: estudo sobre o campo simbólico através de sonhos relatados no self terapêutico**. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 1987.

FREITAS, M.V.; ABRAMO, H.W.; LEON, O.D. **Juventude e adolescência no Brasil**. São Paulo: Ação Educativa, 2005.

FROTA, A.M.M.C. **O desalojamento e a reinstalação de si - mesmo: um percurso fenomenológico para uma compreensão da adolescência, a partir das narrativas**. Tese (Doutorado em Psicologia Escolar) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

FURTH, G. **O mundo secreto dos desenhos: uma abordagem junguiana da cura pela arte**. São Paulo: Paulus, 2004.

FUVEST. **Estatística**. Disponível em: <[http:// www.fuvest.br/serviços/estatísticas](http://www.fuvest.br/serviços/estatísticas)>. Acesso em: 20 abr. 2007.

GAIOSO, N.P.L. **O fenômeno da evasão escolar na educação superior do Brasil**. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Católica de Brasília, Brasília, 2005.

GALLBACH, M. R. **Aprendendo com os sonhos**. São Paulo: Paulus, 2000.

GIDDENS, A. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

GIMENEZ, P. D. **Orientação profissional: uma abordagem junguiana: da técnica ao ritual**. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

GLEISER, M. **A dança do universo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

GONÇALVES, C.M.; COIMBRA J.L. **Espiritualidade e desenvolvimento vocacional: ambigüidades e ensaio de clarificação**. Disponível em <http://www.psicologia.com.pt/artigos> Acesso: em 8 out. 2004.

GONZALES REY, F. L. **Pesquisa qualitativa em psicologia**. São Paulo: Pioneira Thomson, 2002.

GREENE, L. **A astrologia do destino**. São Paulo: Cultrix: 2003.

GUEDES, C. Escolha da carreira é orientada pelo mercado. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 27 fev. 2003, folha equilíbrio, p.6.

GUIRADO, M. Vértices da pesquisa em psicologia clínica. **Psicol. USP**, São Paulo, vol.8, nº 1,1997. Disponível em <<http://www.scielo.br>>. Acesso em: 30 jul. 2006.

HALPERN-CHALOM, M. **Contar histórias e expressar-se**. Dissertação (Mestrado em Psicologia Escolar) - Universidade de São Paulo. São Paulo, 2001.

HEFNER, A. G. Daimon. **Encyclopedia Mythica**. Disponível em <<http://www.panttheon.org/artcles/d/daimon.html>>. Acesso em: 26 mai. 2005.

HENDERSON, J.L. **Thresholds of Initiation**. Wilmette: Chiron, 2005.

HERRMANN, F. **Pesquisa psicanalítica, ciência e cultura**. Out./Dez.2004, vol.56, nº4. Disponível em <<http://ciência e cultura.bvs.br/scielo>>. Acesso em: 06 ago. 2006.

HESSE, H. **Demian**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

HILLMAN, J. **Cem anos de psicoterapia**. São Paulo: Summus, 1995.

HILLMAN, J. **Psicologia arquetípica**. São Paulo: Cultrix, 1995.

HILLMAN, J. **Picos e vales**. Disponível em <<http://www.rubedo.psc.br/picovale.htm>>. Acesso em: 1 out.2005.

HILLMAN, J. **O código do ser: uma busca do caráter e da vocação pessoal**. Rio de Janeiro: Objetiva, 1997.

HOLLIS, J. **Rastreamento os deuses: o lugar do mito na vida moderna**. São Paulo: Paulus, 1997.

HOPCKE, R. **Sincronicidade**. Rio de Janeiro: Nova Era, 1999.

HOUAISS, A. **Dicionário inglês - português**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

IBASE. **Juventude brasileira e democracia**. Disponível em: <[http://www.ibase.org.br/puberdade/media/ibase\\_relatório\\_juventude](http://www.ibase.org.br/puberdade/media/ibase_relatório_juventude)>. Acesso em: 28 nov. 2005.

JAEGER, W. **PAIDÉIA: a formação do homem grego**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

JARDIM, G.C. **Adolescência e modernidade**: o sujeito entre o circuito pulsional e o circuito social. Tese (Doutorado em Psicologia da Aprendizagem e do desenvolvimento Humano) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

JUNG, C.G. **Face to Face: John Freeman's Interview**. London: BBC, 1959 .1 videocassete.

JUNG, C. G. **O homem e seus símbolos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977.

JUNG, C.G. **Aion - estudos sobre o simbolismo do si - mesmo**. OCIX/2. Petrópolis: Vozes, 1986a.

JUNG, C.G. **A natureza da psique**. OCVIII/2. Petrópolis: Vozes, 1986b.

JUNG, C.G. **O desenvolvimento da personalidade**. OCXVII. Petrópolis: Vozes, 1986c.

JUNG, C.G. **Símbolos da transformação**. OCV. Petrópolis: Vozes, 1986d.

JUNG, C.G. **O Eu e o inconsciente**. OCVII/2. Petrópolis: Vozes, 1988.

JUNG, C. G. **Psicologia do inconsciente**. OCVII/1. Petrópolis: Vozes, 1989.

JUNG, C. G. **Tipos psicológicos**. OCVI. Petrópolis: Vozes, 1991.

JUNG, C. G. **Memórias, sonhos, reflexões**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

JUNG, C.G. **Ab-reação, análise dos sonhos, transferência**. Petrópolis: Vozes, 1999a.

JUNG, C. G. **Presente e futuro**. OCX/1 Petrópolis: Vozes, 1999b.

JUNG, C.G. **A vida simbólica**. OC XVIII/1. Petrópolis: Vozes, 2000a.



JUNG, C.G. **A vida simbólica**. OC XVIII/2. Petrópolis: Vozes, 2000b.

JUNG, C.G. **Civilização em transição**. OCX/3. Petrópolis: Vozes, 2000c.

JUNG, C. G **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. OCIX/1. Petrópolis: Vozes, 2000d.

JUNG, C. G. **A energia psíquica**. OCVIII/1 Petrópolis: Vozes, 2002a.

JUNG, C.G. **A prática da psicoterapia**. OCXVI/1. Petrópolis: Vozes, 2002b.

KAST, V. **A dinâmica dos símbolos**. São Paulo: Loyola, 1997a.

KAST, V. **Pais e filhas, mães e filhos**. São Paulo: Loyola, 1997b.

KNOBEL, M. Aspectos conscientes e inconscientes em orientação vocacional. In: LEVENFUS, R.S. **Psicodinâmica da escolha profissional**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2004.

LEHMAN, Y. P. **Estudo sobre a evasão universitária**: as mudanças de paradigma na educação e suas conseqüências. Tese de livre docência - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

LEMONS, C.G. **Adolescência, identidade e escolha da profissão no mundo do trabalho atual:um estudo exploratório**. Dissertação. (Mestrado em Psicologia Escolar e Desenvolvimento Humano) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

LEVENFUS, R. S. **Psicodinâmica da escolha profissional**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2004.

LIMA FILHO, A. P. **Brincadeiras selvagens**: problema nosso. São Paulo: Oficina de textos, 1997.

LIMA FILHO, A. P. **O pai e a psique**. São Paulo: Paulus, 2002.

LIPOVETSKY, G. **Os tempos hipermodernos**. São Paulo: Barcarolla, 2004.

LISBOA, M. D. **O.P. e o atual mundo do trabalho: a busca de um novo significado frente a um novo cenário**. Tese (Doutorado em Psicologia Social) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2003.

MACHADO, J.P. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. Lisboa: Horizonte, 1990.

McGUIRE, W; HULL, R.F.C. **C. G. Jung: entrevistas e encontros**. São Paulo: Cultrix, 1982.

MANSANO, S.R.V. **Vida e profissão: cartografando trajetórias**. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2002.

MANSO, S.R.V. **Vida e profissão**. São Paulo Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2002.

MARAN, M.L.C.J. **A escolha profissional de adolescentes através do BBT - Br e do questionário desiderativo**. (Mestrado em Psicologia) - Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2004.

MATHEUS, T.C. **Ideais na adolescência: falta e perspectiva na virada do século**. (Mestrado em Psicologia Social) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

MEC. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Lei das diretrizes e bases da educação nacional**. Lei nº9394. Disponível em < <http://www.portal.mec.gov.br> > Acesso: em 01 jul.2006.

MILLAN, L.R. **Vocação médica: um estudo de gênero**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005.

MÜLLER, L. **O herói**. São Paulo: Cultrix, 1992.

MÜLLER, M.S.; CORNELSEN, J.M. **Normas e Padrões para Teses, Dissertações e Monografias**. Londrina: Eduel, 2003.

NEUMANN, E. **A criança**. São Paulo: Cultrix, 1991.

NEUMANN, E. **História da origem da consciência**. São Paulo: Cultrix, 2003.

NOVAES, C. F. **As determinações sociais no problema da escolha profissional: contradições e angústias nas opções dos jovens das classes sociais de alta renda**. Tese (Doutorado em Psicologia Social) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2003.

PAPADOPOULOS, R.K. **The Handbook of Jungian Psychology**. Sussex: Routledge, 2006.

PALOMO, V. **Hefesto ou o mito do criador ferido**. In: CONGRESSO LATINO AMERICANO DE PSICOLOGIA JUNGUIANA, 4., 2006, Punta del Leste. **Anais...**Punta del leste: Editora Maria Pia Ciasullo, 2006.p. 427.

PENNA, E. M. D. **Um estudo sobre o método de investigação da psique na obra de C. G. Jung**. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2003.

PESSOA, F. **O eu profundo e os outros eus**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

PESSOA, F. **Mensagem**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

PESSOA, F. As diferentes pessoas em Pessoa. **Revista Cult Biografias**. Fernando Pessoa, o poeta da inquietude e das assossegos. São Paulo: Bregantini, s. d.

PESSOA, F. **Nota auto-biográfica de F.P.** Disponível em <<http://www.instituto-camoes.pt/escritores/pessoa>>. Acesso em 12 mai. 2005.

PESSOA, F. **Obra em poesia**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2005.

PESSOA, F. **Obra em prosa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2005.

PESSOA, F. **O livro do desassossego**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

PIERI, P. **Dicionário junguiano**. São Paulo: Paulus; Petrópolis: Vozes, 2002.

RAMOS, D; MACHADO, P. Consciência em evolução. **Revista Viver Mente & Cérebro. Coleção memórias da psicanálise. Jung: a psicologia analítica e o resgate do sagrado**. Vol. 2, p.9, 2006.

RAMOS, D. Motivações e representações simbólicas no comportamento de tatuar-se: um estudo analítico. In: CONGRESSO LATINO AMERICANO DE PSICOLOGIA JUNGUIANA, 4., 2006, Punta del Leste. **Anais...** Punta del Leste: Editora Maria Pia Ciasullo, 2006. p.318-319.

RAMPAZZO, G.R. Extudo do Pós - Tudo, **Revista TEXTOS de la CiberSociedade**, 4. Temática variada. Disponível em: <<http://www.cibersociedad.net/textos>>. Acesso em: 8 fev. 2006.

VEJA: revista semanal. Ilustrações diversas. São Paulo: Ed. Abril, jan.a out.2005. Principalmente il. Color.

REY, G. **Pesquisa qualitativa em psicologia: caminhos e desafios**. São Paulo: Pioneira Thomson, 2002.

ROSA, S. I. G.; SANTOS, M.C. **O conceito de paidéia**. Disponível em <<http://www.educ.fc.ul.pt/docentes>> . Acesso em 20 mai. 2005

RUBY, P. **As faces do humano**. São Paulo: Oficina de Textos, 1998.

SAINT-EXUPERY, A. **Cidadela**. São Paulo: Quadrante, 1966.

SAFFO, P. Uma aposta na modernidade. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 12 fev. 2006, caderno Aliás, p.13.

SALEM, D. **Uma leitura simbólica do espírito empreendedor**. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006.

SALIS, V. **Paidéia**. São Paulo: 2002.

SALIS, V. **Mitologia viva**. São Paulo: Nova Alexandria, 2003.

SALIS, V. **Ócio criador, trabalho e saúde**. São Paulo: Claridade, 2004.

SALLES, C.A. Viver neste mundo. Comentários sobre o conceito de individuação. **Junguiana: Revista da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica**. São Paulo: SBPA, n.8, 1990.

SAMUELS, A. **Jung e os pós-junguianos**. Rio de Janeiro: Imago, 1989.

SANT'ANNA, P.A. **As imagens no contexto clínico de abordagem junguiana: uma interlocução entre teoria e prática**. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

SANTOS, O. B. **Orientação e seleção profissional**. São Paulo: Livraria Pioneira, 1976.

SCHURÉ, E. **Os grandes iniciados**. São Paulo: Madras, 2005.

SEVERINO, A.J. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Cortez, 2002.

SHARP, D. **Léxico junguiano**. São Paulo: Cultrix, 1993.



VOLTOLINI, R. **A questão da vocação**: psicanálise e psicologia. Tese (Doutorado em Psicologia Escolar e Desenvolvimento Humano) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999.

VON FRANZ, M. - L. O Processo de Individuação. In: JUNG, C.G. **O homem e seus símbolos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977.

VON FRANZ M. - L. **C.G. Jung - Seu mito em nossa época**. São Paulo: Círculo do Livro, 1992.

VON FRANZ, M. - L. **Reflexos da alma**. São Paulo: Cultrix, 1993.

VON FRANZ, M. - L. **Psicoterapia**. São Paulo: Paulus, 1999.

WAHBA, L. L. O cientista criador. Entrevista com Dr. Carlos Byington. **Junguiana: Revista da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica**. São Paulo: SBPA, n.22, 2004.

WHITMONT, E.; PERERA, S. **Sonhos, um portal para a fonte**. São Paulo: Summus, 1995.

YALOM, I. **Mentiras no divã**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

YOUNG-EISENDRATH, P.; DAWSON, D. **Manual de Cambridge para estudos junguianos**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

ZARIAS,A; EVANGELISTA,R. O mundo do trabalho em mutação: profissões deixam de existir, outras são criadas. **Revista Ciência e Cultura**. Jan. / mar. 2004, vol.56, nº1. Disponível em: <<http://www.cienciaecultura.bvs.br>. Acesso em 10 fev.2007.

ZOJA, L. **Nascer não basta**. São Paulo: Axis Mundi, 1992.

ZOJA, L.; WILLIAMS, D. **Manhã de setembro**. São Paulo: Axis Mundi, 2003.

ZWEIG C.; ABRAMS. B. **Ao encontro da sombra.** São Paulo: Cultrix, 1994.

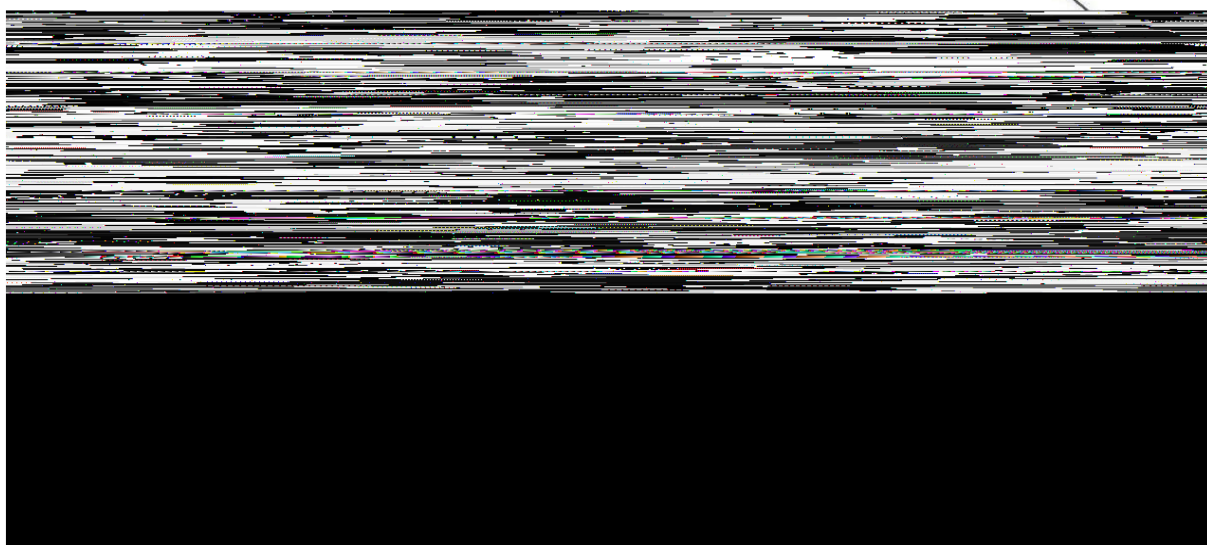
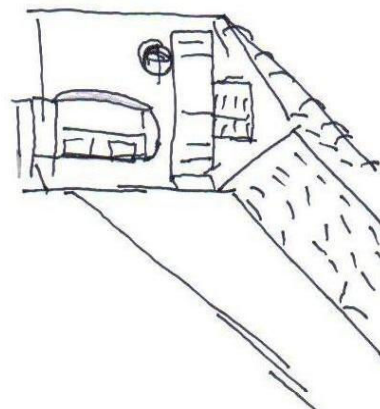
ZWEIG, C; WOLF, S. **O Jogo das sombras.** Rio de Janeiro: Rocco, 2000.



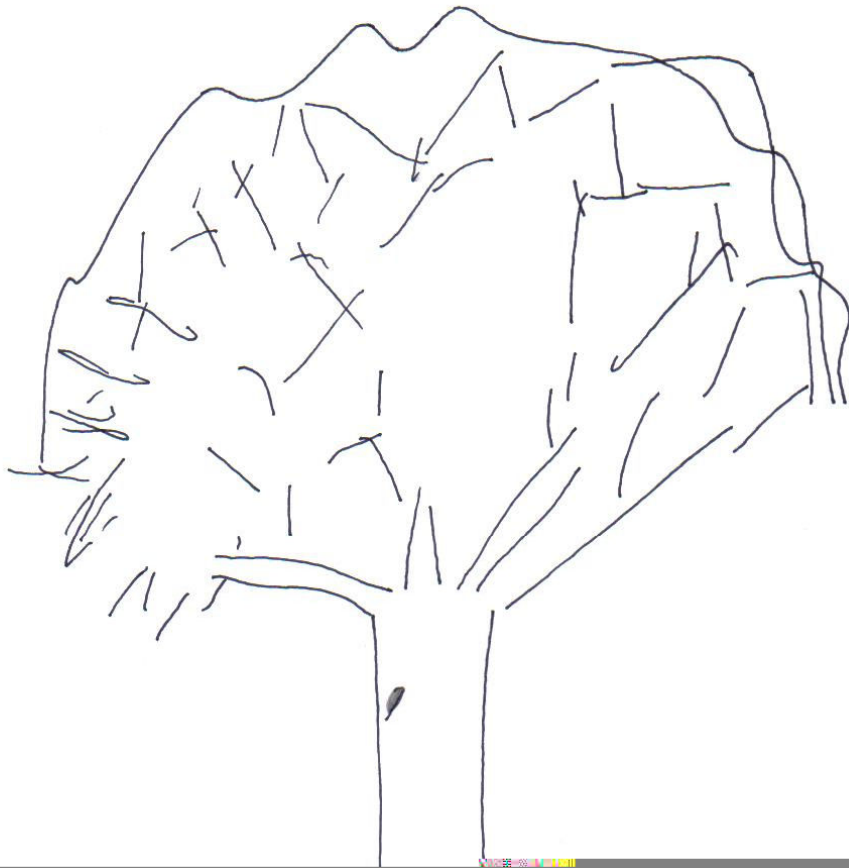
## **ANEXOS**

## ANEXO A – DESENHOS

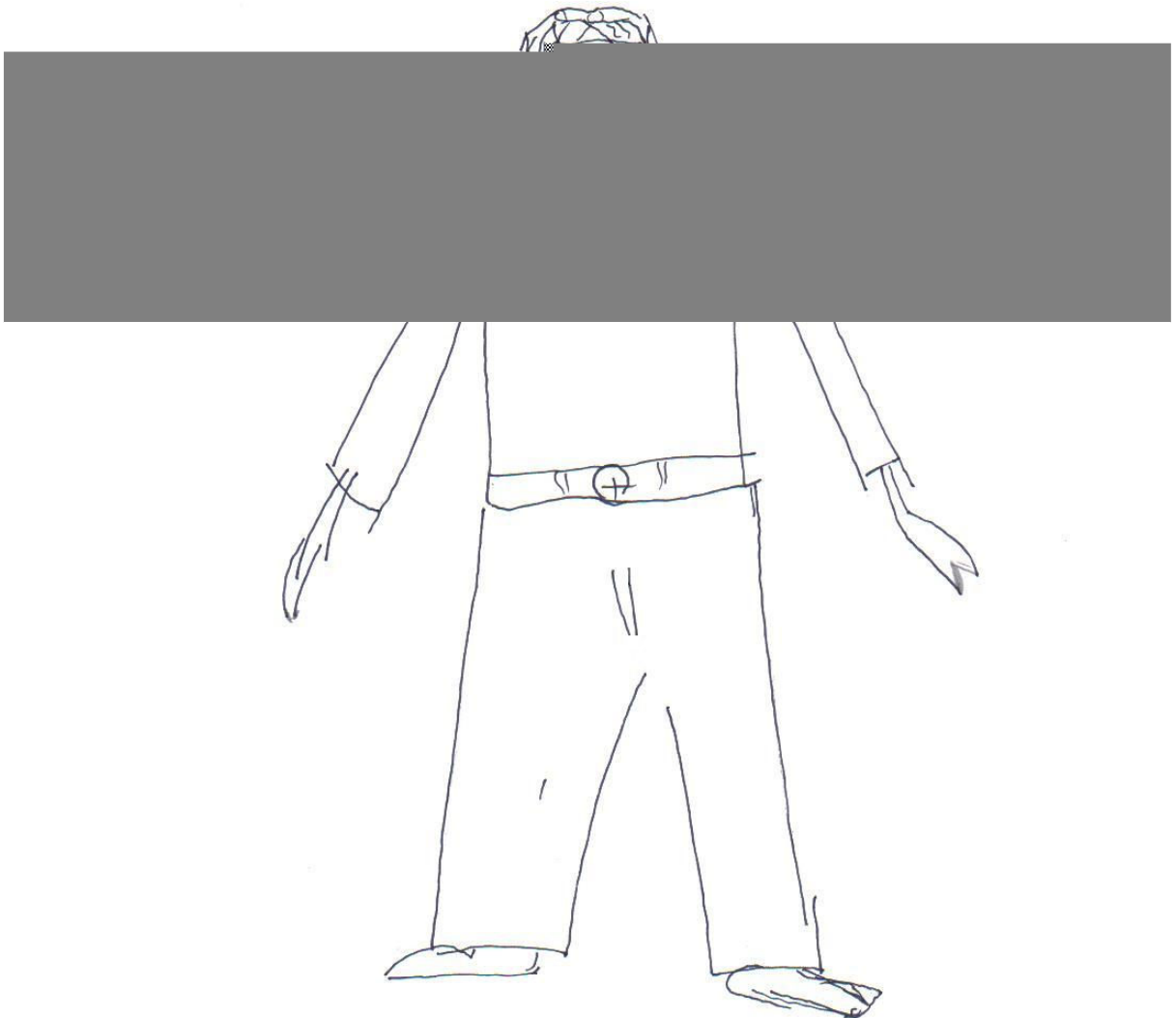
### CASA



# ÁRVORE



# PESSOA

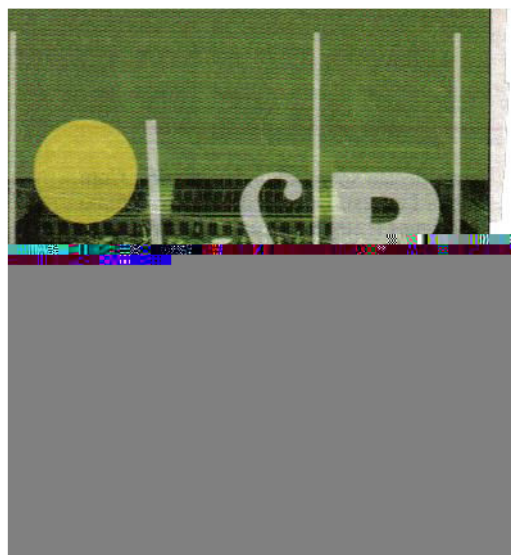


## ANEXO B – FIGURAS

### "INSTRUMENTOS MUSICAIS"



### "ORQUESTRA SINFÔNICA"



**"DESENHO ABSTRATO"**



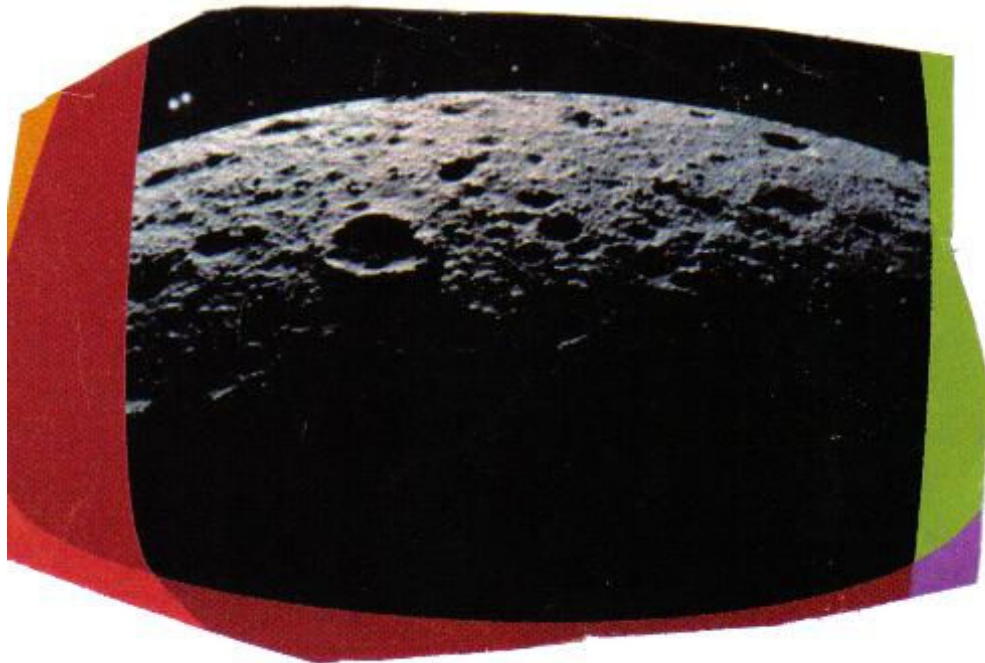
**"O MAPA DO BRASIL"**



**"CDS DE MÚSICA"**



**"A SUPERFÍCIE DA LUA"**



**"UM DESENHO TRIBAL COM UM CORAÇÃO"**

**"A PALAVRA AMOR"**





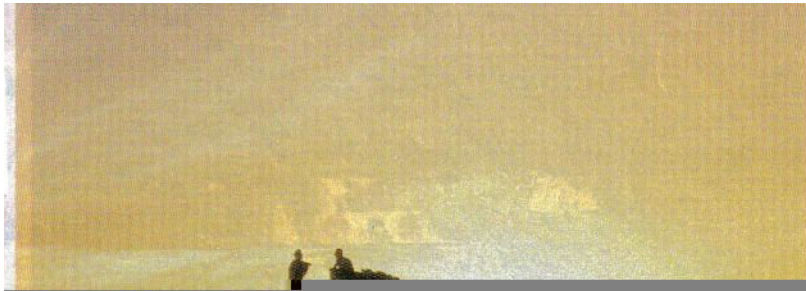
**"UM CASAL DE PERIQUITOS"**



**"UMA JOVEM BONITA"**



**"UMA PRAIA E O MAPA"**



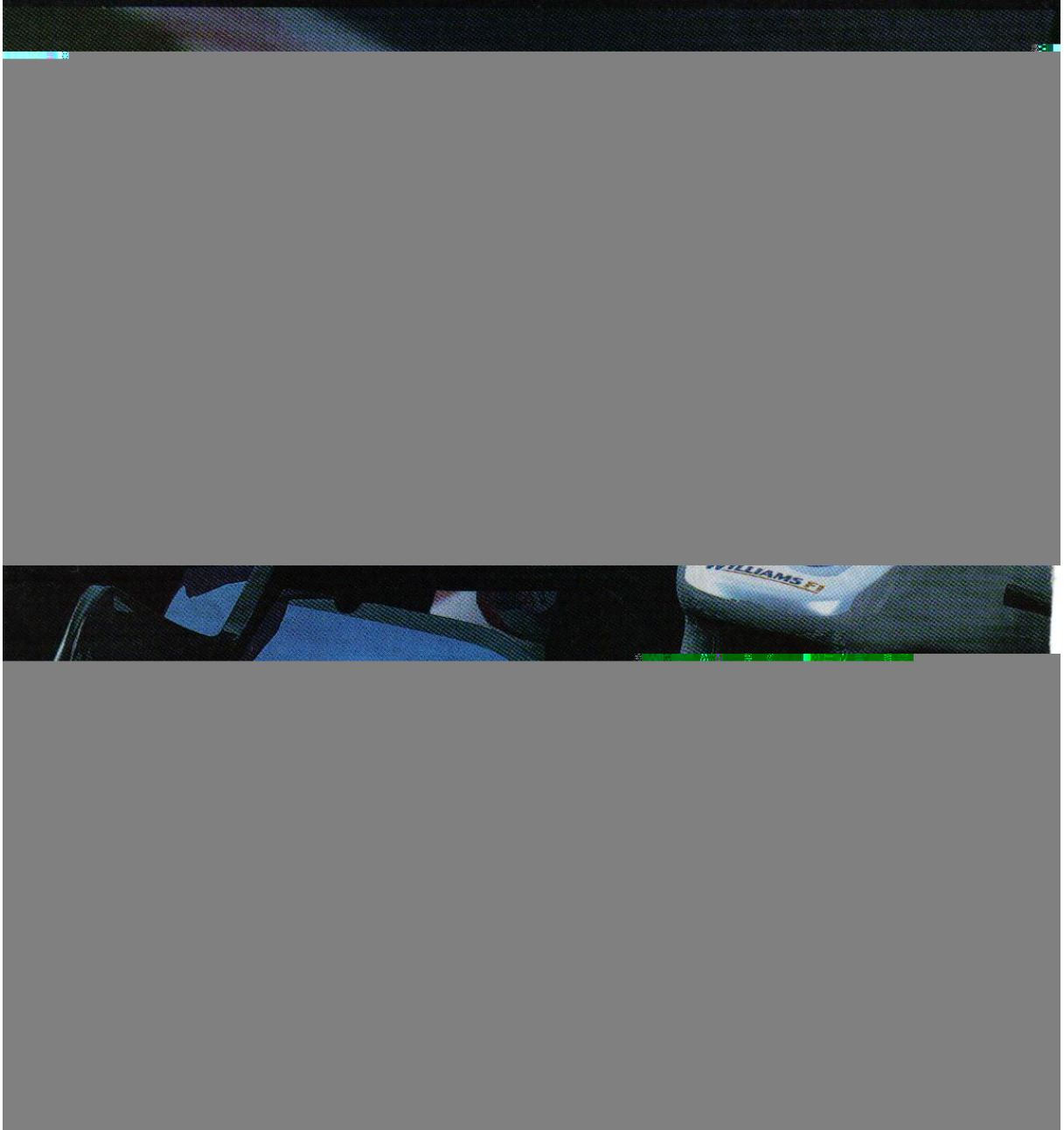
## "UM CARRO"



## "UM CASAL DE NAMORADOS"



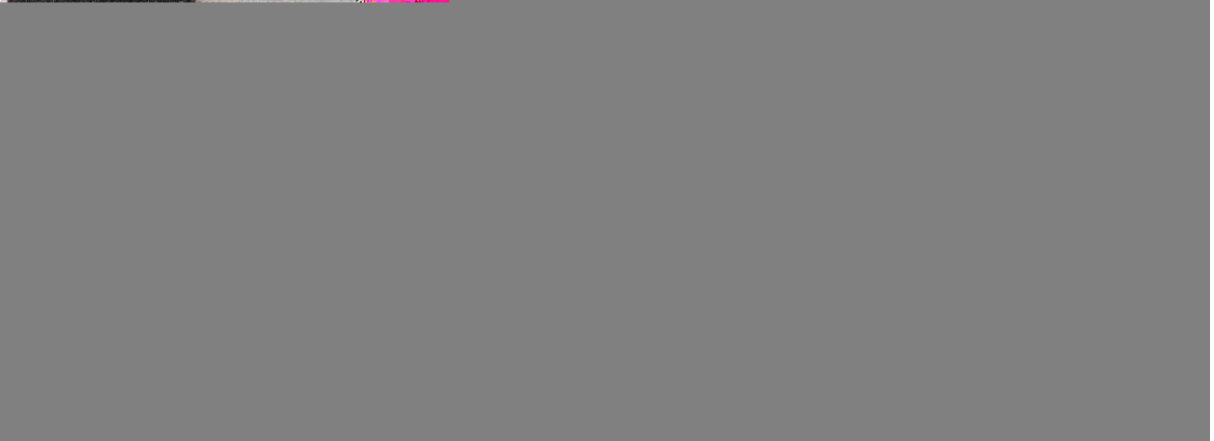
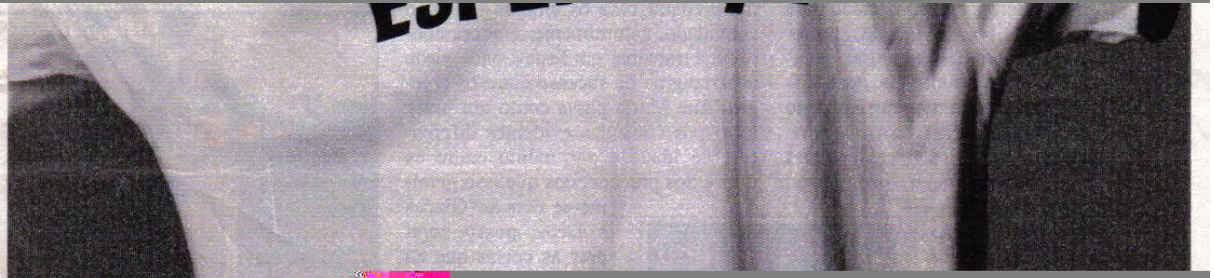
## "UM CARRO DE CORRIDAS"



## "UM CASAL DE NAMORADOS"



# "ESPERANÇA"



## ANEXO C – TATUAGEM





# Livros Grátis

( <http://www.livrosgratis.com.br> )

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)  
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)  
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)  
[Baixar livros de Matemática](#)  
[Baixar livros de Medicina](#)  
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)  
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)  
[Baixar livros de Meteorologia](#)  
[Baixar Monografias e TCC](#)  
[Baixar livros Multidisciplinar](#)  
[Baixar livros de Música](#)  
[Baixar livros de Psicologia](#)  
[Baixar livros de Química](#)  
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)  
[Baixar livros de Serviço Social](#)  
[Baixar livros de Sociologia](#)  
[Baixar livros de Teologia](#)  
[Baixar livros de Trabalho](#)  
[Baixar livros de Turismo](#)